

Editorial

A revista *Estudos de Psicanálise* vem desenvolvendo uma ampliação em sua periodicidade (dois números por ano) e no corpo editorial (passando a partir deste número para seis editores: Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ), Cibele Prado Barbieri (CPB), Isabela Santoro Campanário (CPMG), Marcelo Wanderley Bouwman (CPP), Noeli Reck Maggi (CPRS) e Ricardo Azevedo Barreto (CPS) visando o estímulo permanente da escrita psicanalítica, que se mostra um recurso indispensável à interlocução com diversas áreas do saber: medicina, psiquiatria, direito, educação, filosofia, artes, etc.

O surgimento da psicanálise representou uma ruptura epistemológica profunda com o modelo médico positivista do século XIX, e ocorreu, no seu desenvolvimento, uma crescente diferenciação com relação ao campo médico como um todo. Dois campos do saber foram evoluindo, dois discursos que não se confundem. Considerando a possibilidade de que haja uma ponte bem constituída entre esses dois territórios desde a sua origem, talvez a psicanálise tenha uma dívida simbólica com a medicina e possa contribuir para o enriquecimento da prática médica atual.

Se recordarmos alguns nomes que trabalharam fortemente nessa fronteira, na experiência da psicanálise extratratamento, tais como Groddeck, Ferenczi, Balint e Winnicott, observaremos inovações e contribuições originais para muito além do consultório particular, que nos ajudarão a refletir sobre as questões contemporâneas relacionadas à saúde da população. Na nossa experiência no Hospital Barão de Lucena-SUS-PE, de quase 26 anos, o grupo Balint é um espaço privilegiado de encontro, articulações e integração da prática médica, conferindo aos cuidadores retaguarda afetiva, técnica e ética.

O médico precisa se colocar suficientemente próximo de seu paciente para ouvi-lo holisticamente, mantendo sua sensibilidade de “gente”; e suficientemente afastado para que o sofrimento com todos os problemas envolvidos não o impeça de exercer a sua função específica. Somente uma certa distância permite respeitar o outro e promover a sensibilidade e a delicadeza necessárias para perceber sua alteridade e sua singularidade, já que o excesso de proximidade e intimidade leva à confusão. É indispensável o cultivo de um *ethos* da distância, da solidão e do silêncio, nesta sociedade dominada pela “tirania da intimidade”.

A briga pela certeza diagnóstica, sobretudo com a utilização de tecnologias cada vez mais sofisticadas, afasta o médico do convívio com a dúvida. A aquisição da competência para conviver com a dúvida talvez seja uma das maiores seguranças para a saúde mental. O que nos parece uma afirmação definitiva, façamos com que se aproxime de uma certeza provisória, suficiente para assegurar uma próxima progressão. Não que seja desnecessário confirmar, com certeza, um diagnóstico e uma proposta terapêutica, correndo riscos inerentes à própria função; no entanto, não podemos deixar que essa certeza nos faça ascender a uma posição de poder absoluto, incontestável e irrevogável.

Convidar o médico a ir além de seu trabalho cotidiano implica uma responsabilidade permanente. Não é ético levantar questões e dúvidas e voltar para seu terreno seguro, seu consultório fechado de psicanálise e sua linguagem rebuscada. Implicar-se nas fronteiras, exercer a mediação entre a dor e o sofrimento, facilitar que o profissional de saúde se habilite cada vez mais para essa mediação parece ser a tarefa fundamental do psicanalista diante do mal-estar dos nossos dias, onde se adere compulsivamente à linguagem instrumental (medicina baseada em evidências), esvaziando-se o registro metafórico e simbólico dos discursos.

Estamos falando de fronteira. “Fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente” (HEIDEGGER).

Ao redor de cada fronteira, existe uma região de interseção, onde o eu e o outro convivem num lugar de ambos. Assim sendo, a fronteira promove a separação, o limite e, ao mesmo tempo, possibilita a interseção. Os embates de fronteira tendem a ser conflituosos, e é sempre necessário um enorme cuidado do analista para não se colocar na posição do saber, mesmo que finja para si próprio e para os outros que nunca toma essa posição. Para realmente interagir, para propor parcerias, um mínimo de humildade é fundamental.

Volto a citar Heidegger: “Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte reúne enquanto passagem que atravessa”.

Não atravessar pontes, fixar-se às evidências, repetir os mesmos procedimentos avaliados coletivamente, como na epidemiologia, não se ater à singularidade do paciente/pessoa, que deveria ser a prática clínica, é o cotidiano da vida médica. E os psicanalistas chegam para alertar o médico: acreditamos que algo está fora de controle, mas não fora da possibilidade de organização. Acreditamos no ato de reescrever o mundo, de tomar medida de nossa habitação. Acreditamos, com Brecht, que “a obra que não se contradiz jamais será viva”.

Marcelo Wanderley Bouwman
Editor

Dos gritinhos da bebê ao canto do fort-da *(psicanálise e música 2)*

From joyful baby screams to fort-da song
(psychoanalysis and music 2)

Anchyses Jobim Lopes

...quando ouço música, eu me escuto através dela,
e, por uma inversão da relação entre alma e corpo,
a música vive em mim.

C. LÉVI-STRAUSS

Resumo

A polêmica do que teria vindo primeiro: música ou palavra. Retomada da questão a partir da observação de um bebê de três meses e meio e da transformação de seu choro em gritinhos prazerosos, por meio dos quais era exercida uma modulação de vogais e acentos associados a movimentos de todo corpo. A mudança do choro em gritinhos interpretada como passagem do som em voz humana, não mais uma expressão predominante de necessidade, mas de desejo, com o excedente que traz a pulsão. A narrativa de Freud sobre o menino de um ano e meio e sua brincadeira do *Fort-da*, na medida em que a sequência de vogais é talhada por um som consonantal duro e que a expressão não era simplesmente dita, mas cantada. O surgimento desse talhe como expressão da repetição e da pulsão de morte. A brincadeira e o canto como sublimação ancorada no sadismo e na perversão polimorfa infantil. Os gritinhos e o *Fort-da* como invocação do simbólico, ancorado em um significante de origem musical, que se desdobra posteriormente em uma face de poesia e outra de prosa. Fundador de um simbólico instaurado por uma afirmação (*behajung*) ocorrida em um momento primeiro de introdução ao simbólico, antes do aparecimento do sujeito barrado, anterior à negativa verbal e ao recalque. Fenômeno que produz a condensação fornecedora da melodia à música e que a faz ter “cem vezes mais energia que a própria palavra” (Rousseau). A harmonia interpretada já como fruto do recalque. O ritmo como domesticação de Tanatos por Eros, tornando toda música uma fonte benfazeja de compulsão à repetição. A música como fenômeno que une corpo e mente.

Palavras-chave: Psicanálise e música, Ausência materna, Compulsão à repetição, Pulsão de morte, Sujeito barrado, Sublimação.

Introdução: palavra ou música?

Quem veio primeiro? O ovo ou a galinha? Foi essa velhíssima anedota que resumiu um dos dilemas defrontados em artigo anterior (LOPES, 2006) ao tentarmos uma psicanálise da música: a música é a origem da palavra ou vice-versa? Em uma das trilhas — aquela

traçada por Schopenhauer, Nietzsche e Didier-Weil (até certo ponto) — é a linguagem musical que cria a linguagem verbal. Na trilha aparentemente oposta — riscada desde Hegel até Lacan e passando por Heidegger — ocorre o oposto. Para Hegel a poesia é a origem tanto do pensamento como da possibilidade de todas as outras artes. Já Heidegger

e Lacan propõem mais firmemente a palavra, não necessariamente poética.

Por outra vertente, não há como escapar da linhagem do pensamento de Freud, que tanto gostava de traçar um paralelo entre a antropogênese a filogênese e redescobri-las no adulto. Que a música antecede e conduz a palavra é o que se pode observar em uma criança em seus primeiros dois anos: nesse caso constatamos a primeira trilha, enquanto nas crianças mais velhas e nos adultos pode-se defender a segunda trilha: o modo de compreensão quando nos defrontamos com qualquer objeto artístico tem a linguagem verbal como protótipo para que possamos apreendê-lo. Em uma das direções há um tempo cronológico, da outra provém um tempo lógico. Mas sempre há tempo, toda linguagem se constitui a partir de um dis-correr no rio do tempo. Não o tempo das várias ciências como a física, mas na acepção da subjetividade humana, isto é, da temporalidade.

Vamos nos arriscar a ir um pouco mais longe das veredas do artigo anterior. À época desconhecíamos a obra de um compositor de óperas de mais de dois séculos atrás, também pensador de renome em outros saberes, inclusive a educação infantil, cujas obras teóricas sobre a música e o teatro constituem um volume de quase duas mil páginas em papel-bíblia: Jean-Jacques Rousseau (1995). Também não havíamos tido a oportunidade de outra vez observar um objeto científico primordial para a psicanálise: um bebê.

Além disso, nos últimos anos outros colegas que igualmente se dedicam a decifrar os mistérios da música por meio da psicanálise, criaram textos que incitaram vários novos atalhos. Novos escritos do mencionado Didier-Weil (2010, 2011), livros e artigos de Bertelli (2012), Chaves (2012), Mattos (2011) e Vivès (2009, 2012).

Também devo a uma colega do CPMG a sugestão, advinda de uma palestra sua, de um ovo de Colombo existente na obra daquele ouvido de chumbo que era o próprio Freud: o famoso *fort-da* repetido por seu neto de

um ano e meio, como seria natural em uma criança dessa idade, não era dito, mas entonado como se fosse um canto (MELLO, 2012), uma elegia ou uma ode a ausência da mãe. Outra colega — antiga ex-aluna — sugeriu a escavação dos usos do *fort-da* ao longo dos seminários de Lacan. Contudo, no atual percurso, várias vezes retornamos diretamente ao texto freudiano em sua primeira tópica, principalmente no aspecto econômico.

Com tantos indícios, corre-se o risco de trazer mais dúvidas e problemas, ou que a nova vereda desapareça na terra escaldada do sertão. Ou, como se diz em outra anedota, será que a galinha é apenas um meio que o ovo encontrou para produzir outro ovo?

Do choro aterrador aos gritinhos da bebê

Durante os dois primeiros meses de vida o choro de um bebê é desesperador: gritos e berros altíssimos, muitas vezes até a exaustão ou que o próprio bebê se engasgue neles. Reflete seus incômodos e desconfortos físicos. Nasceu com seu intestino estéril e precisa ser povoado de bactérias simbiotes. Surgem todos os tipos de cólicas. Trata-se de uma etapa normal do desenvolvimento, imprescindível aos seres humanos. A ela se somam: eventuais problemas alimentares, otites, faringites, assaduras, entre outras patologias. Melanie Klein salientou como para um bebê pequeno, sem noção de continuidade no tempo, as dores e os desconfortos são vividos como absolutos, vivenciados como ameaça de aniquilamento vinda de fora e potencializados pela pulsão de morte vinda de dentro.

Mas, para um bebê saudável e criado em um ambiente cujo *holding* e *handling* sejam minimamente satisfatórios, essas experiências aterrorizantes são em menor grau e duração que aquelas prazerosas e que reforçam a pulsão de vida, entre elas, o contínuo chamamento à vida feito pela mãe e por outros que cuidem do bebê. Aconchego, apertos, o cheiro da mãe, o calor de seu corpo, toques, cuidados de limpeza, todas as formas de contato físico que narcisam. Sem esquecer o

contínuo olhar dos que cercam. Táteis ou visuais, contatos sempre acompanhados de alguma voz: acalanto, chamamento pelo nome ou apelido do bebê, mesmo que cheguem até ao desabafo de irritação ou desespero pelo cansaço dos cuidadores. Mesmo nesse caso, que também significa investimento afetivo, consiste numa convocação à vida. A voz materna e de outros ao redor podemos designar de pulsão invocante, “a experiência mais próxima do inconsciente” (LACAN, 1998).

Passados esses primeiros meses um bebê começa a apresentar novos tipos de “choro” e qualidades vocais: manha, birra, controle, chamar atenção dos outros mesmo quando está satisfeito, embora ainda continuem a ocorrer episódios do choro desesperador inicial. Em uma bebê de três meses e meio observamos pessoalmente o surgimento de outro estilo vocal, cuja existência já há algum tempo foi corroborada pela mãe. Mesmo com outras pessoas e um cão presentes, passou dar frequentes e sucessivos gritinhos sem qualquer propósito de chamar a atenção de alguém. Sempre assaz satisfeita consigo mesma, não precisando olhar para os outros (inclusive um cachorro), estava muito feliz, talvez pela descoberta de que agora era a dona, ou pelo menos sócia, da pulsão invocante.

A passividade diante da ausência da mãe, que um choro ou berro alto e angustiante funcionavam concretamente a trazendo de volta, fora substituída pela atividade dos gritinhos. A introjeção do objeto permitia agora mantê-lo dentro de si, independentemente de olhar ou ser concretamente olhada por alguém no meio ambiente. Descrevendo o *fort-da* de seu neto, Freud nomeou de impulso de apoderamento (*Bemächtigungstrieb*) essa passagem da passividade à atividade diante da ausência da mãe (FREUD, 2010, p. 173). Agora a bebê era poderosa. Pelo menos por um tempinho e de qualquer modo sabendo-se rodeada de outras pessoas no recinto.

Prestando atenção, via-se que os gritinhos se compunham de uma sucessão de vogais, sem sons palatais, linguais ou mesmo labiais

que os cortassem. Sucessão de vogais executadas em intensidade e acentos variados. Seria um exagero chamar de canto os gritinhos da bebê. Não apresentavam a característica básica de uma linguagem: ser uma combinação infinita a partir de elementos finitos. Mais parecia algum tipo de treino vocal de aula de canto. Mas nos fez refletir sobre a tese esboçada acima sobre o surgimento cronológico da palavra a partir da música.

Sobre o nascimento da voz

No intuito de fundamentar esta tese recorremos a um autor que desconhecíamos à época do primeiro artigo: Rousseau. De seu *Ensaio sobre a origem das línguas* (2008), publicação póstuma de 1781 e o mais extenso de seus vários textos sobre música, Rousseau é frequentemente citado como defensor da ideia de que a música é a origem da palavra. A leitura cuidadosa do texto mostra que Rousseau não fez tal afirmação. Escreveu o pensador:

[...] a paixão faz falar todos os órgãos e confere à voz todo o seu brilho; assim os versos, os cantos, a palavra tem uma origem comum [...] dizer e cantar eram outrora a mesma coisa [...] ambas tiveram a mesma origem e a princípio foram a mesma coisa [...] (ROUSSEAU, 2008, p. 145-146).

Mas, se dizer e cantar no princípio eram o mesmo, podemos sugerir que anterior a dois termos existe outro. Interpreta Derrida, no extenso comentário de sua *Gramatologia* (2011) ao *Ensaio*: “Não há música antes da linguagem. A música nasce da voz e não do som. Nenhuma sonoridade pré-linguística pode, segundo Rousseau, abrir o tempo da música. Na origem há o canto” (DERRIDA, 2011, p. 239). Nesse autor parece haver uma confusão entre canto e voz. Canto implica o conceito comum a qualquer linguagem de se constituir no tempo a partir de uma combinação infinita de elementos finitos. Voz que, sendo mais de que um mero som como são os ruídos da natureza ou aqueles emitidos

por outros seres vivos, por sua vez já é por todos acolhida no conhecimento de que há um ser humano como emissor. E aquele ser humano específico, não qualquer outro, no que o choro dos primeiros meses estava muito mais próximo de um som. Contudo a voz isoladamente se compõe de elementos mais simples do que seria um canto, simples como são as sequências de vogais e acentos dos gritinhos de um bebê. Além do tempo e da combinatória, para se tornar canto, falta ainda algum outro elemento essencial.

Observando a bebê, também percebemos que os gritinhos eram acompanhados por uma sacudidela do tronco e movimentos dos braços e pernas, o que já fora observado em crianças de mais de um ano, que, ao esboçarem uma fala mais eloquente, além da mímica facial, gesticulam e muitas vezes contraem o corpo todo. Desse modo, concluímos que ainda não existe um canto apenas vocal isolado do resto do corpo em uma criança pequena. A faringe ainda não existe como substrato independente. Do mesmo modo, a expressão corpórea generalizada induz a pensar que seja a origem da dança. A preferência dos autores em estudar a pulsão invocante a partir do canto (Vivès) ou da dança (Didier-Weil) resulta bem mais em uma eleição individual, e seus estudos são complementares. Igual crítica pode ser feita às citações acima de Rousseau e Derrida. No princípio não era apenas a voz, mas a paixão “que faz falar todos os órgãos” (ROUSSEAU, [1781] 2008, p. 145). Ou melhor, no princípio era a pulsão invocante.

Capítulos antes de afirmar a origem comum entre dizer e cantar, Rousseau abre seu *Ensaio* dissertando sobre a importância da paixão para o nascimento da linguagem humana:

[...] se sempre tivéssemos tido apenas necessidades físicas, teríamos perfeitamente podido não falar nunca, e nos entendemos muito bem apenas com a linguagem do gesto [...]. Não foi a fome nem a sede, mas o amor, o ódio, a pie-

dade, a cólera que arrancaram as primeiras vozes (ROUSSEAU, [1781] 2008, p. 97 e 104).

Glosando essa citação por meio dos conceitos freudianos, pode-se interpretá-la como a diferença entre necessidade e desejo, entre instinto e pulsão. Além de se satisfazer autoerótica ou narcisicamente, como tão bem descobriu Freud nos *Três ensaios* (FREUD, 1978), a pulsão deixa um excedente, uma sobra que independe da necessidade física que a reative. Sobra também responsável pelos excessos da paixão, a *hybris* que tanto horrorizava os gregos antigos. Posteriormente Freud concluiu através do conceito de apoio (análise) que em nossa espécie necessidade e desejo sempre se contaminam. Não se come racionalmente só para se alimentar, o tigre talvez o faça. Comemos porque é gostoso, usualmente bem mais do que o organismo precisa. Também existe nos humanos o oposto, do qual um tigre em natureza jamais sofrerá: anorexia e bulimia. Lacan vai além, não por acaso, em um dos trechos em que comenta o *fort-da*, acrescentando o termo “desejo” a fim de enfatizar:

[...] que não existe estado originário de necessidade pura. Desde a origem, a necessidade tem sua motivação no plano do desejo, isto é, de alguma coisa que se destina, no homem, a ter uma certa relação com o significante (LACAN, 1999, p. 227).

E os gritinhos o que eram? Talvez um pouco autoeróticos, pelo puro prazer na produção de sons pela faringe, e não mais apenas de choros de angústia e privação. Talvez um tanto narcísicos por esboçarem o início da unidade de um eu corporal (os movimentos associados do corpo todo) que, como postulou Freud, é o modelo para o eu psíquico. Uma espécie de autonarcisamento auxiliando a constituição de um todo. E como para Klein o desenvolvimento do eu e do objeto é paralelo, os gritinhos também seriam um pouco objetivos por já conter em si um

tanto da pulsão invocante, isto é, um tanto da mãe internalizada. Não mais mero som, mas produto de uma voz, isto é, de uma subjetividade, já um pouco objetual, e não mais apenas pré-objetual, uma vez que mãe já não seria apenas o seio kleiniano ou uma função, mas percebida como um alguém coemissor da pulsão. Já a contínua repetição nos lembra o *fort-da* e a domesticação da pulsão de morte em favor da libido.

Da voz ao canto

Em *Além do princípio do prazer* Freud ([1920]2010) descreve com detalhes a origem da expressão *fort-da* em seu neto de ano e meio. Escreve que se tratou de mais do “que uma observação ligeira, pois durante algumas semanas estive com a criança e seus pais sobre o mesmo teto” (FREUD, 2010, p. 171). Assim justifica o relato que antes do jogo do carretel acompanhado desse termo duplo, separado em duas sílabas por uma forte consoante, observara que o garoto realizava um ato mais simples, acompanhado por uma sequência somente vocálica:

Esse bom menino tinha o hábito, ocasionalmente importuno, de jogar todos os pequenos objetos que alcançava para longe de si, a um canto do aposento, debaixo da cama, etc., de modo que reunir seus brinquedos não era coisa fácil. Ao fazer isso ele proferia com expressão de interesse e satisfação, um forte e prolongado *o-o-o-o*, que no julgamento da mãe e no deste observador, não era uma interjeição e significava “*fort*” [“foi embora”]. Afinal percebi que era um jogo e que o menino apenas usava todos os seus brinquedos para jogar “ir embora”. Um dia pude fazer a observação que confirmou minha opinião [...] (FREUD, [1920]2010, p. 174).

As expressões “afinal percebi” e “um dia” levam a concluir que Freud levou um bom tempo observando o comportamento de seu neto, talvez mais do que algumas semanas, sendo possível que o menino tivesse menos,

talvez bem menos, que um ano e meio, embora seguramente maior que um bebê de três meses e meio. O que há de comum ao relato de Freud e ao da bebê mencionada neste artigo, é o primeiro exercício da voz por meio das vogais. No caso da bebê, associada a movimentos difusos do corpo todo, quando em um menino bem mais velho já havia uma escolha de uma vogal e de um ato motor específico. O que remete ao comentário de Rousseau (2003, p. 107) de que “em todas as línguas, as exclamações mais vivas são inarticuladas; os gritos, os gemidos são simples vogais [...]”.

Finalmente no neto de Freud surgiu o jogo do carretel. Primeiro o objeto era atirado para dentro do berço com cortinado, de modo que desaparecia do olhar do guri, o que era acompanhado pelo *o-o-o-o*. Então, em um segundo momento, o menino puxava de volta o carretel e dizia *da*. Surgira o *fort-da* completo, com a característica de que “sem dúvida o prazer maior estivesse no segundo ato” (FREUD, [1920]2010, p. 174). Logo, como colocou Didier-Weil, “trata-se de examinar o em que consiste a mutação introduzida pela passagem do par sonoro “O-A” ao par fonemático “Fort-Da” (DIDIER-WEIL 2011, p. 12).

Essa observação de Freud, seu único relato direto de uma criança pequena, ainda pouco mais que um bebê, foi comentada mil e uma vezes na história da psicanálise. Aqui interessa a leitura atenta do texto freudiano por uma colega psicanalista, de que, como seria natural em uma criança dessa idade, o *fort-da* não era dito, mas entonado como se fosse um canto (MELLO, 2012), uma elegia ou uma ode à ausência da mãe.

As simples sequências de vogais e acentos dos gritinhos de um bebê são muito mais que um som, são algo decididamente humano: uma voz. Não porque o latido de um cão seja menos som que o gritinho de um bebê, mas porque este cria sequências variadas de vogais e acentos, enquanto aquele só varia a altura do som e a duração.

Contudo, para ser um canto, ainda falta algo: o talhe. Para evitar confusão com outros termos psicanalíticos, criamos um próprio. Denominamos de talhe da voz o que na prosa de um adulto são os sons das consoantes, o *da* do “*fort-da*”. O “f” do *fort*, labial, ainda é uma diferenciação muito tênue da vogal, já o “d” do *da*, feito de língua e palato, corta duramente o som, produzindo uma intensidade de melodia e ritmo muito maior que vogais sozinhas¹. O *o-o-o-o*, por meio da pulsão invocante, permitia que o menino se assenhorasse da ausência da mãe de tal forma que, como relatou Freud, ele “nunca chorava quando a mãe o deixava durante horas, embora fosse muito apegado a ela, que não só o amamentara como dele cuidara sem ajuda de outras pessoas” (FREUD, [1917]2010, p. 173).

Mas era saudando a volta do carretel com um alegre “da” (“está aqui”) que ocorria uma reviravolta completa. A ausência da mãe fora completamente deslocada para outro objeto, que ativamente sob seu controle executava sempre o oposto, sempre retornava. A elegia permitia suportar a ausência da mãe. A ode executava o impulso de apoderamento transformando a falta em triunfo, uma das três defesas maníacas descritas por Klein. Prazer mais duradouro e sem a necessidade de mais alguém no meio ambiente, como definiu Winnicott (1998), a internalização de um objeto bom ou a posse de um objeto transicional, que permitem à criança a capacidade de estar só e de brincar sozinha.

Foi mencionado que, no caso da bebê, já ocorria um exercício de sons vocálicos e o aparecimento de uma subjetividade que

transformam o som em voz. Mas ainda faltava algum elemento que transformasse a voz em canto, tal como Freud descreveu quando o *o-o-o-o* foi talhado pelo *da*. A inserção do talhe forma o elemento que torna em canto a voz. Mas de onde viria a força que corta uma sequência vocálica, primeiro de modo mais suave e depois com a violência do *da*? E que torna a ausência externa em presença interna?

Um canto de Eros e Tanatos

A primeira consoante é o “m”, som bilabial que surge a partir da sucção do seio. Mas de um seio que cada vez mais se afasta. Entre a fonte e o objeto da pulsão, em que da distância que é sentida pelo bebê, nasce a consoante, o talhe inicial da voz. Em todos os idiomas também se diz que a primeira palavra é “mã” e logo a repetição da sílaba em *mã-mã*, o que também representa o reconhecimento da mãe enquanto um todo e separada do bebê. Apesar disso, trata-se mais de uma função que tudo supre, não o conceito de outra pessoa independente. Os bebês transferem essa função para outros com extrema facilidade se forem obrigados por uma ausência mais prolongada da cuidadora principal. O *mã* aparece por volta dos cinco ou seis meses, mas claro que em crianças de todas as idades os períodos de desenvolvimento podem ter grandes variações, para mais ou para menos.

O surgimento dos demais sons consonantais é paralelo ao nascimento dos dentes, que vai dos incisivos centrais inferiores aos seis meses, até aos segundos molares superiores aos dois anos. Sempre com grandes variações individuais. Há recém-nascidos já com algum dente; algumas crianças iniciam a dentição aos três meses, etc.

A dentição se inclui no impressionante desenvolvimento humano nos primeiros dois anos de vida. Aos seis meses um bebê já controla como um todo a musculatura do corpo e logo começa a se virar e engatinhar. Quando falamos de musculatura estamos falando do que lhe permite aprimorar seu

1. O que denominamos de labial seria mais corretamente designado como labiodental, mas no caso descrito da bebê ainda não havia nascido nenhum dente. Do mesmo modo a descrição ‘de língua e palato’ também seria mais corretamente designada como linguodental, mas consideramos que no ‘da’ o palato é muito mais importante que os dentes para a produção do som. Também por analogia mantivemos no texto a descrição mais rudimentar em vez dos termos corretos.

controle e exercer mais e melhor sua agressividade sobre o meio ambiente. Pode-se falar de um aprimoramento do impulso de apoderamento? Essa expressão, aliás, lembra um tanto a vontade de potência nietzschiana.

Coincidência ou não dos termos, entramos no departamento do sadismo, tão caro a Freud: musculatura — sadismo anal. Paralelamente soma-se o nascimento dos dentes, que permite a ingestão de alimentos cada vez mais sólidos: sadismo oral. Sadismo: deflexão da pulsão de morte em agressividade a serviço da libido. Portanto, as demais consoantes além do “m” pertencem a uma soma de Eros e Tanatos. Atirar para fora do berço os brinquedos, bem como a mordida e o talhe consonantal só é possível a partir da fusão das pulsões. O canto do *fort-da*, além do triunfo sobre a mãe, também era mortal vingança porque, como escreveu o poeta Mário Quintana em *Da paz interior*: “...não há nada que dê um sono mais tranquilo que o prazer de uma vingança bem executada”.

No breve relato de Freud a propósito de seu neto, pode-se ver a brincadeira e o canto, e também relação destes com alguns dos processos sublimatórios. Em que pese o sadismo implícito e o triunfo sobre a mãe, a deflexão da pulsão de morte e a transformação da passividade em atividade significam o prevalecimento da libido. Como descreveu Bertelli (2012), contestando chavões do tipo de que “a música é a mais espiritual das artes” ou de que é “algo sublime que proporciona paz à alma”, há que deixar à parte as teorias dessexualizantes da sublimação. Ponto de vista inicialmente proposto pelo próprio Freud, que mais tarde deu uma guinada na direção oposta. Há que ancorá-la no perverso polimorfo que é a criança.

Foi no ensaio sobre Leonardo da Vinci que Freud empreendeu a virada. Enunciou ali que a sublimação não implica em uma dessexualização da perversidade polimorfa, mas ao contrário, esta seria a matéria-prima da produção sublimatória (BERTELLI, 2012, p. 62).

Em relação à palavra e a voz tendo como predominância o componente libidinal para a deflexão da pulsão de morte, pode-se citar o que escreveu Freud no *Tema dos três escrínios*: “não há dúvida de que no sonho a mudez representava a morte” ([1913]1978, p. 295). Sendo assim, o que representaria a prevalência de puro Tanatos seria um quadro de autismo ou mutismo, não o canto do *fort-da*.

Mas a vingança do neto de Freud já renunciava a importância da pulsão de morte quando domesticada pela pulsão de vida para a sublimação. Assim como o sadismo oral/vocal perverso polimorfo do menino de ano e meio, tanto poderia pronunciar um personagem psicopata assassino da própria mãe, como o famoso Norman Bates no filme *Psicose*, de Hitchcock (baseado em um caso real), quanto o prazer de um barítono cantar e da plateia em ouvir no *Otello*, de Giuseppe Verdi, a tremenda ária em defesa de um mal absoluto — *Credo in un Dio crudel* — cantada por Iago, o vilão shakespeariano que intriga Othello até o delírio e a assassinar sua mulher. O que felizmente não ocorreu com Ernst Freud Halberstadt, o menino do *fort-da*, o único dos netos de Freud que se tornou psicanalista, ofício que praticou e sobre o qual publicou até bem próximo de seu falecimento aos oitenta e quatro anos (BENVENISTE, 2008).

Simbólico cantado?

O jogo do *fort-da* é comentado por Lacan em não menos que nove dos seus seminários: 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 11 e 14. Nos primeiros cinco seminários desta lista, além de outros autores, Melanie Klein e Winnicott são mencionados às carradas. Há todo um percurso lacaniano baseado no relato da observação de Freud sobre seu neto, para a conceituação do simbólico e de sua entrada pela criança. Aproveitemos o que nos interessa.

Primeiro, no *Seminário 5*: – *As formações do inconsciente*, o uso da expressão “a existência de uma invocação” (LACAN, 1999,

p. 342) designando o jogo de presença e ausência do menino, seis anos antes das breves observações sobre a pulsão invocante no *Seminário 11*, e configurando que:

[...] a partir do momento em que a criança começa simplesmente a poder opor dois fonemas, eles já são dois novos vocábulos. E, posto que existem dois, aquele a quem eles são dirigidos, isto é, o objeto, a mãe, já existem aí quatro elementos, o que é suficiente para conter em si virtualmente toda a combinatória da qual irá surgir a organização do significante (LACAN, 1999, p. 231).

Claro que Lacan se refere sempre ao modelo linguístico saussuriano, fundado na análise da linguagem verbal. Mas pouco antes do trecho acima citado, também havia assinalado que, apesar do significante, o intermediário “absolutamente essencial” é “a voz” (LACAN, 1999, p. 231). A voz intrinsecamente humana é que torna possível canto do *fort-da*, canto que pode ser criticado por ser muito simplório e repetitivo. Mas já contém em si virtualmente toda a combinatória do simbólico, e que apenas precisará de um pouco de treino para que se torne música mais complexa.

Ao se pensar em pulsão invocante, logo se pensa nas cantigas maternas e no canto de ninar. Na realidade, quando possuem algum vínculo afetivo, todos que se aproximam de um bebê acentuam o tom e a melodia da voz, mesmo que digam baboseiras. O Outro não aborda um bebê com uma fala incolor e mecânica. Se o meio ambiente for assim, não há simbólico que se instaure. E ainda se pode especular como seriam intrauterinamente escutadas a voz da mãe e todas as outras as vozes, bem como os sons do interior do corpo materno, principalmente o ritmo do coração. Como o feto acolhe esses sons quando a mãe está angustiada? Essa e muitas outras dúvidas são sugeridas pelo início dos estudos de psicologia pré-natal.

A invocação do simbólico pelo Outro, trazida pelo canto materno, é respondida por

expressões vocálicas e finalmente por gritinhos que trazem a invocação do simbólico pelo próprio bebê. Lacan em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* assinala que, articulando o *fort-da*, a criança “começa a encantação” (LACAN, 1998, p. 63).

Em *Invocações* Didier-Weil (1999, p. 10) comenta que, “por uma questão didática, seremos levados inicialmente a apresentar a invocação musical como separada da invocação significativa...”. Façamos o contrário e juntemos ambas. Se o *fort-da* desde o início não era dito, mas cantado, e a voz na origem da linguagem é indissociável tanto da palavra quanto da música, somos obrigados torcer o conceito de simbólico além do puramente verbal. O mesmo autor em seguida escreve que “a outra face pelo qual o significante se se apossa da invocação musical é a face pela qual a linguagem, subtraindo-se à prosa, se faz poesia...” (DIDIER-WEIL, 1999, p. 11).

Desde Nietzsche, em *O nascimento da tragédia* ([1872]1992), é debatida a origem do poético a partir da música. Logo, o que inicia é a invocação musical, é semelhante às hermas de Janus, esculturas de um só deus, que possuía duas faces: significante com faces prosa e poesia, ambas sobre uma coluna de música. Porque, desde que não seja um manual de geladeira ou um tratado de lógica, quanto mais literária, também maior a musicalidade da prosa. Muito menos subsiste qualquer poesia sem o ritmo da sonoridade das palavras (melopeia), o ritmo de apresentação das imagens (fanopeia) e o ritmo da sucessão das ideias (logopeia) (LOPES, 1995, p. 98). De Homero a Sylvia Plath, a grande poesia é feita para ser dita em voz alta como uma fórmula mágica e, mesmo os bons contadores de história infantil, com os quais tivemos o prazer de trabalhar, por meio de uma aparente prosa, encantam as crianças e ainda mais os adultos.

Um “sim” maior que todos os “sins”

Comumente é repetido que o ouvido é o único orifício que não podemos fechar embora

sem os dedos ocorra o mesmo com o nariz. Mas como já fora assinalado pelo próprio Freud, nosso olfato é um sentido atrofiado. Didier-Weil (1997, p. 237) assinala que, quando escutamos a música, não podemos deixar de dizer-lhe um “sim” radical. “Estranheza desse sim [...] que não se deduz de uma deliberação interna que me faz escolher dizer ‘não’, coloca-nos sobre a pista do que é o verdadeiro sentido da *Bejahung*”. Na obra de Freud “o significado do *bejahung* é dizer ‘sim’, assentir concordar” (HANNIS, 1996, p. 47). Mesmo que o *fort-da* revele como a afirmação (*Bejahung*), seria precedida de uma ausência ou rejeição primordial, e sobre esse fundo de falta na função significante se elabore o simbólico. Freud não podia deixar de escutar seu neto. Podia sair do quarto ou mandar o menino se calar, mas preferiu entender o que aquele cantar significava.

Em seu texto sobre a denegação Freud enfatiza que não se pode conceber uma linguagem verbal, ao menos no sistema consciente/pré-consciente sem o “não”. Lacanianamente pode-se dizer que a música, enquanto simbólico e linguagem, necessita de uma ausência, de uma falta originária, da interdição, do Nome-do-pai, do falo, mas que não comporta o “não” da linguagem verbal. Um “não” que descrito pela primeira tópica freudiana pode ir desde a censura moral, passando pela recusa consciente, até ao “não” inconsciente do recalque. Logo, há um simbólico que se ancora em uma afirmação (*Bejahung*), em um “sim” mais fundo que o instaurador do significante entendido tão somente como verbal. A face com a qual o significante se apossa da invocação musical é que o submete a todas as interdições até chegar à negativa verbal. Embora o talhe seja uma ferida na continuidade do som das vogais dos gritinhos, a música é a outra face de um significante que é pura afirmação e que não diz “não”.

Aproveitemos outro trecho de Lacan que nos interessa. Em *O desejo e sua interpretação*, seminário seguinte *As formações do inconsciente*, é dito que:

...o Fort-da [...] esse momento que podemos considerar como teoricamente primeiro da introdução do sujeito no simbólico, na medida em que é a alternância de um par significante... (LACAN, s.d., p. 302).

Introdução que se dá por um pequeno objeto explicitou no mesmo seminário o psicanalista francês é o mesmo que levou Winnicott a denominar objeto transicional, e que “é alguma coisa que está certa diante da aparição do sujeito barrado, isto é, o momento em que o sujeito barrado se interroga em relação ao outro, enquanto presente ou ausente” (LACAN, s.d., p. 302). “Diante da aparição do sujeito barrado”, logo antes este ainda não havia. Trata-se, portanto, do “momento primeiro de introdução do sujeito ao simbólico exatamente antes do aparecimento do sujeito barrado” (KRUTZEN, 2003, p. 242).

A busca pela origem da música conduz a um momento, talvez instantâneo, um momento apenas mítico, e que existe uma afirmação incondicional, um sujeito ainda não barrado ou dividido, e em que ainda não existe um “não” verbal. Seja o “não” de uma negação lógica, ou aquela consciente ou pré-consciente que evidencia uma condenação moral e/ou algo recalcado (*Verneinung*), seja o “não” a recusa de uma realidade (*Verleugnung*), seja o “não” inconscientemente realizado pelo recalque (*Verdrandung*), seja o “não” do que rejeito completamente em mim e projeto na realidade externa (*Verwerfung*).

Melodia e mimese

Haveria outra variante entre a face com que o significante se apossa da invocação musical e aquela da linguagem verbal? É interessante retornar a um autor muito anterior à psicanálise e seguir mais pistas a partir do *Ensaio sobre a origem da linguagem*. Rousseau (2008) estabelece mais uma diferença entre música e palavra:

A melodia, ao imitar as inflexões da voz, exprime os lamentos, os gritos de dor ou de ale-

gria, as ameaças, os gemidos, todos os sinais vocais das paixões são de sua alçada [...] ela não somente imita, ela fala; sua linguagem [...] tem cem vezes mais energia que a própria palavra (ROUSSEAU, 2008, p. 154-155).

É curioso o uso do termo “energia”, remetendo a associação com escritos meta-psicológicos freudianos de mais de século e meio depois. O que traz tanta força à música e seria tão fortemente retirado da linguagem verbal? No *Ensaio* várias respostas são formuladas.

Rousseau (2008) compara a música com a pintura. Naturalmente se refere à pintura figurativa que conhecia no século XVIII. Assim como uma cor sozinha, um som solitário nada representa e a pintura não é somente a arte de combinar cores agradáveis, a simples combinação de sons agradáveis também nada significa. Então, para destacar a função da melodia, retoma ao conceito da estética aristotélica de imitação (mimese). Um dos dois conceitos-chave da *Poética*, de Aristóteles (ARISTOTLE, 1987). A imitação não é mera cópia, como era para Platão, mas uma síntese que retira o desnecessário, alcançando a essência e universalizando o objeto.

A melodia faz na música exatamente o que desenho faz na pintura; é ela que representa os traços e formas, cujos acordes e sons são apenas cores. [...] Portanto, assim como a pintura não é a arte de combinar cores de uma maneira agradável à vista, a música não é a arte de combinar sons de maneira agradável ao ouvido. [...] Ora, o que faz da pintura uma arte de imitação? É o desenho. O que é que da música faz uma outra? É a melodia. (ROUSSEAU, 2008, p. 149-151).

Se na pintura tal como era reconhecida no século das luzes o desenho forma imagens visuais que permitem ao espectador ser atingido e emocionado pela arte, na música:

...os sons, na melodia, não agem apenas como sons, mas como sinais de nossas afeições, de nossos sentimentos; é assim que excitam em nós movimentos que exprimem, cuja imagem reconhecemos (ROUSSEAU, 2008, p. 157).

O desenho está para a pintura assim como a melodia está para a música, é a forma que concebe unidade a obra.

Completa-se a identidade com a *Poética*. A mimese é possibilita que a obra atinja o segundo item indispensável à arte: a catarse. Para Aristóteles uma descarga afetiva intensa trazida pelo σ que era visto no palco da antiga tragédia, através da qual o espectador saía do espetáculo reconciliado consigo mesmo. Freud conhecia os escritos do tio de Martha, Jacob Bernays (ARISTOTLE, 1987, p. xvi), ilustre helenista do século XIX, que propôs uma leitura psicológica para o efeito da catarse, que foi reciclada pela psicanálise a partir dos *Estudos sobre histeria*. Daí se explica a origem da interpretação de que a catarse seja fruto da identificação do espectador com o conteúdo da obra, permitindo uma grande descarga pulsional. Essa seria uma das explicações pela qual a melodia, enquanto mimese traz cem vezes mais energia à música do que traz a palavra. Ao menos da palavra meramente informativa, da palavra não poética — da qual sempre trazemos a caricatura do manual de geladeira —, desprovida de imagem e musicalidade.

Onde Rousseau não arrisca, assim como outros pensadores sobre a música também não, é o que na música seria representado por meio da mimese. Geralmente autores posteriores saíram com chavões e generalidades que pouco ou nada explicam, como “estados básicos da alma”, “o afeto em potencial”, “não a representação, mas a vontade em si mesma”. Talvez seja outra série de platitudes, a que se chega por meio da psicanálise: “afirmação (*Bejahung*) essencial”, “ausência ou rejeição primordial”, “momento primeiro de introdução do sujeito ao simbólico exatamente antes do aparecimento do sujeito barrado”.

Mas há um traço comum nos chavões de ontem e de hoje: o que é genericamente evocado pela música, e bem por toda arte, cada um preenche, completa ou representa para si mesmo através de lembranças próprias. A arte desencadeia séries de associações conscientes e inconscientes que se espalham como uma teia, que seria infinita tal como o inconsciente, se a condição humana, as exigências práticas da vida e o recalque não impusessem um limite (LOPES, 1995).

Há outro conceito da poética aristotélica, não utilizado por Rousseau, que se pode incluir: o *mythos*, traduzido em nosso idioma como “enredo”. Ele é a forma pela qual é conferida unidade e permite a mimese. Assim, toda melodia discorre ao longo do tempo parecendo contar uma espécie de história. Pondo de lado toda tentativa de música que se proponha diretamente descritiva, há uma narrativa, mas de outro tipo, diferente daquela contada verbalmente, mas que também possui começo, meio e fim. Uma narrativa mais sintética, mais condensada. Como o *fort-da*, que Freud percebeu ser muito mais que um jogo bobo de um menino com um carretel, mas a síntese de toda uma história da relação entre dois seres humanos.

O *fort-da* estava para a música assim como nossos sonhos individuais estão para os símbolos mais universais. Nossos sonhos só têm interesse para nós mesmos e para nosso psicanalista. São muito aborrecidos para terceiros. Não foram reunidos em um *mythos* em uma síntese que os universalize desencadeando teias de associações conscientes e inconscientes ligando a história de cada um ao universal (LOPES, 2007). Retirando o supérfluo e condensando a energia livre em uma descarga muito mais intensa, o *mythos* permite que se produza a catarse em um público maior que um avô e seu neto.

Harmonia e recalque

E por falar sobre o papel do recalque para a distinção entre prosa não poética e poesia, a leitura do texto de Rousseau pede novamen-

te ajudar para uma analogia sobre um pouco de sua origem. Desnecessário repetir tudo que foi escrito sobre o tema por Freud e seus sucessores. Serão apenas alguns acréscimos a uma das descobertas mais originais do fundador da psicanálise

Depois de enaltecer a importância da melodia, que “tem cem vezes mais energia que a própria palavra” (ROUSSEAU, 2008, p. 155), o autor se coloca acerbamente contra a função e o uso da harmonia. Crítico apaixonado da música francesa de sua época, e de Rameau em particular, para o pensador, os excessos da harmonia, algo em si já artificial e intelectualizado seria uma das causas da degeneração da música na França. A harmonia:

...ao colocar entraves à melodia, ela retira-lhe a energia e a expressão, ela elimina o acento apaixonado para a ele substituir o intervalo harmônico [...] ela elimina e destrói multidões de sons ou de intervalos que não entram em seu sistema (ROUSSEAU, [1781] 2008, p. 155).

A observação pessoal de crianças entre um e três anos indicou como a aquisição da linguagem obriga a criança a vários derivados do recalque. Espontaneamente ela dá sentidos próprios e originais aos sons e às palavras que têm de ser proibidos em função daqueles socialmente aceitos. A criança brinca com a sonoridade das palavras (melo-peia), repetindo-as por puro encantamento em sua música, e não pela utilidade para comunicação. Inventa palavras novas e cria sentidos outros para aquelas velhas. Mas isso é proibido pelos adultos. Para ela a representação de palavra possui a mesma energia que a representação de coisa, o que também necessita ser aprendido pela criança que uma não é a outra ou se permanece no pensamento concreto. Também lhe é ensinado como determinadas palavras e expressões são carregadas de sentido pejorativo e condutas que precisam ser proibidas: “isso é feio”, “isso é coisa de menininha”. Natural que a grande

força expressiva da linguagem infantil tenha de ser domesticada e nisso se perca grande parte da energia e da criatividade espontânea da criança.

Tudo isso é precedido por uma fonte mais primeva de recalque. Há de se encaixar o que se sente e pensa em conjuntos de sons que vêm de fora, que mais do que jamais se amoldar completamente ao afeto e ao pensamento, ajuda a separar um do outro. Como descreveu Freud, o recalque em seu sentido econômico conduz a uma grande perda de energia. Só quando um tipo de linguagem verbal mais flexível, cujo sentido permanece parcialmente em aberto, podendo ser conscientemente ou inconscientemente completado por quem lê ou escuta e que recupera um pouco a origem comum com a música, é que se libera parte da energia recalçada. Então estamos no domínio da poesia, de sua fraternidade com o chiste e com a linguagem psicótica. No domínio comum ao simbólico e ao imaginário (LOPES, 2007).

Compare-se com a observação de Rousseau sobre a artificialidade da harmonia, que poda multidões de sons. Além da palavra, temos de nos encaixar no sistema musical que nos é oferecido e socialmente aceito. Cada cultura e cada época produzem convenções sobre como regulamentar a música. Se por um lado possibilita o aprofundamento e a criatividade no exercício dessa convenção, por outro, além de sua artificialidade conduz a negatividade de tudo o que não se encaixa no sistema. Até o ponto da incompreensão de outros modos de regulamentação musical. Como para um ocidental frequentemente a música de outras culturas, como a hindu (legítima, não pastiches ocidentalizados) é incompreensível, e mesmo experimentos no próprio ocidente, tal o serialismo ou o dodecafonismo, são mais que inaudíveis, são fontes de angústia. Mesmo na tradição ocidental, em que se diz que o pós-Renascimento é em grande parte continuador da Antiguidade greco-romana, o pouco que foi recuperado da música grega

antiga soa estranhíssimo e não musical aos ouvidos contemporâneos.

Conclusão: repetição, ritmo e sexo

Deixando de lado os chavões como “a música é a mais espiritual das artes” ou é “algo sublime que proporciona paz á alma” e estabelecendo sua fonte na sexualidade infantil com sua perversão polimorfa, há muitas outras possibilidades de compreensão da importância da música para a sublimação. Mas se até então estávamos no privilégio de Eros, reviremos para seu irmão Tanatos.

Descrevendo o *fort-da*, Freud também lançou o olhar dos psicanalistas à ligação entre a repetição executada por uma criança em seu brincar, com a repetição que ocorre também quando ela exige que uma história favorita seja infinitamente repetida nos mínimos detalhes. Dessas descrições Freud aprofundou sua pesquisa sobre a compulsão à repetição, fonte mais aguda e clínica para sua ideia da existência de algo além do princípio de prazer: uma pulsão de morte.

Ora, é constatação que independente do gosto pessoal, todo ouvinte repete muitas vezes suas músicas favoritas. Aliás, seria uma função essencial da música: ser sempre repetida. Mas não de uma repetição que surge numa *psiquê* já cindida pelo recalque, logo uma repetição quase sempre rotulada de patológica, e sim uma repetição que se possui uma vertente na pulsão de morte. Logo, naquilo que é manifestação do não ser, também é uma repetição do momento primeiro de introdução do sujeito ao simbólico, exatamente antes do aparecimento do sujeito barrado. E como todo momento mítico originário uma fonte da pulsão de vida.

Talvez igualmente a repetição explique a importância de um componente essencial à música, sobre o qual curiosamente Rousseau não disserta: o ritmo. Parte essencial da música, o ritmo já foi interpretado como sendo desde uma rememoração dos batimentos cardíacos da mãe escutados pelo feto e pelo bebê, quanto associado à ritmicidade do ato

sexual. Mas acima de tudo trata-se de repetição. Aquela em que Eros se sobrepõe a Thanatos, domesticando-o, sem negar o que todo sexual também possui de pulsão de morte.

Embora tenhamos deixado de lado a relação entre música e mito, descrita em suas *Mitológicas*, nos apropriamos de uma citação de Lévi-Strauss (2013) em seu texto sobre Rousseau, na epígrafe do presente trabalho. Nessa citação coloca-se a música como superadora da dicotomia entre corpo e alma, aprofundada no ocidente desde Platão, reforçada pelo cristianismo e por Descartes, e coetânea de toda cultura desde a antiga Grécia. Dicotomia em realidade universal, visto que o ser humano e sua cultura não podem existir sem recalque. Tudo o que mesmo por instante supera esse recalque rememora a sexualidade originária. Mesmo na mais casta das cantatas de Bach. Não é à toa que desde Platão, passando por vários autores fundantes do cristianismo e por todos os fundamentalismos atuais, todos os dualismos temem e censuram alguma modalidade ou a música até a música como um todo.

A citação acima serve para concluirmos que, sendo a música um momento antes da cisão, antes do recalque, antes do sujeito dividido, também é rememoração, a revivência do momento mítico em que corpo e alma eram um só, um todo de pulsão.

Abstract

The polemic over which came first: words or music. This inquiry is retaken through observing a three and a half months old baby, and the change of her baby screams into pleasurable cries, used to exercise a cadence of vowels and accents joined with body movements. Transformation inferred as the course from mere sound to a human voice, not anymore as a mere expression of physical necessity but of desire and its surplus begotten by the instinct (trieb). Freud's narrative about the one and a half year boy and his Fort-da game, this expression not merely being uttered but sang and

an illustration how this vocal cadence is slashed through a rough consonantal sound. This slash interpreted as an expression of the compulsion to repeat and of the death instinct. The game and song as an example of sublimation anchored in sadism and polymorph perversion. Baby cries and Fort-da game invocative of a symbolical anchored through a musical significant, that later unfolds into poetical and prosodic faces. That founds a symbolical established upon an assertion (behajung) which occurs at a prime instant just before the advent of the divided subject, before verbal negative and repression. That phenomenon causes music as melody to be condensed, and to have a 'hundred times more energy than word itself (Rousseau)'. Harmony is interpreted as an outcome of repression. Rhythm seen as the taming of Thanatos through Eros, making all music a benign source of compulsion to repeat. Music is a phenomenon that unifies mind and body.

Keywords: *Psychoanalysis and music, Maternal absence, Compulsion to repeat, Death instinct, Barred subject, Sublimation.*

Referências

ARISTOTLE. *Poetics*. Indianapolis, Cambridge: Hackett Publishing Company, 1987.

AZEVEDO, R. M. *A voz e a invocação para musicar a vida: ressonâncias entre música e psicanálise*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BENVENISTE, D. W. Ernst Freud (1914-2008). In: *IPA Newsletter*, December 2008). Disponível em: <www.benvenistephd.com/Articles.html>. Acesso em: 12 jan. 2013.

BERTELLI, F. E. Música, arte e sublimação. In: *Reverso*, publicação do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. Belo Horizonte, n. 63, jun. 2012, p. 59-65.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIDIER-WEIL, A. *Os três tempos da lei*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

DIDIER-WEIL, A. Quelques remarques sur le passage du son au sens. *Insistence*, n. 5 - *l'inconscient et ses musiques*. Toulouse: Editions Erès, juin 2011.

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *História de uma neurose infantil* ("O homem dos lobos"), *Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 14).

FREUD, S. The theme of the three caskets. In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. XII. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.

FREUD, S. Three essays on sexuality. In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. VII. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.

HANNIS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. São Paulo: Imago, 1996.

KRUTZEN, H. *Jacques Lacan - séminaire 1952-1980, index référentiel*. Paris: Anthropos, 2003.

LACAN, J. *O desejo e sua interpretação - 1958-1959*. Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise, s. d. (texto mimeografado).

LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LEVI-STRAUSS, C. Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem. In: *Antropologia estrutural dois*. São Paulo: Cossac Naify, 2013.

LOPES, A. J. Afinal o que quer a música. *Estudos de Psicanálise*, publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise. Rio de Janeiro, n. 29, set. 2006, p. 73-82.

LOPES, A. J. *Estética e poesia - imagem, metamorfose e tempo trágico*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

LOPES, A. J. Psicanálise, poesia e educação: a imagem furo e a linguagem poética. *Estudos de Psicanálise*, publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise. Salvador/BA, n. 30, ago. 2007, p. 17-27.

MELLO, M. H. R. L. B. Apontamentos de leituras - o encantamento do jogo (entre *Fort* e *Da*). *Os impasses da clínica psicanalítica*. XXX Jornada de Psicanálise do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012 (apresentação oral).

NIETZSCHE, F. W. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo* (1872). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROUSSEAU, J.-J. *Ensaio sobre a origem das línguas* (1781). Campinas: UNICAMP, 2008.

ROUSSEAU, J.-J. *Oeuvres complètes V - écrits sur la musique, la langue et le théâtre*. Paris: Gallimard, 1995.

WINNICOTT, D. W. A capacidade para estar só. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

RECEBIDO: 15/03/2013

APROVADO: 15/04/2013

SOBRE O AUTOR

Anchyses Jobim Lopes

Médico. Bacharel em Filosofia pela UFRJ. Mestre em Medicina (Psiquiatria) e em Filosofia pela UFRJ. Doutor em Filosofia pela UFRJ. Psicanalista. Membro Efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ). Presidente do CBP-RJ nos biênios 2000-2004 e 2008-2012. Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) 2004-2006. Professor Titular II do curso de Graduação em Psicologia e Especialização em Teoria e Clínica Psicanalítica da Universidade Estácio de Sá (UNESA).

Endereço para correspondência:

Rua Marechal Mascarenhas de Moraes, 132/308
Copacabana - 22030-040 - Rio de Janeiro/RJ
www.anchoryses.pro.br
anchoryses@terra.com.br

Psicanálise e sobredotação: pontuações elementares

Psychoanalysis and giftedness: elementary scores

Cássio Eduardo Soares Miranda
Ruth Helena Pinto Cohen

Resumo

Com base no fragmento de um caso clínico, o presente artigo apresenta breves discussões psicanalíticas acerca da superdotação e dos efeitos que receber esse nome tem para um sujeito.

Palavras-chave: Superdotação, Psicanálise, Nomeação.

Introdução

A psicanálise, desde sua fundação por Freud, se constitui como uma ciência da clínica, ou seja, se refere a um método de tratamento que extrai suas conclusões a partir daquilo que o psicanalista extrai de uma terapêutica. É o próprio Freud ([1912]1996, p. 152) quem sustenta que: “a psicanálise faz em seu favor a reivindicação de que, em sua execução, tratamento e investigação coincidem”. De modo geral, essa coincidência advém do esforço do psicanalista em tratar o sujeito que traz algum sofrimento psíquico e a necessidade de atualização da teoria frente aos desafios que a própria clínica impõe a ele.

A contemporaneidade mostra que são múltiplas as possibilidades de atuação do psicanalista, e a psicanálise é chamada a intervir até mesmo em situações em que parece que as coisas vão bem. Em função disso, propomos neste artigo algumas pontuações da psicanálise em torno de um tema normalmente ocupado pela psicologia e, de modo geral, não pertinente ao campo da psicanálise: a superdotação. Entretanto, nos últimos tempos mães, pais e instituições escolares têm encaminhado crianças e adolescentes sobredotados a uma terapêutica analítica em decorrência de uma série de impasses e dificuldades que as crianças ditas sobredotadas vêm enfrentando tanto na sua intimidade quanto em sua vivência social.

Conforme demonstra a psicologia, sobretudo a cognitiva, a sobredotação é um fenômeno multidimensional e nela se encontram agregadas diversas características relacionadas aos aspectos cognitivos, sociais e afetivos. Também é sabido que contexto sócio-histórico e cultural possui uma significativa importância no que diz respeito à identificação e à proposição de atividades ligadas à sobredotação. Se o tema se refere a um campo em que psicólogos, educadores, pedagogos, sociólogos, médicos, entre outros, se ocupam, a partir de diversos enfoques teóricos, aqui pretendemos apresentar algumas pontuações provenientes da psicanálise, que poderão auxiliar na ampliação das discussões em torno do tema.

Assim, o objetivo deste artigo é abordar a sobredotação, brevemente, a partir da psicanálise, apresentando aspectos subjetivos envolvidos na constituição do sujeito nomeado como sobredotado. Para tanto, iniciamos uma breve discussão em torno do tema e suas relações com a psicanálise para, ao final, apresentar o fragmento de uma entrevista de orientação psicanalítica realizada com um sujeito dito sobredotado e o que se extrai disso.

Fragmentos de uma entrevista

Uma entrevista realizada com um sujeito dito superdotado que frequentava uma instituição de apoio para esse fim também nos

chamou a atenção diante de alguns fatores ligados à posição do sujeito diante do Outro familiar. Tiago é um garoto de 13 anos, que aos cinco foi diagnosticado como superdotado. Ele reside com seus pais e uma irmã caçula. A mãe relata¹ que já nos primeiros meses de vida notava algo de diferente nele, quando comparado com outras crianças. Segundo ela, aos seis meses de idade já queria ficar em pé no carrinho, sempre se mexendo, ativo, sendo “mais que os outros”: “Eu olhava as outras crianças e achava que elas eram muito lerdas, todas quietinhas. Com um ano ele já andava, parou de usar fraldas com um ano e meio, e com um ano e quatro meses já falava, com dois anos falava tudo e tudo certo porque eu ensinava falar tudo certo”, relata a mãe. Ela ressalta que percebeu que seu filho era superdotado desde muito cedo, pois sempre gostou de estudar e, segundo diz, com uns três anos começou a ensinar as letras e os números para ele; ela escrevia num caderno, e ele copiava, e dizia: “Você tem que escrever na linha”. Quando ele foi para a pré-escola, aos quatro anos, já sabia escrever; contava histórias pelos desenhos dos livros, pois ainda não sabia ler. A partir disso, a professora anuncia à mãe: “Seu filho é superdotado!”. Tal nomeação não é sem efeitos, e o “filho perfeito” tão desejado pela mãe se confirma na nomeação recebida pela professora.

A mãe de Tiago, quando solteira, não pensava em ter filhos. Quando se casou só pensava em tê-los depois de muito tempo, pois já se preocupava com os gastos e com a educação. A gravidez de Tiago foi planejada, e sua mãe diz que ficou muito feliz quando soube que estava grávida. Segundo ela, só queria ter “filho perfeito”, mas não imaginou que fosse nascer “tão perfeito assim”. Não passou mal durante a gravidez, e com três para quatro meses Tiago já se mexia. Ela relata sua satisfação ao saber da superdotação do filho. Para

ela, tratava-se de uma confirmação da “diferença” que ela já pensava que o filho tinha em relação às outras crianças.

Segundo relatos da família, com três anos Tiago começou a frequentar o maternal em uma escola pública perto de casa. Sua mãe diz que sempre se preocupou com a educação do filho e relata que, ao ser matriculado na escola, a professora logo percebeu que havia algo diferente nele. Depois prosseguiu com o ensino fundamental em uma escola estadual de um bairro vizinho. Iniciou seus estudos já na segunda série, pois passou por um processo de aceleração escolar, devido ao estágio avançado que apresentava no desenvolvimento da leitura/escrita em relação aos demais alunos. Quando estava na terceira série, foi indicado para participar das atividades de um núcleo de enriquecimento para altas habilidades e, na quarta série, foi transferido para uma escola privada, mantida por uma grande multinacional, como bolsista, onde estuda até hoje.

No ambiente familiar, de acordo com os pais, Tiago sempre fez muitas perguntas sobre tudo. A mãe relata que, quando criança, não gostava de brincar com carrinho. Seu interesse era e montar e desmontar brinquedos, e ele “adorava mesmo era de escrever, adorava uma caneta e um papel, se tivesse isso ficava o dia inteiro entretido. Então, eu escrevia um monte de frases pra ele ficar copiando”. Segundo Tiago, “ser um superdotado é diferente, mas as pessoas podem ter habilidades e não explorá-las. Cada pessoa tem uma habilidade, porém em áreas diferentes. Não sou superior porque tenho uma habilidade”. Ao responder quando percebeu que era superdotado, diz ter se dado conta quando foi chamado para participar do Núcleo de Enriquecimento de sua cidade porque eles explicaram o motivo de sua seleção. Com o passar do tempo percebeu o que era ser superdotado. Diz que se sentiu bem, alegre, porque tinha algo diferente e estava tendo a oportunidade de ficar com outras pessoas, também diferentes e desenvolver suas habi-

1. Relatos transcritos sem correção da língua.

lidades. Segundo seus relatos, ele fica feliz ao perceber que sua mãe fica satisfeita com sua condição. Acredita que parte de sua alegria se relaciona à alegria que dá aos pais e ao fato de saber que eles podem ficar despreocupados com ele. Para ele, ser superdotado é um bem e relata que sabe que tem uma habilidade/talento que a maioria das pessoas não tem, e isso pode ajudá-lo a alcançar um futuro melhor.

Em um caso de neurose, temos um assentimento por parte desse sujeito, que insiste na posição em que o Outro o colocou. De fato, tem-se aí um modo de gozo específico, que é, como resultado de uma operação lógica, a identificação a uma designação e, nesse lugar, Tiago se faz um nome: superdotado.

Breves discussões sobre o caso

Nas entrevistas com os pais, podemos destacar a existência de histórias antecedentes mesmo à ocasião do nascimento dos filhos, tempo referido à infância materna, no qual já se marcava certo posicionamento por parte dessa mulher sobre o que o filho iria representar, desejo viabilizado a partir da chegada de um filho superdotado. Essa criança se constituiria no objeto idealizado, que viria responder prontamente à demanda incondicional da mãe, dada a sua dependência de amor. Nesse sentido, a superdotação pode ser considerada uma solução para atender o desejo materno. Partimos da hipótese de que o sujeito dito superdotado traz concepções a seu respeito que atendem à demanda do par parental e das instituições sociais. Dessa forma, se encontra alienado de seu desejo; no entanto, tal posição o coloca ainda em uma condição de mais-valia, uma vez que há um ganho social e subjetivo ao ser tomado como superdotado. Conforme pudemos verificar no discurso de Tiago, ser superdotado garante a ele uma satisfação já que encarna os ideais do par parental, bem como os ideais estabelecidos pela escola e pela sociedade.

Além disso, no caso relatado, ficou patente a atuação de uma operação significativa,

de uma operação de linguagem, como instituinte de um sujeito determinado a se colocar no lugar de superdotação. Assim, podemos pensar que a nomeação “superdotado” aparece como um traço bastante peculiar de Tiago, a partir do qual o sujeito pôde articular sua cadeia de significante, marcando-se como sujeito em sua singularidade. A nosso ver, o diagnóstico de superdotado se configura para Tiago como uma fixação em um nome que silencia o sujeito e o transforma em pura determinação, sem dar lugar a uma expressão sexual do inconsciente. Trata-se aí de uma identificação que decorre do fato de o sujeito subsumir uma imagem, um nome, um significante, elementos que recobrem um vazio do sujeito.

Sobredotação e psicanálise:

um breve percurso

É de conhecimento geral que no Ocidente a inteligência é um atributo muito desejado. Sabemos que na complexificação da escolarização a que chegamos possivelmente não haja outro atributo mais valorizado que a inteligência. Tal valorização é facilmente perceptível por qualquer pessoa quando nos referimos a uma certa idealização em torno da escola, da criança, do adolescente e das possibilidades de trabalho que o país oferece.

Da mesma maneira, com a valorização da inteligência pelo discurso social, encontramos a ciência, principalmente sustentada pela psicologia e pela neurociência, ocupando-se em desvendar os “mistérios” da inteligência bem como de seu fracasso. De modo geral, permanece uma instância avaliadora proveniente do discurso do outro, que faz com que haja uma nomeação em torno das crianças e adolescentes e que seja tida como algo finalista: ou se é ou não se é inteligente. Na contemporaneidade, nos diz Viganó (2005, p. 17), a avaliação nos permite passar “...da ordem da ciência ao empirismo da perícia, constituindo um parecer que utiliza a competência científica. Recolhem-se os dados e, com a dificuldade de agregá-los,

surgem as hipóteses e as teorias”. A questão maior que surge como decorrência disso, a nosso ver, é o caráter criacionista do significante, ao nomear os sujeitos como infradotados, medianamente dotados ou superdotados.

No mesmo viés dessa discussão, Lacan (s.d) sustenta que, à medida que o social outorga ao sujeito um nome, não resta outra saída a esse sujeito a não ser responder desse lugar, mesmo que para isso ele perca sua singularidade. Ora, o que Lacan diz, de modo mais preciso, é o “ser nomeado para”, uma nomeação que é “da ordem de ferro” e causa — Lacan se interroga — uma “degenerescência catastrófica”. Nesse sentido, podemos pensar também na elaboração lacaniana em torno do conceito de afânise (1998). Uma vez tendo surgido no campo do Outro, o significante mestre (S_1), na medida em que ele representa o sujeito para outro significante, o segundo significante tem por efeito a afânise do sujeito. Desse modo, nos diz Lacan (1998, p. 207), “O sujeito aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele se manifesta como *fading*, como desaparecimento”. Com isso, verificamos, no que diz respeito à nossa discussão, que a ciência aparece na contemporaneidade como o principal representante do discurso social; portanto, é formador de subjetividades. De modo mais específico, no que diz respeito à superdotação, cabe investigar os efeitos do discurso social sobre o PAH, pois, existe uma identificação ao significante da nomeação.²

É claro que não nos pautamos apenas nessa dimensão do discurso social para pensar na superdotação. O que nos chama atenção é o ideal colocado em torno da genialidade e que, pode ter um caráter segregacionista, assim como o fracasso escolar. No entanto,

trata-se de uma segregação menos danosa ao sujeito, uma vez que o sujeito que fracassa é segregado de sua subjetividade e de diversos elementos da cultura. A esse respeito, encontramos diversos autores psicanalistas que tratam da relação entre psicanálise e educação, mas de modo geral pensam na sempre importante dimensão do fracasso escolar.

De início, destacamos o trabalho de Maud Mannoni (1985, 1989) por ser ela uma das primeiras a discutir a relação entre psicanálise e educação em uma perspectiva lacaniana e que, ao mesmo tempo, nos servirá de base para a formulação de uma de nossas hipóteses. Mannoni (1989) sustenta que a relação entre os pais e com seu filho está em ação mesmo antes do nascimento da criança e remete cada um dos pais ao modo como cada qual viveu seus Édipos e ultrapassaram as “distorções” ligadas ao “desejo de incesto”. Assim, essa autora nos diz que o sujeito surge marcado por uma “intersubjetividade”, segundo a qual o lugar que ocupa no desejo da mãe e o modo como o pai comparece na castração é que marcará a constituição do sujeito.

Em *A criança retardada e a mãe*, ela sustenta que a demanda da mãe em relação ao filho se constitui como envelope de seu desejo perdido e, quando esta mãe “solicita do filho que seja inteligente” (MANNONI, 1985, p. 42) alguma coisa vai ocorrer. Para ela, tanto nos casos de debilidade quanto de superdotação, a criança permanecerá como aprisionada no desejo da mãe.

Na medida em que, por trás da sua demanda, é de outra coisa que se trata, a criança permanecerá como uma sombra, tendo sido atribuído um lugar preciso à sua inteligência na fantasia materna. A relação mãe-filho vai estabelecer-se através de um prisma deformante (MANNONI, 1985, p. 43).

Para a autora, a criança é convocada a ocupar um lugar que satisfaça o desejo inconsciente da mãe. Dessa forma, com base

2. Vale destacar que não desconsideramos aqui uma predisposição orgânica à superdotação, que se relaciona ao real do corpo. No entanto, nossa investigação se dirige no sentido de pensar nos efeitos do significante sobre o sujeito.

em Mannoni e Lacan (2003), podemos pensar que a criança é colocada como um modo de atender o desejo materno, o que nos remete à posição sintomática da criança.

É evidente que as discussões aqui feitas e que se aplicam ao propósito de nossas discussões remontam os escritos freudianos. Sabemos, com Freud ([1908]1996) que a curiosidade intelectual está associada à curiosidade sexual. Desse modo, sustentamos que o conceito de inteligência proposto pela psicanálise sofre um deslocamento em relação àquele tratado pela psicologia clássica. Na psicanálise, a inteligência passa a ser vista sob o primado do sexual e do desejo. Para Freud, as interrogações que as crianças fazem a respeito das origens (“De onde vêm os bebês?”) não se propõem a resolver o enigma do nascimento dos bebês. Antes, se referem a um tempo em que a criança se vê confrontada como sujeito diante do desejo do Outro materno.

No entanto, diante dessas e de outras interrogações, a criança vê nas respostas dos adultos sempre um ponto de insatisfação, o que demarca uma impossibilidade de saber sobre o sexo. Todavia, diz Freud ([1908]1996, p. 222) “...essas hesitações e dúvidas tornam-se [...] o protótipo de todo trabalho intelectual posterior aplicado à solução de problemas, tendo esse primeiro fracasso um efeito cerceante sobre o futuro da criança”.

Entretanto, em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* ([1910]1996) Freud irá associar o privilegiado relacionamento de Da Vinci com sua mãe e os efeitos disso, associados às investigações sexuais infantis, sobre o desenvolvimento de sua inteligência científica e artística. Freud sustenta que “a pesquisa psicanalítica oferece-nos a explicação completa mostrando a maioria das crianças, ou pelo menos as mais inteligentes, atravessam um período de pesquisas sexuais infantis” (FREUD, [1910]1996, p. 72). Em 1995 Lacan afirmará que a genialidade de Da Vinci está diretamente ligada ao modo como o renascentista pôde se colocar

frente ao desejo de uma mãe fálica e como sua genialidade se estabeleceu como um modo de responder a esse desejo.

Finalmente, nesse mesmo texto, Freud ([1910]1996) aponta três destinos para o desejo de saber: a inibição intelectual, a compulsão à pesquisa e, por fim, a sublimação. A compulsão à pesquisa se refere, em linhas gerais, ao fato de a atividade intelectual escapar ao recalçamento, mas de algum modo permanecer ligada à busca do gozo sexual que era objetivo das primeiras investigações. Isso leva o sujeito a fracassar novamente quando ele busca respostas ao enigma de sua existência, empreendendo-se em uma busca incessante que se coloca cada vez mais longínqua, todavia aparece como motor de suas pesquisas.

É evidente que há muitas outras questões, tanto em Freud quanto em Lacan, que nos permitem discutir sobre a relação entre “cognição” e desejo. No entanto, o nosso espaço não nos permitir avançar mais. Todavia, é oportuno destacar o trabalho de psicanalistas brasileiros que se debruçam sobre a possível interlocução entre psicanálise e educação.

Considerações finais

Pode-se verificar que a psicanálise possui um referencial teórico capaz de auxiliar os profissionais que trabalham com o tema da sobredotação, tendo em vista a apresentação de um outro enfoque a respeito da subjetividade. De início, reafirma-se a vocação investigativa da psicanálise a partir da intervenção, ou seja, a partir do estabelecimento da relação entre tratamento e investigação. Conforme apontado, a psicanálise é uma teoria da clínica, ou seja, seus conceitos e teorizações são provenientes daquilo que o psicanalista extrai a partir da condução do tratamento de seus pacientes. Com a sobredotação não é diferente. Trata-se de extrair dos atendimentos, ou entrevistas, com sujeitos nomeados de sobredotados, aspectos que auxiliarão na construção de uma teoria da psicanálise que

contribua com as investigações sobre o tema.

De todo modo, o que se pode extrair da entrevista supracitada é que ser nomeado de superdotado ou “se dar” um nome de superdotado talvez possa exercer a função de Nome-do-Pai, como um dos nomes do pai, pelo menos nos moldes que Lacan designou no *Seminário 23*:

O pai é esse quarto elemento sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real. Mas há um outro modo de chamá-lo. É nisso o que diz respeito ao Nome-do-Pai, no grau em que Joyce testemunha isso, eu o revisto hoje com o que é conveniente chamar de *sinthoma* (LACAN, 2005, p. 163).

Por esse caminho, não se trata aqui de aprisionar o sujeito em uma dada classificação, nem mesmo fazer vacilar sua identidade enquanto sujeito falante, mas, antes, verificar qual a função que tal nome exerce para este ou aquele sujeito. Trata-se de garantir que, em meio aos universais, algo seja extraído daí e se garanta uma posição muito particular, bastante singular ao sujeito que tomou o nome, seja proveniente de uma enunciação vinda do campo do Outro, seja de uma autoenunciação, como um modo de se fazer sujeito.

Receber um nome ou se dar um nome é um modo de desinserção, uma vez que “ser nomeado” está na base, “...no princípio de toda inserção simbólica do ser” (MILLER, 2011, p. 10). Dito de outra maneira, ter o nome superdotado garante ao sujeito um modo de inscrição simbólica que encontra uma ancoragem no social e estabelece importantes laços, ainda que pagando o preço de se encontrar alienado nesse nome. Trata-se da possibilidade de subsumir uma posição que o sujeito encontra através de uma narrativa feita a seu respeito; se ficar nessa posição pode ser uma alienação, também é um ponto de satisfação, em que ser nomeado superdotado é uma qualificação mitificada nos tempos atuais. Talvez o que uma psicanálise possa fazer por esses sujeitos seja au-

xiliá-los a realizar uma travessia desse nome que lhe foi dado e, ao mesmo tempo, possibilitar a ele encontrar um novo nome capaz de recompor o peso semântico no qual o sujeito foi enodado. Ao se pensar na ação do psicanalista na cidade, cabe afirmar que uma das contribuições da psicanálise ao tema da sobredotação é verificar as particularidades do caso. Em cada caso narrado trata-se de verificar que um mesmo nome possui funções diferenciadas, seja na neurose, seja na psicose. Isso nos ajuda a resgatar o caráter de particularidade que a psicanálise insiste em resgatar em meio às tentativas recorrentes da ciência em universalizar o mundo e seus fenômenos.

Abstract

This paper presents a brief psychoanalytic discussion about giftedness and the effects it has received this name for a subject, based on the fragment of a clinical case.

Keywords: *Giftedness, Psychoanalysis, Naming.*

Referências

FREUD, S. Sobre as teorias sexuais das crianças (1908). In: _____. *“Grádiva” de Jensen e outros trabalhos* (1906-1908). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 191-204. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910). In: _____. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (1910[1909]). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 73-141. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).

FREUD, S. Recomendações aos médicos que praticam a psicanálise (1912). In: _____. *O caso Shereber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 147-159. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

LACAN, J. *O seminário, livro XXI: Les non-dupes errent*. Inédito. Aula de 19 mar. 1974.

LACAN, J. *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. Nota sobre a criança. In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 369-370.

LACAN, J. *O seminário, livro XXIII: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MANNONI, M. *A criança retardada e a mãe*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

MANNONI, M. *Um saber que não se sabe*. Campinas: Papyrus, 1989.

MILLER, J.-A. Vers Pipol 5. *Quarto*. n. 88. Bruxelles, 2011. p. 10-11.

VIGANÓ, C. A avaliação e seus destinos: outras considerações. *Mental*, nov. 2005, v, 3, n. 5, p. 15-21.

RECEBIDO: 15/03/2013

APROVADO: 08/04/2013

SOBRE OS AUTORES

Cássio Eduardo Soares Miranda

Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ruth Helena Pinto Cohen

Doutora em Psicologia pela UFRJ.
Professora Adjunta da Escola de Educação Física e Desportos e da pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Psicanalista. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise. Supervisora clínica do Serviço de Psicanálise em Atenção à Infância do Hospital São Zacarias. Autora do livro *A lógica do fracasso escolar: psicanálise & educação* (Contra Capa, 2006).

Endereço para correspondência:

Avenida Japão, 581 – Cariru
35160-118 – Ipatinga/MG
E-mail: cassio.edu2007@gmail.com

A pesquisa em psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico

*Research in psychoanalysis:
method of construction psychoanalytic case*

Denise Quaresma da Silva

Resumo

A autora aponta subsídios teóricos que possibilitem aos pesquisadores do campo das ciências humanas e da psicanálise reflexões acerca do método de construção do caso psicanalítico, como um aporte para as pesquisas qualitativas nesses campos. Discute teoricamente a construção da *Psychoanalytische forschung* (pesquisa psicanalítica), que aparece várias vezes ao longo dos textos freudianos.

Palavras-chave: Pesquisa psicanalítica, Caso psicanalítico, Pesquisa qualitativa, Psicanálise.

Neste texto, aponto alguns subsídios teóricos que possibilitem aos pesquisadores do campo das ciências humanas e da psicanálise reflexões acerca do método da construção do caso psicanalítico, como um aporte para as pesquisas qualitativas nesses campos. Esse aporte teórico foi empregado em tese de doutoramento intitulada *Mães-meninhas: a gravidez na adolescência escutada pela psicanálise e educação* (QUARESMA DA SILVA, 2007).

Conforme explana Nogueira (2004), a psicanálise aplicada é o tratamento psicanalítico, e aquilo que escapa ao tratamento psicanalítico é a teoria psicanalítica. Já a psicanálise em extensão refere-se àquilo que o psicanalista pode aprender através da investigação da cultura humana, das atividades humanas. Esse autor refere que Freud, com a obra de Sófocles, *Édipo Rei*, pode aproveitar a tragédia grega para formalizar o que chamou de complexo de Édipo, aprendendo com a tragédia para fazer uma teoria psicanalítica. A própria expressão *Psychoanalytische forschung* (pesquisa psicanalítica) aparece várias vezes ao longo dos textos freudianos. Concordo com o autor e postulo que podemos

aprender com todos os fenômenos humanos, tantos quantos nos façam questão.

A entrevista e a investigação narrativa: os contadores de histórias

Tomando como referência um caleidoscópio, podemos pensar o quanto, justamente girando seu prisma, se possibilita que a entrada de luz incida sobre outros ângulos, dando outra visão, outro aspecto de um mesmo raio de luz. Na pesquisa psicanalítica, o(a) pesquisador(a) se utiliza metaforicamente de um caleidoscópio para pensar na questão que é objeto de investigação, iluminando ângulos até então pouco percebidos ou ignorados, através de ferramentas múltiplas — nesta pesquisa, as entrevistas semiabertas.

Ao problematizar o papel das entrevistas nas pesquisas em educação, Silveira (2002, p. 120) contribuiu significativamente ao pôr em questão a tradicional concepção da entrevista com uma função “partejadora”. A autora ironiza a expectativa de que, através da entrevista, possamos “descobrir” dados fidedignos e “desnudar a verdade mesma” sobre aquilo que pesquisamos. A ironia da autora se dá em função da problematização que

realiza em torno das pesquisas e entrevistas que se propõem encontrar e/ou descobrir a verdade absoluta sobre algum objeto de estudo. Nesse sentido, a pesquisa psicanalítica, por levar em consideração o inconsciente humano, propõe não a busca de uma verdade absoluta, mas a investigação de verdades contextuais, relativas e individualizadas.

Tomo a entrevista na pesquisa psicanalítica como uma ferramenta também produtora de subjetividades, pois aquele que ocupa o lugar de entrevistador fala de um lugar de saber e poder, produzindo efeitos sobre o(a) entrevistado(a). No momento da entrevista, o(a) participante entrevistado(a) vai escolher as palavras a serem ditas, levando em consideração o papel que o(a) pesquisador(a) ocupa e os sentimentos que são provocados. Nas entrevistas realizadas, inicialmente explica-se ao sujeito o trabalho de pesquisa buscando, desse modo, uma maior profundidade no diálogo. O engajamento dos(as) entrevistados(as) à pesquisa se dá por livre disponibilidade e, na medida do possível, busca-se um aprofundamento das questões.

Nessa modalidade de pesquisa, podemos também utilizar a técnica da observação livre com registro em diário de campo, no intuito de complementar e validar as informações construídas. Esse diário constitui ferramenta importante da pesquisa, pois nele registramos as impressões subjetivas, os aspectos informais, os gestos, os comportamentos, enfim, as expressões emocionais que percebemos no decorrer da pesquisa, e as percepções que tivemos ao longo das entrevistas e que não couberam nas narrativas, por serem importantes expressões não verbais que “falaram”. Essas percepções, por vezes pouco consideradas ou não validadas pelas ciências exatas, encontram, no campo das pesquisas em psicologia e psicanálise, sua valia, pois os silêncios, os suspiros, o tom de voz revelam a emoção e a afetividade que permeiam o sujeito na temática que narra, muitas vezes denunciando o sujeito.

Os atos falhos, nessa assertiva, também são valiosas pistas de como psiquicamente o sujeito lida com a temática que narra. Há um sujeito racional que narra entendimentos e compreensões, e há a verdade inconsciente, que por vezes, metaforicamente falando, escorrega e sai pela janela, contrariando o orador que relata uma suposta verdade que deveria sair pela porta...

As entrevistas são gravadas e transcritas posteriormente, para poderem ser analisadas em toda sua extensão. No momento da transcrição, os nomes verdadeiros dos(as) entrevistados(as) são preservados garantindo, assim, o sigilo e o tratamento ético, fundamentais nas pesquisas psicanalíticas.

A partir do que dizem ou fazem, os(as) entrevistados(as) também exercem efeitos sobre o(a) entrevistador(a), desestabilizando suas “convicções” ou propósitos, ao se posicionarem de maneira diferente da esperada (que falem, que digam muitas coisas, que colaborem). Às vezes, até mesmo se negam a participar. Tais acontecimentos nos levam a vislumbrar a impossibilidade de que o andamento da pesquisa tenha o caráter linear e organizado que desejamos inicialmente, necessitando reavaliações e reconstruções na medida em que nos encontramos com as “realidades” do local e dos(as) participantes da pesquisa.

De acordo com Silveira (2002), as orientações *tradicionais* de entrevista oferecem uma série de receitas, atitudes e procedimentos que deveriam ser adotadas pelo entrevistador na situação de entrevista, “todas elas sob a égide de uma maior eficiência do partear da palavra alheia e do direcionamento dessa palavra” para os objetivos de captação de “dados fidedignos” (SILVEIRA, 2002, p. 123). Atenta-nos para o fato de que não podemos ser ingênuos a ponto de achar que, nas entrevistas realizadas durante uma pesquisa acadêmica, as informações venham até nós de modo puro e que, por fim, acabem por expressar a verdade mesma das questões pesquisadas. Para ela, devemos nos posicio-

nar de maneira realmente atenta, mostrando a impossibilidade de darmos conta de ideais tradicionais, como objetividade, atemporalidade, fidedignidade, exatidão, imparcialidade e autenticidade.

Em relação a essa discussão, as contribuições de Mannoni (1982) se mostram valiosas para que possamos pensar sobre a questão do saber e da verdade em psicanálise, na medida em que se constitui a disciplina que estuda o inconsciente. Para a autora, a psicanálise freudiana apresenta um duplo discurso: de um lado, busca o reconhecimento como “científico”; de outro, apresenta uma discursividade que se abre aos mitos, nos deixando atentos ao fato de que somos passíveis de nos enganar pelo saber. A autora entende que tomar a teoria analítica por um saber sem falhas seria danoso à psicanálise, pois estaria suplantando a dimensão da verdade.

Além desses elementos presentes na situação da entrevista, vejo-a também como mais uma forma de “produzir dados” para análise, na medida em que, como pesquisadora, escolhe as palavras da pessoa e faz uso delas de maneira certamente não desinteressada.

Sequencialmente, outro aspecto importante em relação às entrevistas se refere à sua transcrição e à impossibilidade da transparência na reconstrução ou reintegração da narrativa de modo idêntico como foi enunciada: se veio ou não acompanhada de um choro, de dúvida, de um sussurro, de um silêncio, de um sorriso. Isso porque, ao ser dito e se tornar público, o enunciado se coloca fora daquele que enuncia, fazendo parte de outro contexto e de outro tempo, sendo reinventado na análise da pesquisadora.

No lugar de quem investiga e analisa, é importante compreender a entrevista no seu aspecto polifônico, ou seja, trazer para a análise justamente as “outras vozes”, a pluralidade discursiva que atravessa a narrativa da entrevistada; sem deixar de mencionar que a própria presença de quem investiga é parte dessa pluralidade discursiva, ou seja, sempre há uma interferência, mesmo que mínima e

não intencionada. É importante então compreender, durante a entrevista e na análise, que o indivíduo é sujeito de uma série de discursos (ditos e não ditos) e que o mesmo indivíduo pode ocupar diferentes posições de sujeito: quem fala em mim?

Ao narrar uma história escutada ou dita, há toda uma plasticidade de significantes que a bordejam: uma interpretação da palavra dita pela entrevistada está muito mais ligada à interpretação significativa da pesquisadora do que ao sujeito que fala. Dessa forma, como aponta Folberg (2002), podemos apenas nos aproximar do significado do que nos é anunciado.

Nesse sentido, aponto para a cautela necessária na escuta das vozes que falam: é preciso se perguntar várias vezes para que a verdade, ou parte da verdade, ainda que provisória e inconstante, venha à luz. Enfatizo que na pesquisa psicanalítica o trabalho com a escuta das múltiplas vozes passa pelo mundo interno do(a) pesquisador(a), fazendo, como sugere Barbier (1993), uma história que é construção da história do(a) investigador(a).

Nessa assertiva, as entrevistas são tomadas como narrativas e examinadas a partir dos pressupostos teóricos da teoria psicanalítica, para discutir e problematizar discursos e/ou fragmentos de discursos que, de forma articulada, permitam que as jovens (re)signifiquem esse momento.

Larrosa (2004) argumenta que o ser humano utiliza as narrativas constantemente para se autointerpretar. As histórias nos constituem e são produzidas no interior de determinadas práticas sociais mais ou menos institucionalizadas: instituições como família, escola, igreja, tribunais, relacionamentos amorosos, grupos terapêuticos, ou uma entrevista, um processo investigativo e programas televisivos se tornam espaços de produções narrativas e de constituição de subjetividades.

De acordo com Connelly e Clandinin (1995, p. 11), os humanos são “organismos contadores de histórias”, seres que, de forma

individual ou social, vivem vidas relatadas. Para esses autores, estudar as narrativas é olhar para as formas pelas quais os seres humanos experimentam o mundo. Portanto, se a narrativa é uma maneira de caracterizar os fenômenos da experiência humana, então seu estudo vem a ser adequado em diversos campos das ciências sociais. A investigação narrativa dentro desses campos é uma forma de narrativa empírica onde os dados são fundamentais para o trabalho.

Para a análise dos dados colhidos nessas múltiplas vozes que constituirão o caso psicanalítico, conforme relata Iribarry (2003), a experiência do(a) pesquisador(a) psicanalítico(a) diante das entrevistas e questionários respondidos é tomada no sentido de uma aprendizagem que se transformou em saber, ou seja, uma *Erfahrung*, uma experiência decorrente do contato do(a) pesquisador(a) com os(as) participantes de sua investigação e com os dados coletados. O(A) pesquisador(a) psicanalítico(a) faz parte da experiência de aprendizagem extraída da pesquisa e, com base no estudo de caso, constrói o caso psicanalítico.

A construção do estudo de caso psicanalítico

Ao desenvolver seus estudos sobre a pesquisa em psicanálise, em especial sobre o estudo de caso, Stake (1994) refere que, por abordar aspectos privados, um código de ética estrito oferece proteção aos(às) participantes da pesquisa, já que esta se interessa por pontos de vista e circunstâncias pessoais. Segundo o autor, embora os casos lidem com assuntos de interesse público, a garantia de privacidade deve se situar em lugar privilegiado. Em um estudo de caso psicanalítico, as questões éticas estão na pauta das preocupações, as participantes são informadas do termo de consentimento pós-informado, do sigilo acerca de seu nome.

Quando nos referimos à pesquisa em psicanálise, logo entra em discussão a questão do domínio desse campo do saber, tantas

vezes tomado como específico do trabalho clínico terapêutico. Argumento que Freud desenvolveu a psicanálise para além de uma teoria, como um método de pesquisa tantas vezes empregado por ele fora dos limites do *setting* terapêutico, analisando produtos da criação humana como obras de arte, textos, instituições, etc.

Retomamos a ideia de que uma ciência se define pelo seu objeto e pelo modo de investigação (método) desse objeto. Silva aponta:

O objeto da psicanálise é o inconsciente, é a gama de significados emocionais possíveis que se organizam segundo um fio condutor que batizamos de desejo, com tendência a se manifestar à consciência e daí ao ambiente. O método da psicanálise apresenta-se com uma dupla face: de um lado, a associação livre — a oferta de material sem crítica ou intenção determinada, e de outro, a atenção flutuante — captação de material sem crítica ou intenção predeterminada. Na prática, isso se traduz por uma espécie de jogo em que as fantasias de ambos os interlocutores organizam-se em busca de um consenso sempre questionado a respeito do avesso do que foi dito. Ou seja, o método da psicanálise caracteriza-se por abertura, construção e participação (SILVA, 1993, p. 20).

Além disso, é um método receptivo em que se valoriza mais a escuta do que a fala, no qual o objeto não é simples de ser apanhado: mostra-se esquivo, permitindo apenas furtivas observações de sua presença.

Na transposição da escuta psicanalítica clínica — de consultório — para a prática psicanalítica de pesquisa, alguns ajustes devem ser realizados no que tange ao tipo de material a ser analisado. Porém, algumas características essenciais devem ser preservadas para que se possa ainda considerar o método como psicanalítico, isto é, possibilitador da emergência de sentidos submersos.

A mais fundamental dessas condições, citada por Silva, é que não se dê início a uma

investigação trazendo alguma resposta, teoria ou conhecimento anterior; é importante que se tenham hipóteses, mas que não limitem a escuta, “não impeça[m] a aventura da busca do desconhecido” (1993, p. 21). Para a autora, “a demonstração de um saber prévio, ao estilo de um teorema, não pode ser psicanalítica pela simples razão de que essa resposta já é consciente” (SILVA, 1993, p. 21). Os conhecimentos prévios podem servir muitas vezes como formas de resistir ao novo, ao não sabido, ao que se desconhece.

À medida que elementos possibilitadores de análise e clarificadores em relação ao objeto e às questões de pesquisa emergem no decorrer da pesquisa, passam a acontecer os movimentos analíticos que buscam compreender as manifestações emergentes.

Segundo Fédida (1991), a construção do caso se oferece como ferramenta própria ao método psicanalítico de pesquisa, ao permitir o exame *metapsicológico* da dimensão inconsciente posta em jogo em um tratamento psicanalítico.

O caso é construído através da conjunção das experiências de vida dos(as) entrevistados(as), num trabalho metodológico que se propõe a contemplar a singularidade dos(as) participantes da pesquisa. O caso é composto enquanto uma história que vai sendo construída à medida que é escrita pelo(a) pesquisador(a). Com base no observado e escutado durante a pesquisa, se constrói uma narrativa pessoal que, por fim, acaba sendo o “caso”, ou seja, o caso do(a) pesquisador(a). De acordo com Stake (1994), o modo como os fragmentos das entrevistas e das cenas observadas são apresentados aos leitores é o produto de uma tentativa do(a) autor(a) de fazer com que o leitor conheça as histórias contadas e analisadas, e possa senti-las como se as tivesse vivenciado.

As narrativas construídas a partir das falas das pessoas entrevistadas são objeto de interpretações enquanto caso de análise. Fédida (1991) refere que o caso é uma teoria com capacidade de transformação psicológi-

ca e, em função disso, é necessário entender a história do caso como algo dinâmico, uma construção permanente produzida pela ficção das ideias.

Conforme Barth (2006), o uso da ficção como ferramenta do psicanalista pode a princípio causar certo desconforto:

Assim, é o efeito capaz de ser produzido que dará o caráter de bem fundado a um conceito psicanalítico, uma vez que, antes da formulação teórica, o psicanalista dá testemunho de sua escuta. A ideia de que um caso clínico seja uma ficção nasce do fato de que o relato de um tratamento psicanalítico jamais consegue reproduzir o acontecimento concreto, mas sua história reformulada, a partir de uma reconstituição fictícia (BARTH, 2006, p. 40).

Desse modo, o caso se configura enquanto uma ficção, resultado da produção/exposição de uma hipótese teórica ao mesmo tempo que tem a capacidade de revelar o seu(sua) autor(a). Souza (2000) se remete ao caso clínico psicanalítico como um novo gênero literário, residindo nesse aspecto a explicação para o fato de muitos lerem os casos de Freud como se fossem romances. Postulo que a pesquisa psicanalítica proporciona da mesma forma a criação de um caso: o caso do pesquisador.

Santos (2005), ao justificar o uso da metodologia de construção de caso na realização de seu estudo de mestrado, postula:

Nesse sentido, o relato da experiência também seria uma construção particular do pesquisador, que envolve o registro de fragmentos que não têm sentido aparente, mas que o adquirem na relação com as construções teóricas subsequentes. Se as construções do analista a partir de fragmentos do atendimento podem ajudá-lo a dirigir a cura de um paciente, aqui elas poderão possibilitar a elaboração que pode viabilizar a comunicação de uma experiência para a comunidade científica (SANTOS, 2005, p. 15).

De acordo com Fédida (1991), a construção do caso é um método de pesquisa psicanalítica utilizado pelo psicanalista na situação de tratamento, constituído a partir do registro das lembranças e dos fragmentos narrados pelo paciente. À realização dos registros se segue/sucedem um exercício *metapsicológico* enquanto ficção de conceitos, que se inicia no momento da escuta do paciente e que tem andamento na elaboração, efetivada em momento distinto do processo analítico. Posteriormente, o analista reflete sobre sua prática e produz uma fecunda elaboração sobre sua prática clínica. Esse modo de conduzir a técnica psicanalítica foi introduzido por Freud, que dele fazia uso para, constantemente, reconstruir e reorganizar os conceitos que estava produzindo teoricamente.

A ficção de conceitos é discutida por Fédida (1991), apontando que ela se estrutura em torno não de um simples relato do caso, mas sim da construção de um *enigma do caso*, que vai sendo organizado durante a escuta do analista ao paciente e que se dirige posteriormente ao supervisor de sua prática clínica. Algumas hipóteses em torno do enigma são os motores que direcionam a pesquisa psicanalítica, embora se procure manter o enigma durante a sua prática.

Barth (2006), ao discutir a construção do caso como ferramenta da pesquisa psicanalítica, cita Fédida (1991) e seu texto *A construção do caso*. Nele o trabalho de supervisão com uma analista é tomado como ponto de partida para o estudo, demonstrando como o relato de um caso de análise poderá se transformar em uma construção do caso. É preciso cautela, pois o enigma citado por Fédida “só pode ser entendido enquanto enigma da vida psíquica do paciente, estabelecido a partir da escuta oferecida por um analista, ou seja, o caso não está dado, pronto, antes do advento da relação transferencial” (1991, p. 25-26). Sendo assim, o analista está implicado no caso levado à supervisão. Na pesquisa psicanalítica, da mes-

ma forma, as hipóteses são produzidas pela fantasia do(a) pesquisador(a) e, justamente por isso, não está autorizado(a) a formular sobre essas hipóteses interpretações que possam ser comunicadas aos participantes da pesquisa.

O caso é sempre uma construção realizada em supervisão baseada no mundo interno do pesquisador. Constitui-se a partir da travessia de observações e escutas realizadas pelo seu mundo interior, resultando em produção narrativa significada pelas suas experiências e vivências subjetivas. Outro aspecto importante é o fato de a construção do caso funcionar como um método de escrita no qual o(a) psicanalista/pesquisador(a) produz uma transfiguração das narrativas do(a) paciente/participante da pesquisa possibilitando, assim, que os leitores consigam compreender o caso. A construção realizada pelo(a) analista/pesquisador(a) proporciona a inteligibilidade da trama. Fédida (1991) argumenta que o caso publicado é sempre do(a) analista. Nessa assertiva, postulo que o caso na pesquisa psicanalítica é sempre do(a) pesquisador(a).

O modo pelo qual o pesquisador vai apresentar sua narrativa, sua construção do caso será, conforme Stake (1994), escolha do(a) próprio(a) pesquisador(a) e oriundo de sua forma pessoal de escrever e de narrar. Os aspectos que considerará importantes em sua construção também serão escolhas do pesquisador, que necessitará “recortar” tais elementos, observando o foco de seu estudo e levando em conta que jamais seria possível narrar ‘toda a história’. Outra contribuição importante desse autor é o alerta para o fato de que os pesquisadores que optam por trabalhar com a metodologia de estudo de caso acabam transmitindo alguns de seus próprios significados aos aspectos estudados em detrimento de outros.

Para Barth (2006), essa questão merece destaque, já que, frequentemente em torno dela, são construídas fortes críticas. Diz o autor:

Como garantir a apropriação dos dados coletados durante a observação, por exemplo, para uma forma final de apresentação do caso? Aqui, destaco que os “próprios significados pessoais”, os quais parecem confirmar a fragilidade desse método de investigação psicológica, são a condição *sine qua non* para a efetivação de uma pesquisa psicanalítica (BARTH, 2006, p. 19-20).

Ao discutir as funções de um estudo de caso quanto à descrição e à transcrição dos dados, Allonnes (1989) aponta que consistem em informar e formar; em ilustrar, por ser esta a mais rigorosa ferramenta de ilustração; em problematizar, estabelecendo uma relação de troca entre a teoria e o material, evitando-se que aquela funcione de forma implícita ao fazer referência ao que não está dito; em apoiar e convencer, na medida em que a questão não é provar, mas convencer pela persuasão, já que muitas vezes o que se pretende num estudo de caso é a imposição de um sentido ao qual nada no sujeito pode opor resistência. Para tanto, o autor diz que o mais correto seria denominar “registro” de caso.

Barth (2006, p. 17) discutindo Allonnes, diz que ele parece não acreditar em um trabalho que vá além do estabelecido pela observação do material coletado, no qual a observação figura como um dispositivo privilegiado. A psicanálise, para Barth, rompe com esse modelo.

Outro aspecto que facilmente gera polêmica diz respeito aos riscos de o estudo de caso produzir generalizações. Allonnes (1989) entende que é possível buscar uma forma limitada e controlada da generalização. Isso porque o estudo de caso pretende conhecer os processos de uma (ou mais de uma) história singular a partir dos elementos coletados, voltando-se para a singularidade do caso, ou para o estudo dos seus procedimentos, ou ainda para os modelos de funcionamento.

Outro pesquisador da psicanálise que apresenta importantes contribuições para

pensarmos o estudo de caso é Nasio (2001). Discute que o movimento do analista de construir um estudo de caso em torno de algum paciente revela seu interesse por questões desse paciente. Refere que

[...] definimos o caso como o relato de uma experiência singular, escrito por um terapeuta para atestar seu encontro com um paciente e respaldar um avanço teórico. Quer se trate do relato de uma sessão, do desenrolar de uma análise ou da exposição da vida dos sintomas de um analisando, um caso é sempre um texto escrito para ser lido e discutido. Um texto que, através de seu estilo narrativo, põe em cena uma situação clínica que ilustra uma elaboração teórica. É por essa razão que podemos considerar o caso como passagem de uma demonstração inteligível a uma mostra sensível, a imersão de uma ideia no fluxo móvel de um fragmento de vida, e poderemos, finalmente, concebê-lo como a pintura viva de um pensamento abstrato (NASIO, 2001, p. 11-12).

As palavras de Nasio (2001) me remetem a pensar que, enquanto estudo de caso, a pesquisa psicanalítica não se fecha em si mesma e nas verdades que se propõe construir; ao contrário, é construída para ser lida e discutida, a fim de que sua presença no meio acadêmico possibilite a abertura de novas janelas do saber humano interessado em debater os aspectos pesquisados.

Fédida (1991) postula que a narrativa construída pelo(a) analista/pesquisador(a) está tão submetida às questões inconscientes quanto o relato da pessoa ouvida no decorrer da pesquisa/tratamento. Nessa direção, Barth (2006) nos alerta que a pesquisa psicanalítica constitui um exercício *metapsicológico*; o(a) pesquisador(a) não está desvinculado do objeto que pretende estudar. É possível compreender, a partir desse autor, que a construção psicanalítica do(a) analista/pesquisador(a) implica inicialmente a necessidade de ter seu olhar voltado sobre seu

próprio inconsciente, num processo analítico em que ocupa o lugar de paciente. Essa vivência criará condições de realização do exercício *metapsicológico* necessário à construção teórica psicanalítica.

A metodologia da construção de caso possibilita que as produções psicanalíticas não se restrinjam aos consultórios, contribuindo com as formações oferecidas nos espaços acadêmicos.

Havendo inicialmente um distanciamento entre a psicanálise e a formação universitária, a verdade é que, por suas tantas e possíveis contribuições, a psicanálise tem sido demandada pelas mais diversas formações acadêmicas. Portanto, se faz necessário que ela encontre meios de apresentar seus achados de modo que possa ser compreensível a sujeitos que não estão inseridos nos espaços privados da formação psicanalítica, pois por bastante tempo a psicanálise foi mantida longe dos currículos acadêmicos. Porém, isso não impediu que se desenvolvesse enquanto campo do conhecimento produtor de um amplo arsenal teórico. As instituições criadas com a finalidade de formar psicanalistas se ocuparam da continuidade dos estudos psicanalíticos, e nos últimos anos as universidades têm realizado movimentos de incluir a psicanálise em seus currículos, bem como têm se direcionado às pesquisas nessa área.

Conforme Mezan (1993), tal movimento nos incita a indagar sobre as condições e os limites do *ensino da psicanálise* nas universidades, uma vez que elas se voltam fundamentalmente para o desenvolvimento e o fomento da pesquisa, diferentemente das instituições psicanalíticas focadas na *formação* de novos psicanalistas.

De acordo com Silva (1993), a pesquisa em psicanálise se configura num empreendimento bastante complexo e fecundo. É a construção da teoria em psicanálise um trabalho de pensamento do(a) analista a partir de sua prática. Aponta para a fundamental importância de três elementos na pesquisa e na formação do(a) psicanalista/pesquisador(a): a própria análise pessoal, os estudos

teóricos e as trocas com outros(as) psicanalistas/supervisores(as).

Os elementos de minha própria formação como psicanalista e como educadora possibilitaram minha *entrega* ao estudo proposto como tese de doutorado e anunciado no início deste texto: um objeto de pesquisa que me fazia *questão* — as significações da gravidez para as adolescentes —, além de minha formação teórica constante, das trocas realizadas em supervisão com a orientadora acadêmica, da condição de escuta do outro a partir da escuta de mim mesma e da elaboração de minhas próprias questões, analiticamente.

Ou seja, a iluminação, a *clareagem*, a escuta e a leitura das vozes e dos silêncios foram propostas por um sujeito ativo, participante, não neutro: o(a) pesquisador(a) na pesquisa psicanalítica não é alguém distante, “esterilizado”, à parte da questão. Pelo contrário, sente em seu íntimo os *ecos* da pesquisa e por ela é atravessado(a).

A neutralidade necessária na pesquisa psicanalítica se refere ao compromisso de não interferir com a escolha íntima de cada sujeito participante, de não demandar assumir escolhas em seu nome, sugerindo-lhe possibilidades baseadas nas escolhas pessoais do(a) pesquisador(a), permitindo assim que surjam aspectos, sentimentos e pensamentos que muitas vezes não são percebidos ou não aparecem em modalidades de pesquisa mais cartesianas e mais diretivas.

Abstract

The author points out the theoretical subsidies that enable researchers in the field of humanities and psychoanalysis to reflect about the construction method of a psychoanalytic case as a contribution to qualitative research in these fields. Theoretically discusses the construction of Psychoanalytische forschung (psychoanalytic research), which appears several times over the Freudian texts.

Keywords: *Psychoanalytic research, Psychoanalytic case, Qualitative research, Psychoanalysis.*

Referências

ALLONES, C. R. *La démarche clinique en sciences humaines: documents et méthodes*. Paris: Bordas, 1989.

BARBIER, R. A escuta sensível em educação. *CADERNOS ANPED*, Niterói, n. 5, p. 187-216, 1993.

BARTH, L. F. *Da figuração à transfiguração da fantasia na construção do caso: as ficções metapsicológicas*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CONNELLY, F.; CLANDININ, D. Relatos de experiência e investigación narrativa. In: LARROSA, J.; ARNAUS, R.; FERRER, V.; PÉREZ DE LARA, N. (Orgs.). *Déchame que te cuente*. Barcelona: Laertes, 1995.

FÉDIDA, P. A construção do caso. Tradução de M. Gambini; C. Berliner. In: FÉDIDA, P. *Nome, figura e memória*. A linguagem na situação psicanalítica. São Paulo: Escuta, 1991.

FOLBERG, M. N. *Desdobrando o avesso da psicanálise: relações com a educação*. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115-138, 2003.

LARROSA, J. Notas sobre narrativa e identidade (a modo de presentación). In: ABRAHÃO, M. H. (Org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MANNONI, M. *A teoria como ficção*: Freud, Grodeck, Winnicott, Lacan. Tradução de R. C. de Lacerda; W. Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

MEZAN, R. Que significa “pesquisa” em psicanálise? In: SILVA, M. E. (Coord.). *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993.

NASIO, J.-D. O que é um caso? In: _____. *Os grandes casos de psicose*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em psicanálise. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 83-106, 2004.

QUARESMA DA SILVA, D. R. *Mães-Meninhas: a gravidez na adolescência escutada pela psicanálise e educação*. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14833>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

SANTOS, V. *Adolescência e psicose: da exclusão à construção de novos lugares no social*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
SILVA, M. E. Pensar em psicanálise. In: SILVA, M. E. *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993.

SILVEIRA, R. M. H. A entrevista na pesquisa em Educação - uma arena de significados. In: COSTA, M. (Org.). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOUZA, E. L. A. (A vida entre parênteses) O caso clínico como ficção. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 11-19, 2000.

STAKE, R.E. *Handbook of qualitative research*. Londres: Sage, 1994.

RECEBIDO: 15/03/2013

APROVADO: 27/03/2013

SOBRE A AUTORA

Denise Quaresma da Silva

Membro do Instituto de Estudos de Psicanálise do CPRS, Pós-Doutora em Estudos de Gênero pela UCES (Argentina), Doutora em Educação pela UFRGS, Professora da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS) e do Centro Universitário La Salle (Canoas/RS).

Endereço para correspondência:

Rua Presidente Lucena, 3569/203

93600-000 – Estância Velha/RS

E-mail: denisequaresmadasilva@gmail.com

A presença de Igor Caruso no Brasil¹

The presence of Igor Caruso in Brazil

Eliana Rodrigues Pereira Mendes

Resumo

A autora traça o perfil do psicanalista Igor Caruso, um dos fundadores da International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS), instituição alternativa à dogmática International Psychoanalytical Association (IPA). Comenta sua primeira vinda ao Brasil em 1956 e sua estada mais prolongada em 1968/1969 em Belo Horizonte, onde ajudou a consolidar o então nascente Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG) e participou da fundação do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP). Foi importante também na criação de outros Círculos de Psicanálise na América Latina. O artigo apresenta suas ideias psicanalíticas, especialmente sobre a personalização e a permanente influência dialética da socialização, salientando ainda suas qualidades de ser humano.

Palavras-chave: Personalização, Dialética da socialização, Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, Círculo Brasileiro de Psicanálise, International Federation of Psychoanalytic Societies.

Igor Caruso (1914-1981) nasceu na Rússia, em uma família nobre de ascendência italiana, tendo sido um renomado psicanalista em Viena, especialmente no período pós-Segunda Guerra Mundial. Foi um dos principais representantes da corrente de psicoterapia existencial e fundador do Círculo de Psicologia Profunda de Viena em 1947, além de um dos fundadores da International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS) em 1962. No Brasil ajudou a consolidar o Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG), em 1963 e participou da fundação do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP), que congrega federadas em vários estados brasileiros. Importante na criação e no desenvolvimento de outros círculos de trabalho psicanalítico na América Latina, não se alinhava aos rígidos padrões da International Psychoanalytical Association (IPA) e queria dar à psicanálise

...uma orientação intelectual, espiritual e filosófica. Considerava-a, à luz da fenomenologia, como um método de edificação da personalidade humana (ou personalismo), destinado não a adaptar o sujeito aos princípios de realidade, mas a levá-lo a resolver as tensões resultantes da sua relação conflituosa com o mundo (ROUDINESCO; PLON, 1997, p. 104).

O presente artigo tem como objetivo reavivar a sua memória, por ocasião dos cinquenta anos de existência da International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS), comemorados em 2012, e dos cinquenta anos do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, que em 2013 completa também seu cinquentenário, homenageando esse que foi um de nossos primeiros mestres.

* * *

1.O presente artigo foi apresentado em inglês, com algumas modificações, no XVII Fórum Internacional de Psicanálise, que ocorreu no México, em outubro de 2012, sob o tema *Trabalhando com o Conflito e a Alienação*, numa mesa plenária sobre os cinquenta anos de fundação da *International Federation of Psychoanalytic Societies* (IFPS), entidade promotora do evento.

Igor Caruso esteve no Brasil por duas vezes: a primeira, em 1956, quando foi fundado um grupo de estudos psicanalíticos em Pelotas, no Rio Grande do Sul; na segunda, ficou em Belo Horizonte, nos anos 1968 e 1969.

O primeiro convite a Caruso foi feito pelo Monsenhor Malomar Lund Edelweiss, sacerdote da Igreja Católica, que, junto com o casal Gerda e Sigfried Kronfeld, fundou o grupo de estudos psicanalíticos de Pelotas (RS)

O Prof. Edelweiss em 1956 era Diretor da Faculdade de Filosofia de Pelotas. Quem lhe apresentou o nome de Caruso foi o psicanalista húngaro Béla Székely, naturalizado argentino, que lhe falou sobre a nova orientação carusiana: “...de certo modo existencialista, mas num certo sentido cristã e humanista” (AMORETTI, 1992, p. 116). Ele lhe foi apresentado tanto do ponto de vista de sua capacidade intelectual, quanto como um profissional psicanalista. Béla Székely mostrou a Edelweiss o primeiro livro publicado por Caruso — *Psychoanalyse und Synthese der Existenz* —, traduzido para o espanhol para *Análisis Psíquico y Síntesis Existencial*. Essas referências levaram o professor Edelweiss a Viena, onde fez análise com o próprio Caruso e, no seu retorno ao Brasil, fundou o Círculo Psicanalítico de Psicologia Profunda, de inspiração carusiana. Na mesma época, fundou também o Instituto de Psicologia, anexo à Faculdade Católica de Pelotas. O convite inicial foi para uma visita à cidade, mas Caruso foi também a Porto Alegre para falar na Universidade Católica de lá. Caruso permaneceu quase cinco semanas no Brasil dando cursos, sobre os quais foi publicado o livro *Bios, Psyque, Persona*, que apresentava a evolução de seu pensamento em relação ao ser humano, considerado do ponto de vista tanto filogenético quanto ontogenético. Nessa ocasião foi muito apreciado e aplaudido. Foi também a São Paulo para dar conferências.

Como se deu a escolha de Caruso para ser mestre e pai intelectual dos primeiros analistas desse grupo? Na verdade, seria mais fácil fazer uma formação analítica na época, em

Buenos Aires, pela proximidade geográfica com o Rio Grande do Sul. Lá estavam psicanalistas de destaque, como Pichon-Rivière, Marie Langer, Angel Garma, entre outros, que já praticavam a formação analítica. Mas o grupo preferiu apostar na formação com Caruso. Por ser um grupo de orientação católica, foi importante a visão carusiana humanista e cristã, que poderia ser também pastoral e religiosa.

No final da década de 1930, o governo austríaco, controlado pelos nazistas, promoveu duras perseguições à psicanálise, que acabaram por levar Freud a se exilar na Inglaterra.

Nesse período, a Igreja Católica, poderosa na Áustria, foi talvez a única instituição de envergadura que pôde oferecer certa resistência, não isenta de riscos, aos nazistas, permitindo também um relativo abrigo aos profissionais da saúde mental que não desejavam ‘colaborar’ (AMORETTI, 1992, p. 119).

Mesmo no pós-guerra havia certo clima de hostilidade em Viena, principalmente a Freud e a seus discípulos. Assim, foi natural, que — em 1947, quando Caruso criou o Círculo de Psicologia Profunda visando manter viva a chama da psicanálise —, houvesse aproximação e inclusão de muitas pessoas com fortes vínculos católicos, entre eles, o barão Viktor Von Gebstall, psicanalista cristão, que foi analista de Caruso de 1944 a 1945. O próprio Caruso havia feito sua formação em Louvain, na Bélgica, numa Universidade Católica.

Nessa época, seus escritos dão a perceber uma crítica que se dirige mais consistentemente à “visão de homem” delineada pela teoria freudiana, particularmente através da teoria das pulsões e da sexualidade. A ela se contrapõe uma visão da totalidade da pessoa humana e particularmente de uma hierarquia de valores, na qual os valores religiosos e a crença e a fé em Deus ocupam o lugar primordial. Seu primeiro livro *Análise psíquica e*

síntese existencial trata desses assuntos, além de ressaltar a importância do método freudiano da análise psíquica, ao qual não havia o que objetar. O livro revela o ecletismo teórico, observando-se que Jung é muito citado nele, talvez mais do que Freud, e Deus, religião e vocação predominam no índice dos conceitos sobre os conceitos psicanalíticos clássicos. A orientação psicoterapêutica de Caruso era denominada *psicanálise personalística*. Caruso não se considerava freudiano, nem junguiano, nem adleriano, tampouco se alinhava a nenhuma outra vertente psicanalítica. Seria considerada carusiana uma escola que se caracterizasse por um conjunto de elementos como a inserção da teoria no marco da fé e dos valores cristãos, num certo ecletismo teórico, embora não explicitamente reconhecido por Caruso, com uma crítica a aspectos teóricos diversos da psicanálise. Talvez por tudo isso Caruso tivesse rejeitado esse seu primeiro livro e impedido a tradução para o português. Mais tarde ele próprio solicitaria a seus pares que não se dissessem “carusianos”, já que se via, então, como um “freudiano”.

Seguindo sua trajetória de pensamento, no período pós-guerra, a crítica a qualquer ortodoxia ou dogmatismo existentes transformaram o Círculo de Psicologia Profunda em centro de variada riqueza de estudos, onde psicanálise, psicologia analítica e psicologia existencial, ecumenismo, etologia, antropologia, filosofia e psicopedagogia atraíram a atenção e a participação, em maior ou menor grau, de pessoas como Konrad Lorenz, Jean Piaget, Jacques Lacan, entre outros. Nessas circunstâncias, os pensadores da escola de Frankfurt começaram a ser estudados (Adorno, Horkheimer, Erich Fromm) e depois Herbert Marcuse, Norman Brown, Jean-Paul Sartre, Ernest Bloch, o que levou Caruso a se confrontar com os textos de Marx, Engels, Lukács, Reich e outros marxistas. A transcendência vertical — *Deus* —, que dava sentido à existência humana, se transforma, num movimento de rotação, na

esperança de uma transcendência horizontal, quer dizer, histórica: é na história que os homens concretos, com esperança e através da práxis, terão de conquistar sua libertação e dar sentido a sua vida.

O reflexo dessa riqueza de conteúdos incorporados vai se manifestar na extensa obra escrita de Caruso, que abandona gradativamente a atitude eclética em relação à teoria e à prática psicanalíticas, tornando-se progressivamente materialista e freudiano. Simultaneamente, Caruso desenvolve intensa clínica psicanalítica em Viena, além de assumir importante papel na difusão da psicanálise no mundo latino-americano: primeiro participando da fundação do Círculo Brasileiro de Psicologia Profunda, atual Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP); depois dos Círculos da Colômbia, do México e da Argentina. Nesse período também é fundada a Federação Internacional de Círculos Psicanalíticos de Psicologia Profunda, International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS), na qual o divisor comum, segundo Caruso, é a técnica psicanalítica clássica freudiana, junto da abertura a todas as questões sociais.

Ainda nos anos 1960 Caruso veio pela segunda vez ao Brasil. O Prof. Edelweiss foi convidado por um grupo de psiquiatras de Belo Horizonte a fim de fazer análises didáticas para a formação de analistas. Esse grupo, do qual deriva o Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, convidou Edelweiss para morar em Belo Horizonte, e efetivamente o Círculo foi criado em 1963, completando cinquenta anos em 2013. O Prof. Edelweiss era analista de todos os candidatos, além de dar aulas sobre a teoria psicanalítica e cuidar da sociedade iniciante. No intuito de proporcionar uma formação mais abrangente a esse grupo, dar a oportunidade de fazer análises pessoais e supervisão com alguém do porte de Caruso, este permaneceu entre nós entre 1968 e 1969. Nessa ocasião ministrou um curso intitulado *A filogênese e a ontogênese da personalização*, que foi oferecido a todo o público interessado de Belo Horizonte, inclusive professores

e alunos das universidades da cidade, além de outras pessoas desejosas de adentrar no tema. Sua presença oxigenou o Círculo nascente e foi muito importante nesse primeiro momento, para consolidar suas bases psicanalíticas e o convívio entre os pares.

Sob sua inspiração foram formados Círculos em outras cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Caruso tanto influenciou quanto foi influenciado pela sua experiência no Brasil. Coincidentemente, o ano 1968 foi o período do recrudescimento da ditadura militar em nosso país, durante o qual a liberdade política sofreu pesadas restrições. Certamente, o fato de vivenciar esse tumulto através de seus analisandos lhe trouxe mais inquietações existenciais, exatamente no momento em que suas convicções estavam em cheque.

Por amor à verdade de sua busca, Caruso abandonou uma posição cômoda que lhe dava destaque e projeção internacional como o maior líder mundial de uma psicanálise com matiz religioso e fez uma autocrítica digna de admiração a esse respeito em 1971, quando, entre outras questões pergunta: “Não será a religião, necessariamente, a infantilização do homem? Será que o homem pode, ainda, cumprir sua missão específica que consiste em humanizar integralmente a natureza, a sociedade, o Cosmo, continuando a acreditar que existe uma Razão extra-humana?” (AMORETTI, 1992, p. 121).

Essa radical mudança de orientação ideológica de Caruso, coincidente com o período pós-fundação do Círculo Brasileiro de Psicanálise, permite supor o impacto e as contradições vivenciados pelos integrantes dos primórdios desse grupo e a possibilidade do sentimento de terem cometido um engano, questão que, no entanto, só poderia ser respondida por eles. Já os mais novos poderiam talvez se ressentir de uma posição que não foi estritamente freudiana na concepção inicial de Caruso, o que os tornaria ‘menos psicanalistas’ diante dos novos modelos teóricos kleinianos, winnicotianos e depois la-

canianos. Para quem não está no centro do mundo (como nós, da América Latina), existe uma necessidade grande de estar atualizado com o que se configura como os últimos modelos teóricos de um dado momento.

O que acabou acontecendo foi que, ao longo do tempo, houve um abandono completo do estudo dos livros e trabalhos de Caruso, principalmente depois de sua saída de Belo Horizonte. Pode ter contribuído para isso o fato de que, em seu conjunto, a obra de Caruso, extremamente rica, se tornou complexa e de difícil compreensão, pois traz consigo uma contradição interna, que advém das diferenças profundas de perspectiva entre cada uma de suas diferentes fases. Necessário se faz um inventário completo de sua obra com análise específica de conteúdo para cada texto dos livros, além de uma análise do conjunto. Tal procedimento poderá mostrar uma teoria para a análise sistemática das ideologias e das contradições, que não se vê em nenhuma outra escola psicanalítica. Isso evidencia também uma harmonia interna nessa trajetória, aspectos permanentes de sua identidade pessoal e intelectual, de acordo com o conceito “carusiano” de personalização (permanência e superação). Caruso entendeu que o ser humano, independentemente de suas ideologias, não perde nem ganha valor por suas crenças. Elas são somente as herdeiras do narcisismo infantil, agora modificado, a “libido narcisista” fortemente investida na constituição do ideal do ego e expressada através de múltiplos ideais, o que coloca todo o sistema de crenças e ideologias em conexão com uma abordagem metapsicológica e pulsional, portanto essencialmente freudiana sem, contudo, excluir a influência da dialética permanente da socialização.

Como herança cultural de Caruso, em sua primeira fase de 1966 a 1971, (AMORETTI, 1992, p. 122) Amoretti comenta que aconteceu uma experiência única no Brasil, de aproximação da psicanálise com a religião. Por interesse mútuo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul e da Igreja Cató-

lica em difundir a psicanálise visando uma renovação teológica, filosófica e psicológica de seus integrantes, foram organizados cursos para padres e freiras daquelas comunidades, e esses religiosos começaram sua análise pessoal. É certo que muitos desses padres e freiras abandonaram sua ordem religiosa. Alguns fizeram formação psicanalítica, passando a integrar o Círculo Brasileiro de Psicanálise até que, finalmente, em 1971, esses cursos foram proibidos por um bispo conservador. Há evidência ainda de que a realização dos cursos continuou repercutindo nas ordens religiosas, e as novas ideias foram disseminadas por todo o Brasil, particularmente através de religiosos que mais tarde se alinhariam ao movimento da Teologia da Libertação.

Pessoalmente, quero lembrar que a Igreja Católica teve muita importância nesse momento como força de oposição à ditadura militar. Várias outras lideranças advindas desse movimento chegaram a fazer parte do então nascente Partido dos Trabalhadores, que se opôs ao governo militar até que a ditadura fosse derrubada.

Caruso teve traduzidos para o português dois livros: *Psicanálise e dialética* e *A separação dos amantes, uma fenomenologia da morte*. Escreveu vários artigos para revistas que foram muito lidos e bem aceitos na época.

Não posso deixar de falar da minha experiência pessoal com Caruso. Em 1968, quando de sua vinda a Belo Horizonte, minha cidade natal, fui fazer seu curso *A filogênese e a ontogênese da personalização*, ministrado em francês. Na ocasião, era ainda uma estudante universitária, mas alguns de nós, universitários, tivemos a chance de participar dessas aulas porque nossa professora de psicanálise era uma das organizadoras do curso. Meu interesse pela psicanálise aumentou demais, o que me inspirou a seguir a profissão de psicanalista. O professor Caruso gostava de sair depois das aulas com o grupo de universitários, encontros dos quais participei muitas vezes e mantínhamos conversas animadas.

Sua alta posição intelectual não nos afastava dele, um homem sensível e amável. Sem dúvida, era uma pessoa complexa e profunda. Mesmo “não sendo transparente, deixava-se ser decifrado por quem dele se aproximasse afetivamente” (CORRÊA, 1981, p. 34). Comenta também que como amigo era acolhedor e, rompendo o estilo reservado, conseguia expressar afeto e carinho através de pequenos gestos.

Foi com alegria e satisfação que vim a ocupar, por acaso, com um grupo de colegas, como nosso primeiro consultório psicanalítico, exatamente o apartamento que Caruso usou em sua estada em Belo Horizonte. Sempre considereei essa coincidência um bom augúrio para minha vida profissional e pessoal.

Abstract

The author traces the psychoanalyst Igor Caruso's profile, one of the founders of International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS), alternative institution to the dogmatic International Psychoanalytical Association (IPA). She comments his first visit to Brazil, in 1956, and his longer staying in 1968/1969 in Belo Horizonte, where he helped to consolidate the then newborn Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG), and took part on the foundation of Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP). Caruso has been also important in the creation of others Circles of Psychoanalysis in Latin America. The article presents his psychoanalytic ideas, especially about personalization and the permanent dialectic influence of socialization, still emphasizing his human qualities.

Keywords: *Personalization, Dialectic of Socialization, Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, Círculo Brasileiro de Psicanálise, International Federation of Psychoanalytic Societies.*

Referências

AMORETTI, R. Labirintos da identidade: fragmentos da história do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP). In: *Estudos de Psicanálise*, São Paulo, n. 14, 1992, p. 113-123. Publicação do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

CORRÊA, C. P. Obituário de Igor Caruso. In: *Estudos de Psicanálise*, Salvador, n. 10, 1981, p. 33-35. Publicação do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

RECEBIDO: 15/03/2013

APROVADO: 27/03/2013

SOBRE A AUTORA

Eliana Rodrigues Pereira Mendes

Psicanalista. Sócia efetiva do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. Presidente dos biênios 1997-1999 e 2011-2013. Delegada junto à IFPS. Editora Regional para a América Latina da revista *International Forum of Psychoanalysis*.

Endereço para correspondência:

Rua Araguari, 1541, 7º andar – Santo Agostinho
30190-111 – Belo Horizonte/MG
E-mail: elianarpmendes@hotmail.com

A Justiça e a Lei

Justice and Law

Ivan Corrêa

Resumo

Neste ensaio o autor pretende contribuir para dirimir a confusão que comumente é feita entre a Justiça e a Lei. Partindo da análise de determinados fatos que fazem parte da nossa conjuntura social e política contemporânea tanto nacional como internacional, é perscrutado o objetivo do artigo, que se enriquece ainda a partir do auxílio de filósofos, sobretudo Platão, Kant e Hegel, e psicanalistas, Freud e Lacan, que deram contribuições significativas para a compreensão tanto da justiça quanto da lei. Desse modo, defende que nem tudo que é legal é justo. Estabelece as relações entre justiça e ética e reafirma a ideia de Freud segundo a qual somente as reações psíquicas de ordem ética podem salvar a humanidade. Conclui de forma otimista com a alusão ao *Hino à paz*, de Hölderlin, no que ele remete à consideração pela importância da escuta da alteridade para a promoção da eticidade.

Palavras-chave: Justiça, Lei, Ética, Diferença, Felicidade.

Com este título — a Justiça e a Lei — pretendemos fazer uma reflexão sobre o equívoco que identifica, muitas vezes, a Justiça com a Lei, como se toda lei fosse justa. Confunde-se com frequência legalidade com justiça, mas há muitas leis que foram criadas para manter privilégios de alguns em detrimento de uma maioria. Considera-se justo o que é meramente legal em virtude de uma lei arbitrária. Amparados por uma lei, todos os abusos são considerados éticos, como se não houvesse lei injusta.

Permito-me trazer aqui um pequeno recorte de um jornal de Pernambuco, *Diário de Pernambuco*, publicado no dia 23 de março de 2012, *Comentando o cotidiano*, do jurista pernambucano Roque de Brito Alves — com o qual durante algum tempo ensinamos conjuntamente na Faculdade de Direito da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife. Nessa pequena crônica de Roque de Brito Alves, ele diz o seguinte: “... os denominados auxílios, auxílio moradia, auxílio alimentação, auxílio paletó, etc, para membros dos poderes da República e do Mi-

nistério Público, podem até ser formalmente legais”. Em equiparação ele diz:

...as ditaduras também eram “legalizadas”, porém, tais auxílios são evidentemente injustos e antissociais, sendo mesmo uma verdadeira bofetada em 15 milhões de brasileiros que, conforme as estatísticas oficiais vivem abaixo da linha da pobreza, isto é, na miséria. Sem dúvida, somente recebe auxílio, quem tem necessidade financeira, material, segundo o próprio significado do vocábulo. E enquanto isso não ocorre com os privilégios dos nossos políticos, que têm altos salários. Então, é uma inegável insensibilidade, pois a grande maioria do povo brasileiro trabalha duramente com baixos salários, sem mordomias nem privilégios.

Eis um fragmento desse texto de Roque de Brito Alves.

No primeiro semestre de 2012, num jornal de Brasília, chamado *Linha de Frente*, na primeira página, há uma foto do então presidente do senado José Sarney e uma frase pronunciada por ele procurando justificar os pri-

vilégios dos senadores. Essa frase memorável do Sarney é a seguinte: “Quando o governo e a instituição privilegiam os políticos, é uma homenagem que prestam à democracia”. São comentários da própria imprensa. Também no *Diário de Pernambuco* de 26 set. 2012, na primeira página, em letras garrafais, vem o seguinte: *Senadores dão calote e nós pagamos a conta*. E, então, segue-se uma pequena explicação desse título, dessa manchete:

...o calote histórico aplicado na Receita Federal por senadores e ex-senadores ao receber o 14º e 15º salários e não pagar o imposto de renda vai ser coberto integralmente pelo senador. Na prática, os valores que não foram descontados e caíram direto no bolso dos parlamentares vão ser quitados com o dinheiro do contribuinte. Até 3 de outubro, a casa começa a pagar uma dívida de, aproximadamente, R\$ 10.800.000,00” (p. 1).

Quando, dizemos agora nós, os senadores ignoram a *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, promulgada em 1948, que em seu artigo 15 diz o seguinte: “Todo indivíduo tem direito a uma nacionalidade”. E o artigo 22 dessa mesma promulgação dos direitos, diz o seguinte: “Toda pessoa enquanto membro da sociedade tem direito à segurança social para obter a satisfação dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade” (*apud* Stéphane Hessel: *Indignez-Vous!* Montpellier France, 2011).

Conforme esses comentários, encontramos aí uma dupla questão que atravessa constantemente a história da humanidade: a primeira, “o que é a felicidade?” e a segunda, “o que fazer para ser feliz?”. É com essa questão que Mênon se dirige a Sócrates com a esperança de que essa técnica lhe seja ensinada para ser feliz. Técnica, que não seria outra senão a prática da virtude, que levaria à posse do Bem Supremo.

Para os gregos, em particular para os estoicos, basta conhecer a virtude para ser vir-

tuoso. Eles insistiam para a ética, num ponto central, no amor à sabedoria (filosofia). O *ethos* é a busca de uma boa maneira de ser. Essa questão envolve simultaneamente uma ontologia universal, uma lógica e uma antropologia. O que poderia definir o ser humano é de fato uma teoria do ser, que seja a explicitação da inteligibilidade desse ser. A causa da ação do ser humano é o seu desejo. É, portanto, no exame do problema do desejo, das paixões e da liberdade do homem, que o termo “ética” se esclarece. Portanto, para os socráticos a virtude se confunde com o saber, basta que se conheça a virtude, o *ethos*, para ser feliz. Só que no espírito socrático, esse saber não vem de fora, vem de dentro de cada um. É isso que determina o *ethos* e forma o ser de cada sujeito pela “maieutica”. Com a questão do sujeito, inaugurada por Descartes, a ética se tornou um equivalente aproximado de moralidade, a doutrina dos deveres do homem, o princípio de julgamento das ações do sujeito tanto individual quanto coletivo.

Para Kant, na *Crítica da razão prática*, trata-se da ação subjetiva e de suas intenções representativas com a lei universal: “*Man fühlt sich Wohl im Gutem*”. “A gente está bem com o que é bom”, diz Kant. Hegel distingue — *Phänomenologie des Geistes* (1975) — *Moralität* e *Sittlichkeit*, moralidade e eticidade. A moralidade é subjetiva, é a consciência moral do que acontece na sua consciência no sentido do dever, o critério do que é bom e justo, enquanto a eticidade, ou a ordem ética, é objetiva. A realidade social, a vida de um povo dentro de seus costumes são a norma categórica do que é justo.

Nesse sentido, a eticidade pode ser considerada como uma etapa superior da moralidade, isto é, a ética, diz Hegel, é o coroamento da moral. Mas se quisermos restaurar o sentido semântico do *ethos* dos gregos, segundo Spinoza, a ética é o modo ou a boa maneira de ser, é a definição do ser do homem, totalmente, tal como ele é com seus hábitos e costumes. E mesmo que de Hob-

bes — com seu *Leviathan* (1651) e *De Cive* (1662) — norteado pelo seu aforismo *Homo momini lupus*, “o homem é um lobo para outro homem” — até Jean-Jacques Rousseau, com seu cândido *Émile*, o *ethos* tenha oscilado da maldade natural do homem à sua inocência ingênua, não podemos isolar o *ethos* da cultura; ele é coextensivo à cultura. Cultura considerada como a regulação de nossa violência essencial. A ação humana é essencialmente axiogenética, o homem vive em constante tensão entre o que ele é e o que ele deve ser. É a própria cultura, com tudo o que se apresenta ao sujeito, em sua dimensão axiológica, como sistema normativo, que lhe impõe sua autorrealização e não só como um sistema técnico governado exclusivamente pela sintaxe que lhe assegure a sobrevivência. O valor impregna a cultura não apenas no campo da lógica, na sua determinação do valor da verdade (*Wahreitwert*) de uma proposição ou na *Umwertung alles Werte* no sentido nietzschiano, “a subversão de todos os valores”, ou ainda, na *Mehrwert*, de Karl Marx, com a mais-valia, e ao mesmo tempo, na mais-valia na economia em sua relação com o trabalho, mas até mesmo na invenção lacaniana, do *Mehrlust*, o “mais gozar” da sexualidade humana. “O que é uma sociedade sem justiça?” pergunta Santo Agostinho (em *As duas cidades*, 2003) e responde: “Tire da sociedade a justiça, subtraia-se do governo o cuidado pelo bem comum, o que sobra?” E responde:

Sobra uma gangue de bandidos. Sem a justiça, o que são os reinos e os estados, senão um grupo de criminosos em larga escala? Que são os grupos, senão pequenos reinos? Se a sociedade e o estado não se sustentam sobre o direito e a justiça, não se escamoteie as ‘magna latrocínia’ que daí derivam.

Encontramos também algo muito pertinente a tudo isso, numa matéria do jornal *Le Monde*, de 30 set. 2012, um comentário, um artigo de Frédéric Joignot sobre o autor

americano Jared Diamond, que mora em Los Angeles, do último livro dele *Effondrement* (2005), *O desmoronamento*. Joignot se refere também aos comentários que Diamond faz sobre o fracasso que foi a Eco do Rio de 2012 sobre a questão da ecologia. E então o título maior do comentário desse livro de Diamond *L’homme, animal suicidaire* (O homem, animal suicidário) e depois vem: “Lêche du Sommet de la Terre, cet été, rend plus crédible la thèse du géographe et biologiste américain Jared Diamond”. Traduzindo:

O homem é um animal suicidário. O fracasso da cúpula da terra nesse verão torna crível a tese do geógrafo e biólogo americano Jared Diamond quando diz que em todos os tempos os homens se massacraram e se destruíram e destruíram o meio ambiente, mas ainda é tempo de reagir.

Eu concluiria estas pequenas observações, sobretudo com essa esperança que Diamond nos dá, a de que é tempo, ainda, de reagir, com uma pequena observação que Goethe faz em seu livro *Os sofrimentos de Werther*, onde ele diz que Deus nos trata como nós tratamos as nossas crianças, os nossos filhos, permitindo que sejam felizes com suas amáveis ilusões. Então, segundo Goethe, de fato, não é a realidade que nos torna felizes, mas a ilusão. Que nós possamos, então, ainda alimentar essa ilusão antes mencionada por Diamond de que na realidade a humanidade ultrapasse essa violência e tanta destruição do ser humano, do próximo.

Não é preciso recordar aqui *O mal-estar na cultura*, de Freud, quando fala exatamente dessa força de destruição do ser humano e diz que somente o que pode vir a salvar a humanidade são “reações psíquicas de ordem ética”. Então, nós podemos “utopizar” um pouco, sobretudo considerando novos acontecimentos que parecem estar dando uma guinada na nossa política, ao acreditarmos que, de fato, algo de novo surja em relação àquilo que podemos chamar de o cuidado do outro.

Em agosto de 2009 houve em Porto Alegre um congresso semelhante a esse, sobre Psicanálise e Direito, realizado através de uma parceria com a Associação Lacaniana Internacional, a Escola Clínica Lacaniana de São Leopoldo, o Instituto Humanitas da Unisinos e a Escola Superior do Ministério Público de Porto Alegre. Na ocasião eu enviei um texto intitulado *Etnocentrismo e heterologia*. Etnocentrismo é algo de muito legítimo de valorizar, sua própria cultura, mas pode trazer algo da ordem do que diz esse autor americano, que é achar que apenas a nossa cultura é que tem valor, e nenhuma outra cultura vale. E se nenhuma outra vale, deve ser destruída. É aí que está essa violência essencial do ser humano em ter que destruir o outro. Enquanto a heterologia é reconhecer que as outras culturas têm valor, e não somente que as outras culturas têm valor, mas que nossa cultura pode se enriquecer com os valores das outras culturas. Quer dizer, é aí que está a questão do respeito para com o outro, da consideração para com o outro, que nos pode levar a algo muito importante do ponto de vista de uma felicidade dessas que o Mênon já procurava no tempo de Platão.

Isso me faz lembrar também algo bastante importante nesse sentido que foi o armistício feito entre franceses e austríacos em 1801. E o poeta alemão Hölderlin compôs para a celebração dessa festa, chamada a festa da paz, que foi celebrada em *Lunéville*, o chamado *Hino da paz*, ou *Hino para a festa da paz*. Há uma quadra que eu considero muito pertinente para nós também, seja na área do direito, na área jurídica, seja na psicanálise, na psicologia, que é a seguinte:

Viel hat erfahren der Mensch,
Der Himmlischen viele gennant,
Seit ein Gespräch wir sind
Und hören können voneinander.

Poema lido em alemão (*apud Recherches de Science Religieuse*, 2003, p. 593), a saber:

O homem experimentou muitas coisas
coisas divinas e celestiais ele nomeou,
Depois que tivemos uma interlocução
e podemos nos escutar uns aos outros.

Abstract

In this essay, the author intends to contribute to clarify the misunderstanding that normally occurs with the meaning of Justice and Law. Starting with the analysis of certain facts which are part of our both national and international social conjuncture and contemporary politics, the aim of the essay is explored and enriched even more with the help of philosophers – especially from Plato, Kant and Hegel – and psychoanalysts – S. Freud and J. Lacan – whom provided significant contribution to understand the difference between Justice and Law. Therefore the author advocates that not everything that is legal is fair. The author also establishes the relation between justice and ethics and confirms Freud's idea which states that only the psychic reactions related to ethics can save humanity. The conclusion is optimistic and alludes to Hölderlin's Anthem to Peace because it highlights the importance of taking into consideration the diversity in order to promote ethicality.

Keywords: Justice. Law. Ethics. Difference. Happiness.

Referências

ALVES, R. B. Comentando o cotidiano. *Diário de Pernambuco*, Recife, 23 mar. 2012. Caderno Opinião.

GOETHE, J. W. *Os sofrimentos de Werther*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p. 69. (Coleção Universidade).

HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1970.

HESSEL, S. *Indignez-vous!* Montpellier: Indigène Editions, dec. 2011.

LE MONDE. Paris: 29 set. 2012.

RECHERCHES DE SCIENCE RELIGIEUSE. Paris: oct.-déc. 2003, p. 593.

RECEBIDO: 15/03/2013

APROVADO: 03/04/2013

SOBRE O AUTOR

Ivan Corrêa

Psicanalista. Membro Fundador do Centro de Estudos Freudianos de Recife (CEF). Professor dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE) e da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO). Autor de vários livros e de textos em revistas nacionais e internacionais.

Endereço para correspondência:

Rua Joaquim Xavier de Andrade, 94 - Casa Forte
52061-350 - Recife/PE
E-mail: anaivancorrea@gmail.com

Cartas psicanalíticas: um encontro para além da escrita

Psychoanalytics letters: a meeting beyond the written

Maria Beatriz Jacques Ramos

Resumo

Psicanalisar é um trabalho complexo, que exige tolerância, compreensão e desdobramento pessoal, principalmente, quando a sala de análise se abre à apresentação de um caso clínico, de modo que outras pessoas escutem o sofrimento de quem conta ao psicanalista. Psicanalisar é pensar, sentir, enxergar e colocar-se diante do *pathos* humano. Nessa perspectiva, apresento um caso clínico sem dar nomes, sem anunciar a psicopatologia, sem denunciar, apenas narrando o que acontece quando a palavra vai além da fala e toma a forma da escrita.

Palavras-chave: Intersubjetividade, Psicanálise, Vínculo, Escrita.

Fomos nós somente que inventamos as causas, a sucessão, a reciprocidade, a relatividade, a coação, o número, a lei, a liberdade, o motivo, a finalidade; e quando introduzimos pela imaginação, quando misturamos às coisas esse mundo de signos considerado como algo “em si”, agimos novamente como sempre agimos, a saber, mitologicamente. A “vontade não é livre”, é mitologia: na vida real, trata-se apenas de vontade forte e fraca. Já é quase sempre um sintoma daquilo que falta, quando um pensador percebe, em toda “conexão casual” e “necessidade psicológica”, algo de coação, carência, obediência compulsória, pressão, não liberdade: é revelador sentir justamente assim – a pessoa se revela.

NIETZSCHE, 2011, p. 44.

Introdução

A busca de reconhecimento é um fato recorrente na clínica psicanalítica na qual são compartilhadas experiências e relacionamentos entre sujeitos, analista e analisando, enquanto sujeitos do inconsciente. No trabalho analítico aparecem a verdade e o engano, os sonhos, os mitos e as crenças com linguagens que mostram a repetição, o sintoma, a realidade interna, externa e as contradições, inexoravelmente humanas.

O ser humano é feito de pedaços, de identificações e, por vezes, tudo que deseja é aliviar o sofrimento por meio de sinais

que desvendam dificuldades intrapsíquicas e intersubjetivas. Os problemas dos pacientes também são nossos na medida em que nos aproximam e nos separam, pois evocam rupturas e separações, angústias e perdas, mobilizam o recalcado e ativam as pulsões. Os problemas dos pacientes acionam a percepção e a memória do analista, acionam o que pode ser apreendido ou o que permanece como um enigma no inconsciente.

René Kaës (2010) mostra a importância do campo social na construção psíquica, na formação e modificação do sujeito, em termos de espaços, tempos lógicos e ilógicos, na

manifestação de conflitos, na identificação e contraidentificação, no amado e odiado em si mesmo e no outro. Birman (2009) enfatiza a concepção de sujeito posterior a Freud, ainda que as premissas estejam esboçadas na conferência *As pulsões e seus destinos*, de 1915, quando Freud descreve esse conceito-limite entre o somático e o psíquico.

A pulsão é representante dos estímulos internos oriundos do corpo. Afeta a relação com o outro em termos de ligação ou desligamento, na tentativa de encontrar um objeto ou uma parte dele para aliviar a pressão interna, bem como a angústia que advém do medo ou das experiências traumáticas, que se definem pela intensidade e pelos efeitos patogênicos na organização psíquica. Assim também advém da agressividade uma manifestação da pulsão de morte, geradora do ódio, da inveja, da destrutividade, da culpa, à medida que ativa sentimentos persecutórios e ameaçadores à integridade do ego.

Desde o início, o sujeito é cindido sob o efeito do recalque que reprime da consciência as representações ligadas às pulsões que ficam alojadas no inconsciente, bem como mobilizam as introjeções e projeções nas relações com os objetos. A ideia de sujeito está construída a partir da sujeição, da submissão a uma ordem e a uma instância psíquica: o ego.

Quando o sujeito aprisiona a palavra, para não se confrontar com a angústia, o desejo é suspenso, e a distorção passa a se representar de modo sintomático. Nesse movimento se alteram pensamentos e emoções provocando atuações, encenações ou paralisia e estagnação. O que não é dito pode ser metaforizado para afastar algo que precisa continuar escondido, como afirma uma analisanda, quando refere que “as feridas viram alimento, pó fortificante, fermento, espalhada na pele rasgada para cicatrizar não se sabe bem o quê”.

Para crescer, é preciso acolhimento consciente e inconsciente do outro. Para pensar, é necessária uma estrutura psíquica cons-

truída em torno de relações organizadoras do mundo interno, nas quais o cuidado e a nutrição são provimentos indispensáveis.

Berenstein (2011) afirma que as palavras carregam pensamento e sentimento. Elas mostram um caminho à compreensão dos objetos internalizados com suas complexas ligações. O pensamento suscita a fala que se institui no meio cultural, no pertencimento familiar, nas experiências amorosas e agressivas. Portanto, a subjetivação está ligada às palavras, elas não são exteriores, compõem a interioridade, as fantasias inconscientes, os modos de relação e de defesas associadas às emoções. O que passou é encontrado no presente, no aqui e agora da sessão, na transferência, na identificação projetiva, na possibilidade de se colocar na “pele do outro” e senti-lo como parte de si mesmo.

Sobre o deslocamento no espaço analítico

Na psicanálise kleiniana, o conceito de identificação projetiva introduz uma ideia revolucionária modulada pela introjeção e projeção que parte dos estados mentais e emocionais deslocados para outra pessoa e são vividos como provindos do outro, no que se refere ao amor, ao ódio, à inveja, ao desprezo, à paixão e à empatia. No ambiente analítico, a identificação projetiva coloca em evidência os espaços interno e externo, as fantasias inconscientes e as cisões, nem sempre como um ato concreto, mas como sentimentos e pensamentos experimentados antes, durante e depois das sessões. Esse mecanismo permite conjecturar sobre investimentos afetivos do passado arraigados no mundo interno do paciente e revividos no presente.

A identificação projetiva consiste numa comunicação que mantém o analista vinculado transferencialmente, continente do que o paciente não suporta ou não administra os impactos pulsionais. Com base nessa premissa, decorre o interesse sobre as cadeias associativas que sustentam a vida psíquica, seus conteúdos e suas funções, considerando o trabalho com sujeitos inundados por an-

gústias primitivas, de intrusão e separação, por conflitos acirrados nas exigências, nos medos, nas decepções e nos vazios, numa dinâmica psíquica binária de inclusão e exclusão.

A atividade psicanalítica denota um trabalho oculto, mas paradoxalmente visível nos resultados que produz. Mostra que não há *um dentro* que não possa sair, nem *um fora* que não expulse o que está recalcado. No *setting* se transita num lugar dentro e fora, realidade interna e externa, com delimitações imprecisas que podem aparecer nas proibições ou na agressão, como recriminação de si mesmo e dos outros. Essa é a ação silenciosa do inconsciente, quase invisível, que pode assumir diversas formas, entre elas, a possessividade, a voracidade, a onipotência, a negação, a idealização, o controle e o desprezo.

Ver o outro como uma posse aponta para a dominação, a degradação e, além de obscurecer, apaga a diferença, mesmo que isso implique um risco de enclausuramento e espoliação. O contexto é letal porque remete ao negativo, ao desligamento que distorce a realidade, ataca a vida e, ainda que o carinho possa dar lugar ao ressentimento, esse carinho permanece acompanhado por um sadismo constitucional, pela pulsão de morte.

Para Green (2010) as patologias atuais aparecem na luta entre o retorno do recalcado e o recalque. Por vezes, se mostram estranhas, misteriosas, porque ativam o medo, impelem a dissimulação, a traição de si mesmo e a despersonalização. Os humanos vivem na prevalência da incerteza, das lembranças que escapam do recalque, tornando-se, de certo modo, reféns das memórias que ligam a presença à ausência, que conduzem ao fracasso da alteridade, as atuações e à fuga do passado no presente.

Nesse contorno os outros se impõem diante de um ser com identidade precária, que depende dos objetos, porém luta contra tal dependência. Essas ações alienam e comprometem o destino a ser cumprido.

Na relação analítica, essas questões surgem à procura de deciframento por meio de imagens, histórias, identificações, representações de si mesmo e dos outros. Nessa concepção está implícita a situação atemporal, espacial e a singularidade da transferência. O sujeito é o passado infantil, recebido na pertença familiar e cultural. Mas ele oscila entre movimentos contraditórios na tentativa de recompor uma história inscrita nas emoções, mediadas por comunicações internas e externas, nas relações objetais que estimulam as repetições das frustrações e angústias.

Vemos que o inconsciente é o alheio no sujeito, e na atualidade prevalece a instabilidade, a impulsividade, as ideias de perseguição ou sintomas dissociativos, os pensamentos suicidas ou as dependências químicas. Nesses comportamentos, repletos de exigências e embustes, coexistem tonalidades depressivas, as soluções compulsivas ou somáticas e a clivagem.

As alianças inconscientes formam a base da realidade psíquica que unem e separam, pois fabricam uma parte da realidade, do sonho e da sujeição do sujeito. Cada um vem ao mundo com uma história estabelecida antes de sua chegada, com um lugar prescrito de sujeição, numa incessante busca de distanciamento para demarcar o novo ou o velho lugar.

Propus considerar que o sujeito dessas alianças é sujeito do inconsciente e que, correlativamente, sua aliança com o inconsciente do outro, ou mais de um outro, o qualifica como sujeito do inconsciente. O sujeito do inconsciente se forma na divisão entre a realização de seu próprio fim e sua inscrição nos vínculos intersubjetivos. O sujeito do inconsciente é um “intersujeito” inelutavelmente submetido a um conjunto intersubjetivo de sujeitos do inconsciente (KAËS, 2010, p. 226).

Nessa cogitação se encontra o que divide, ou seja, o que compõe a divisão constitutiva do inconsciente e, ao mesmo tempo, coloca

o desafio da ligação e do desligamento. Por isso, desatar os nós de uma vida pode significar desatar as projeções do eu sobre o outro. Os nós do sujeito aparecem sob a forma de identificações especulares, narcísicas, adesivas e intrusivas; aparecem nos contratos, nos pactos e nas renúncias demarcadas antes do nascimento. Os pais tornam a criança portadora de seus desejos, assegurando um narcisismo positivo ou negativo a partir da própria raiz narcísica, a raiz que os precedeu. Esse pacto narcísico tem uma atribuição imutável, por vezes patogênica e entediante. O narcisismo patológico marca a fragilidade constitutiva e, em parte, descentra os sofrimentos e as desilusões, por vezes, o vazio que despersonaliza e aliena o eu.

Sob a égide do narcisismo de morte, o sujeito se constitui para servir aos interesses dos outros que inconscientemente são vividos como seus e faz uso de operações psíquicas que denunciam ausência, agonia, derrota da capacidade de pensar e criar e uso de defesas primárias. Entre elas frisamos a cisão, a negação onipotente da realidade psíquica ou das representações ameaçadoras no contato com os cuidadores, impregnadas de registros e lembranças que no decorrer do tempo surgem como algo que fortalece, mas também desvitaliza e sustenta a patologia do sentimento por si mesmo. E isso interfere no amadurecimento psíquico, que significa estar junto e separado, acolher que o outro não é idêntico, aceitar a castração, passar pela posição depressiva.

Em alguns pacientes a angústia é constante, os limites são incertos e, por vezes, produzem indiscriminação ou apropriação da forma e da roupagem de alguém que, ao tê-la, apaga a subjetividade.

A vida psíquica se revela como uma construção, uma conquista que se organiza nos laços sociais (RAMOS, 2010). A história pessoal não é linear. No percurso de cada um existe turbulência, bifurcação, dúvida e regressão. Na edificação da subjetividade o olhar do outro tem uma função estruturan-

te, porque as boas experiências possibilitam a crença pessoal de ser objeto de amor, de existir e de confiar, o que leva à progressiva integração e coesão do ego na representação de si mesmo.

Desse modo, o ataque aos vínculos não ocorre apenas contra o outro, mas contra o ego, contra a capacidade de pensar sobre as experiências emocionais e realizar novas redes de comunicações internas e externas. Mas quando a onipotência aprisiona o pensamento para fugir do sofrimento, o sintoma metaforiza algo que precisa ser escondido.

Assim, é possível constatar que amor e ódio têm uma orientação dialética, pois não existe *in vacuo*; está intrincado no contexto intersubjetivo e nas sucessivas identificações com os pais ou seus representantes desde os primeiros anos de vida.

Acredita-se que, a partir da diferenciação entre a realidade e a fantasia, entre o mundo interno e a realidade, cada um conquista uma independência relativa do outro; mas, para que isso ocorra, é preciso suportar a dependência, a circunstância de ser semelhante e diferente.

As construções narrativas e demais produções do sujeito mostram a estrutura psíquica e as experiências pessoais. No paradoxo entre o fato e a ficção, cada um é convocado a sair do seu mundo e a encontrar o mundo fora dele. Diante disso, é fundamental aprender a ganhar e a perder; aprender que, quando se ganha algo, também se perde, que as escolhas representam consequências, porque os traumas, as perdas e os medos se instalam sob a ação não das semelhanças, mas das diferenças.

Compreender a vida e compreender os outros é um desafio. Confrontar ideias, acontecimentos presentes e passados, aspectos e situações contraditórias colocam o sujeito numa igualdade desigual num lugar desejante, que pode ser viável ou impossível em termos de realização.

Bion (1994), no ensaio *Uma teoria sobre o pensar*, aborda a gênese do pensamento e de

sua expressão retomando a teoria kleiniana. Para ele os pensamentos são marcados por uma história pessoal que envolve a pré-concepção, a concepção e o conceito. Os pensamentos surgem com as sensações, emoções e a frustração. A combinação desses elementos é determinante na capacidade de pensar. Saber tolerar a presença-ausência do objeto desejado e a não realização do desejo imposta pela realidade é condição fundamental para pensar.

Assim, a constituição do sujeito psíquico representa essa singularidade indizível, revelada na ação e no discurso sempre de modo novo e imprevisível, pois é fabricado na teia interpessoal, nas perguntas sem resposta; pois a desgraça da pergunta é a resposta.

As cartas de Julieta

Na clínica o psicanalista olha e escuta por meio da atenção flutuante, da livre associação, da transferência e apreende numa visão mental concentrada que o sofrimento ronda seu lugar e o lugar do analisando. O trabalho forja, no espírito do analista, a fantasia do paciente. Por vezes, percebe-se que é possível a identificação com um dos personagens da narrativa ou com a cena descrita de modo inconsciente. Esse movimento se assemelha ao do pintor, com seus pincéis e tintas, ou do escritor, com seus textos e contextos. Existe uma ligação com as próprias emoções e com as emoções do outro. Os inconscientes não param de ansiar, de aparecer e desaparecer.

Para ilustrar essas ideias apresento Julieta,¹ uma jovem com dificuldades pessoais e profissionais. Ela desejava se tornar independente, se sustentar e viver sozinha. Contudo, na maior parte do tempo, realizava atividades com baixa remuneração e não conseguia ajustar um contrato de trabalho adequado.

Julieta queria dirigir a vida, ter um salário, morar sozinha e não depender dos recursos

da família. Mas, nas sessões, quando era confrontada ou questionada se retraía como se fosse incapaz de superar as frustrações. Ela agia como se estivesse destinada ao insucesso, confusa em relação ao espaço e tempo disponibilizados para trabalhar e amar. E falava: “Como posso responder sobre coisas que estão tão confusas dentro de mim?”

Assim, começou a escrever cartas para relatar as perdas, as noites de insônia, desencontros, pesadelos e decepções. Às vezes as entregava para que fossem lidas e decifradas no espaço-tempo analítico; outras vezes deixava-as sobre a mesa no final da sessão.

O que acontecia na sala de análise? O que não podia aparecer ali e precisava continuar? Algo não era revelado, mas estava no feixe da história e da transferência como um código, um desafio. Algo não era compreendido, as perguntas e interpretações pareciam erradas, portanto as respostas ficavam em espiral, em movimentos ascendentes e descendentes, sem tocar na angústia, no vazio, no esforço para se manter viva. Ela era capaz de ter, de conquistar um homem, mas ficava só, sem saída e sem Romeu. Por isso a nomeei Julieta.

Enquanto a escutava, pensava na mulher condenada a cumprir o anseio do outro, que não conseguia se distanciar dos mitos parentais, se libertar das repetições e identificações inscritas desde os primeiros anos de vida.

Constantemente, Julieta tencionava e questionava sua vida, mas não ousava superar o passado nem arquitetar o futuro. Ela tentava se livrar do medo e do desamparo, estampando um sorriso e olhar penetrantes, insígnias aprendidas para obter gratificação narcísica. Uma condição feminina que aceitava, mesmo que forjada.

Com essa paciente aprendi que o analista deve escutar para além das palavras: escutar livremente sem expectativas e aspirações pessoais. Nesse período, sua escrita favorecia a comunicação marcada por fantasias inconscientes. Elas indicavam modalidades de defesas para lidar com os pais, irmãos e amigos; combinavam raiva e submissão, ideias

1. “Julieta” é um nome fictício para manter o anonimato da paciente.

por vezes onipotentes e ambivalentes. Ao mesmo tempo, sugeriam como os objetos internos acionavam um superego severo para abastecer a angústia e a culpa.

Nesse ponto, lembro dos estudos de Ogden (2001) a respeito do terceiro analítico, também denominado de terceiro sujeito intersubjetivo da análise, criado pela dialética da separatividade e vincularidade, na qual os papéis do analista e do analisando se organizam na exploração do inconsciente, da interioridade e da realidade.

No processo de identificação projetiva, aquele que projeta envolve-se inconscientemente numa forma de negação de si mesmo enquanto “eu” separado e, ao proceder assim, torna-se outro para si mesmo; torna-se (em parte) um ser inconsciente no interior de si mesmo, que é simultaneamente “eu” e “não eu”. O destinatário é e não é si mesmo à distância. O resultado desse processo de negação recíproca é a criação de um terceiro sujeito, “o sujeito da identificação projetiva”, ou seja, simultaneamente o par projetor e destinatário, e nem uma coisa nem outra (OGDEN, 2001, p. 162).

Para ser receptiva ao inconsciente dessa analisanda, foi importante a abertura às emoções que suscitavam receio, alegria, dor, agressão e afeição nas sessões. As emoções apareciam como fios de diversas cores. Também eram percebidas nas palavras e imagens aprendidas para preencher a vacuidade, o cerceamento da vida e a desilusão. Julieta escrevia e contava.

Nesse período, o apoio, a leitura, o silêncio eram mais importantes que a interlocução e a interpretação. Ela pedia atenção, confirmação e sustentação. As sessões consistiam em comunicações que elucidavam seu lugar de filha nas representações materna e paterna, no modo como vivia, sem garantia e sem esperança de continuar a garota preferida, a princesa do baile, pois esse lugar tão fugaz a mantinha encarcerada na infância, apertada

nas próprias cadeias associativas.

As cartas eram declarações de uma pessoa que criava meios para se comunicar. Em algumas se qualificava, em outras mostrava ressentimento e renúncia às ambições de acolhimento e de ajuda. Isso apareceu numa carta: “Dedico a minha vida à pessoa que mais me conheceu. Se alguém sabe de minhas virtudes é ela. Se alguém sofreu comigo, esse alguém foi ela. Julieta por Julieta. Eu devo tudo a mim mesma”.

Além de devedora, continuava mostrando autossuficiência e insistência em permanecer infeliz. Os dissabores produzidos deviam ser mantidos como um culto à tristeza e à decepção.

Nesse período, ela precisava manter a desconfiança, não aceitar o cuidado do outro. O amor só era amor se fosse dado por ela como forma de autoproteção.

Para Freud (1917), no texto *Luto e melancolia*, os conflitos do melancólico são ampliados pela ambivalência visível nos sentimentos de amor e ódio em torno do objeto. Uma ambivalência que pertence às experiências traumáticas decorrentes das relações objetais.

Sua escrita expunha o recalçado, o efeito sintomático da formação substitutiva com comportamentos opostos ao desejo, apresentados em palavras, frases e poesias restauradas na transferência, em que eu era convidada a assumir personagens da história e convocada à difícil passagem edípica para livrá-la da mãe, que não permitia que a filha se diferenciasse dela.

Julieta tinha medo de crescer, por isso escrevia e descrevia sentimentos numa tentativa de se livrar da cegueira e da dependência. A finalidade era encontrar outro futuro, se livrar da Esfinge e do destino de Édipo. Um Édipo enlaçado na profecia de Tirésias, surpreendido e traído pelas Erínias da mãe. Uma mãe que conhecia seu corpo e seu destino, mas preferiu não olhar a situação do filho banido. Um filho que tomou o lugar do pai, se tornou cúmplice e amante, condena-

do à infelicidade, atormentado pela culpa e pela solidão, predestinado a caminhar com os pés do outro.

Na dificuldade de relatar ela mostrava o trabalho do negativo, a dificuldade de escolher e perder, se referindo ao externo e ao interno do seguinte modo: “Às vezes as horas estão dentro de conta-gotas [...] Tempo esse que não precisa passar [...] Corro aos livros, pois eles são como pássaros... Têm asas abertas que levam ao céu do conhecimento, ao pensamento”.

Depois de um tempo, o vértice da análise mudou, as lentes para olhar a realidade se transformaram. Ela já não trazia cartas às sessões. Recordava e contava, buscava palavras que tomaram o lugar da escrita. Por vezes eram frases entrecortadas pelo choro para descrever lembranças, traumas, sinalizar o sofrimento e o abandono.

A sessão não encerra

Ao descrever esse caso, percebi o desafio de acompanhar uma paciente que levava a sessão para além do tempo e da areia que escorrem na ampulheta, com uma fragilidade narcísica marcada por aquilo que foi perdido, espalhando restos, barulhos com asas e ruídos que apertavam o *setting* como um conta-gotas para soltar a dor, mas também para dominar a angústia. E pude reconhecer que a prática analítica vai além da teoria, porque o ofício do psicanalista é feito de representações, textos e contextos produzidos na relação transferencial, na escuta do inconsciente.

Julietta necessitava de um tempo para enfrentar a fragilidade do amor por si mesma e as razões para isso, bem como o risco de transbordamento, de perda do sentimento de identidade e de continuidade da vida, numa luta para não retroceder ao vazio e ao desespero, ao se deparar com empecilhos. Ela precisava aprender a lutar com a repetição, a pulsão de morte, para não renunciar a Eros e conviver com os limites, as marcas da infância de forma progressiva. Em parte, essa possibilidade foi oferecida no decurso

da análise. Uma análise que colocou em xeque a receptividade analítica e a capacidade de lidar com minhas próprias produções inconscientes, tolerando-as e procurando entendê-las.

Ao finalizar saliento que o *setting* promove perguntas sem respostas, pois remetem ao fluxo da incerteza. Incerteza carregada por projeções infantis, por elementos que podem tornar o sujeito seu próprio inimigo e por dilemas inconscientes do analista e do analisando sustentados na realidade intrapsíquica e intersubjetiva.

Ser como o objeto ou substituí-lo? Redobrar a exigência ou a esperança de um novo encontro? Tratar as feridas para viver outras experiências? Essas são algumas questões infinitas (BOLLAS, 2012).

Os questionamentos não cessam diante da desesperança, do temor de aproximação e afastamento, porém sobreviver ao ódio é a prova de reconhecimento que o analista pode oferecer ao paciente.

O trabalho é complexo, o caminho é sinuoso, mas deve possibilitar a criação de novos sentidos no universo mental do paciente, de pensamentos e afetos renovados no interminável fluxo do inconsciente e da repetição que habitam o cenário psicanalítico.

Abstract

Psychoanalyze is a complex activity that requires tolerance, understanding and personal unfolding, especially when the analysis room opens to the presentation of a case, so that other people listen the that listens the psychoanalyst. Psychoanalyze is thinking, feeling, seeing and put himself before the human pathos. From this perspective, I present a case without naming, without announcing the psychopathology, without denouncing, simply narrating what happens when the word goes beyond speech and takes the form of writing.

Keywords: *Intersubjectivity, Psychoanalysis, Bond, Writing.*

Referências

BERENSTEIN, I. *Do ser ao fazer*. Curso sobre vincularidade. São Paulo: Via Lettera, 2011.

BION, W. *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

BIRMAN, J. *As pulsões e seus destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BOLLAS, C. *A questão infinita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2012.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917[1915]). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

GREEN, A. *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KAËS, R. *Um singular plural*. A psicanálise à prova do grupo. São Paulo: Loyola, 2010.

KLEIN, M. *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal* (1886). Porto Alegre: L&PM, 2011.

OGDEN, T. Trabalhar na fronteira do sonho. In: GREEN, André. *Psicanálise contemporânea*. São Paulo: Imago, 2001.

RAMOS, M. B. J. Narcisismo e depressão: um ensaio sobre a desilusão. *Estudos de Psicanálise*, Aracaju, n. 34, p. 71-78, dez. 2010.

RECEBIDO: 15/03/2013

APROVADO: 27/03/2013

SOBRE A AUTORA

Maria Beatriz Jacques Ramos

Doutora em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da PUCRS. Psicanalista. Presidente do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

Endereço para correspondência:

Av. Protásio Alves, 1981, conj. 309

90410-002 – Porto Alegre/RS

E-mail: mbjramos@terra.com.br

Da problemática sedução da histeria à enigmática sedução do feminino em Freud

The problem of hysteria to the enigmatic allure of feminine seduction in Freud

Maria das Mercês Maia Muribeca

Resumo

Através de um discurso tanto religioso quanto científico a origem da sexualidade feminina foi respaldada numa leitura negativa da sexualidade masculina. Por milênios, o corpo feminino foi envolto em uma aura de profundo mistério, que deu margens a muitos equívocos. Seu corpo considerado anatomicamente imperfeito se prestava a todo tipo de associações com o mal por parte da religião e com as enfermidades por parte da ciência. Na construção da sexualidade feminina, o feminino perdeu suas origens passando a ser visto como algo desvalorizado ou recalçado em seus primórdios. Durante muito tempo, o discurso leigo e científico considerou a histeria uma doença só possível no corpo de uma mulher. Assim, numa cultura predominantemente patriarcal, a histeria passou a incorporar a própria feminilidade como um enigma, e não como uma construção da cultura. Grande parte dessa confusão se deve a uma generalização de certas categorias, que inserem aquilo que é característico da histeria à teorização da sexualidade feminina. Entretanto, a mulher da contemporaneidade é sujeito de um desejo cuja satisfação está para além do casamento e da maternidade. O desejo da mulher é o desejo da intelectualidade, de poder fazer parte do mundo das ideias, de entrar no universo da palavra, do discurso, da maiêutica, da linguagem, ou seja, de expressar suas ideias, de construir história, de fazer a diferença.

Palavras-chave: Psicanálise, Feminilidade, Sexualidade feminina, Histeria.

*A grande questão que ainda não foi respondida,
e a que eu não fui ainda capaz de responder
apesar dos meus trinta anos de investigação da alma feminina, é:
o que quer uma mulher?*
SIGMUND FREUD

É importante não parar de fazer perguntas.
ALBERT EINSTEIN

Breve retrospectiva da construção do papel da mulher na história da humanidade

Nas sociedades primitivas o culto às deusas-mães, aos mistérios da procriação e o respeito ao corpo feminino era reverenciado como manancial da força divina, fonte doadora da vida. No antigo Egito, Ísis era a deusa da

fertilidade, da maternidade, da cura, da feminilidade. Na Índia, Aditi era a deusa-mãe de tudo que existia no céu. Na Mesopotâmia, Astarte era a verdadeira soberana do mundo. No Império Babilônico, Ishtar era a luz do mundo. Na Grécia, Gaia era encarregada da origem do mundo, criadora de Urano, o céu

estrelado. Na China, Nu Gua criou a humanidade, cavando barro do chão, moldou uma figura que, para sua admiração, ganhou vida e movimento próprio. No Japão, Amaterazu era a deusa do Sol, de quem descendiam os imperadores. Na Irlanda, Brígida encarnou o papel da deusa-mãe. Enfim, o culto à Grande-Mãe (Diana dos Efésios, Hera, Deméter, Atena, Bona Dea, Afrodite) era a prática mais difundida nas sociedades primitivas.

Nesse processo de fertilização e procriação atribuídas ao princípio feminino, dava-se aos homens um papel secundário. Porém, no decorrer do período neolítico (26.000 a.C. até por volta de 5.000 a.C.) o homem começa a dominar sua função biológica procriadora e dessa feita passa a controlar a sexualidade feminina. A partir de então advém o casamento, a mulher é tida como propriedade do homem, e a herança é transmitida através da descendência masculina. Dessa forma, o homem não deveria mais invejar o útero da mulher, mas a mulher é quem deveria começar a invejar o pênis do homem. Assim, a mulher, que antes pensava ser fecundada pela natureza, traduzida no poder das deusas, agora era fecundada pelo homem, que detinha o poder sobre seu desejo. O feminino se torna inferior ao masculino, em detrimento do poder fecundante da mulher. As grandes deusas de outrora são destronadas com o advento das religiões monoteístas, que admitem um só deus, representante do princípio masculino. Desse modo, sai de cena a influência da deusa, do feminino, e se estabelece o culto ao masculino, a Zeus (o deus dos deuses) todo-poderoso, absoluto, dono do raio e do trovão. (NICHOLSON, 1993; REVILLA, 1995; BULFINCH, 2001).

Passado o período das deusas mães, por toda parte houve uma supervalorização do pênis em falo, supervalorização que acabamos pensando como uma reação de defesa do homem, que não é capaz de procriar, diante do formidável poder da mulher (CHILAND, 2005, p. 37).

Essencialmente ligada à natureza, ao sexo e ao prazer, a mulher passou a ser aquela que induz à traição e seduz o homem ao pecado. A partir desse momento o homem foi enaltecido, enquanto a mulher e sua sexualidade foram penalizadas como causa máxima da degradação humana. A concepção da sexualidade feminina passa a ser calcada na égide e no desejo masculino. Sob a hegemonia do macho se edifica a base pela qual a mulher deve se identificar com o imperativo da procriação da espécie. Descarta-se o prazer e o desejo do vocabulário feminino, já que eles desvirtuariam a mulher da sua condição imposta pela natureza, ou seja, do cumprimento da sua função de perpetuadora da espécie através de seu corpo materno, porque, entre o desejo e a maternidade, o corpo feminino perderia o caráter da procriação (RODRÍGUEZ, 1994).

Idade Antiga – O corpo feminino: palco da histeria

Na Idade Antiga, por volta do século VI antes de Cristo, Hipócrates (460-375 a.C.) com sua teoria dos humores (o sangue, a fleuma, a bílis negra e a bílis amarela), acreditava que todas as enfermidades das quais as mulheres se queixavam eram causadas pelo útero; assim, ele estabeleceu, uma estreita relação entre o sangue menstrual e a saúde das mulheres. Nesse aspecto a palavra histeria foi associada a uma enfermidade orgânica de origem uterina portanto especificamente feminina.

Platão (427-347 a.C.), um dos pensadores mais originais e influentes em toda a história da filosofia ocidental, decretou que o útero inativo era a causa da histeria, uma enfermidade que provocava nervosismo, desmaios e insônia. Descreveu o útero como uma criatura desejosa de alumbrar e, se ficava estéril por demasiado tempo depois da puberdade, começava a vagar pelo corpo, a cortar a respiração e a provocar na mulher uma extrema angústia, até que a união com o homem propiciasse o fruto desejado. A mulher em Platão foi definida como algo muito próximo da

animalidade. E durante séculos o destino da mulher foi condenado a essa concepção, em especial o destino da histérica. O sofrimento histérico foi reduzido a uma insatisfação sexual (TRILLAT, 1991).

Nessa perspectiva o útero deveria estar sempre a serviço da procriação para o próprio bem-estar psíquico da mulher. Toda a problemática das mulheres históricas estava diretamente relacionada com algo que elas possuíam dentro de seu corpo: o útero. Um animal sem alma que vivia solto dentro dela e que lhe provocava grandes dores, levando-a, por fim, à loucura. A especificidade do corpo feminino repousa na fragilidade e na predestinação para a maternidade, alimentando a crença de que a anatomia designava seu destino e único desejo: ter filhos.

A maternidade é uma construção cultural. É difícil reconhecermos este fenômeno humano, uma vez que há tanto tempo ele é concebido como uma função de caráter instintivo, profundamente arraigada na estrutura biológica feminina... O fato de ser a procriação um processo natural pode induzir-nos a pensar que o fenômeno fisiológico de concepção e gestação deve corresponder o desejo de ter um filho (TURBERT, 1996, p. 73).

No século II d.C., o médico grego Soranos de Efeso (98-138 d.C.) conseguiu desterrar a teoria uterina da liberdade de movimentos, mas manteve a crença de que o útero era o responsável por uma série de problemas mentais. Galeno (130-200 d.C.), oriundo da Ásia, menor segue a tradição aristotélica da mulher como ser imperfeito, e a imperfeição seria uma qualidade intrínseca da natureza feminina. Em sua teoria a mulher é mais fria que o homem, o que é a causa de sua imperfeição, e não por ser um homem deformado ou mutilado, como queria demonstrar Aristóteles. Assim sua frialdade e umidade a faziam inferior ao homem, cuja sequidão e calor lhe outorgavam inteligência e valentia. Porém, continua descrevendo a histeria

como uma enfermidade uterina provocada pela privação sexual, recomendando o coito ou a masturbação como solução para esse problema (TRILLAT, 1991).

Da Idade Média à Renascença

– A histeria e a mulher: no tempo das fogueiras

A Idade Média (476-1453) é o período da história europeia compreendido aproximadamente entre a queda do Império Romano do Ocidente e o período histórico determinado pela afirmação do capitalismo sobre o modo de produção feudal, o florescimento da cultura renascentista e os grandes descobrimentos. Durante os dez séculos que compõem a Idade Média, o útero ainda é considerado um órgão misterioso para os homens, que passaram a considerá-lo o responsável direto pelo comportamento emocional e moral das mulheres (TRILLAT, 1991).

Na Idade Média, os rituais de fertilidade e o conhecimento das ervas, herdados da medicina natural e que propiciavam a cura de muitos, foram proibidos, e as mulheres que insistissem no culto às deusas eram consideradas criaturas demoníacas. Os homens se consideravam os únicos no direito de exercer curas médicas através de um saber adquirido pela leitura dos livros (MOTA; BRAICK, 1997).

O *Malleus Maleficarum*, conhecido como *O martelo das feiticeiras*, foi escrito em 1484, no final da Idade Média, pelos monges dominicanos alemães Heinrich Kramer e James Sprenger, inspirados nos escritos de São Tomás de Aquino, de 1265, em sua *Suma teológica*. Esse livro se tornou a mais importante testemunha da estrutura do patriarcado e de como ela funcionava concretamente sobre a repressão da mulher e do prazer. Nele a mulher é definida como o ser mais apto para pactuar com o diabo e realizar toda sorte de malefícios e conjuros. Um verdadeiro tratado sobre a tortura. Os inquisidores associaram a transgressão sexual, que era comum entre as massas populares, à transgressão da

fé e, num regime teocrático, a transgressão da fé era também uma transgressão política. Dessa forma, eles responsabilizaram as mulheres por essa infração. Um dos principais argumentos que possibilitaram o expurgo do feminino e o florescimento da misoginia foi a crença de que o demônio, com a permissão de Deus, queria fazer o máximo de mal aos homens, a fim de se apropriar do maior número possível de almas (TRILLAT, 1991).

Foram quatro séculos de caça às bruxas (do século XIV até meados do século XVIII), quando finalmente chegam ao fim as perseguições aos pagãos e aos hereges. Durante esses quatro séculos, milhares de mulheres, histéricas ou não, chegaram a ser enforcadas ou queimadas vivas nas fogueiras da inquisição. Por isso, no auge do tempo das fogueiras, vamos presenciar a repressão sistemática do erotismo feminino. Nesse sentido, a mulher foi estigmatizada como a representação do mal sobre a Terra. O corpo feminino passou a ser visto como um conjunto de imperfeições quer do ponto de vista moral, quer do ponto de vista fisiológico e se transformou em algo maligno, fonte do pecado e considerado essencialmente impuro (NUNES, 2000).

Idade Contemporânea

– A sedução: nas origens da histeria

Começa com os grandes movimentos revolucionários europeus que derrubam o absolutismo, implantam a economia liberal e extinguem o antigo sistema colonial. A Revolução Francesa é considerada o marco que separa a Idade Moderna (1453-1789) da Idade Contemporânea, que continua até os dias de hoje.

Em 1859 o psiquiatra francês Pierre Briquet (1796-1881) introduziu na composição da histeria fenômenos sociológicos, por exemplo, o trabalho, advento da sociedade industrial, avivando com isso a existência de uma histeria masculina. Portanto, é no século XIX que ocorrem as primeiras investigações entre traumas e doenças psiquiátricas. Esses estudos foram conduzidos na *Salpe-*

trière, pelo neurologista Jean-Martin Charcot (1825-1893), que estava desenvolvendo trabalhos sobre a etiologia traumática da histeria e outros transtornos nervosos. Charcot ensinava que a formação do sintoma histérico era de natureza funcional, revelava a diferença existente entre as pacientes com lesões orgânicas e aquelas cujos sintomas eram de origem psíquica e defendia a tese de que a histeria era uma neurose do cérebro, originada tipicamente por traumas psíquicos em indivíduos hereditariamente predispostos.

Como resultado dos ensinamentos de Charcot, dois de seus discípulos, Giles de la Tourette (1857-1904) e Joseph Babinski (1857-1932), desviaram suas pesquisas para um modelo orgânico-neurológico da histeria, ressaltando a sugestionabilidade e a simulação como seus elementos mais característicos, descartando qualquer origem traumática para esses quadros. Outros dois discípulos, Pierre Janet (1859-1947) e Sigmund Freud (1856-1939), voltaram sua atenção ao aprofundamento da existência dos componentes emocionais das situações traumáticas e de sua relação com a histeria (MURIBECA, 2004).

No final da última década do século XIX, precisamente entre os anos 1895 e 1897, Freud lança à luz a sua teoria da sedução traumática para explicar o papel da sedução na etiologia das enfermidades nervosas, em especial, das neuroses histéricas. Revelou à sociedade médica de Viena, através de suas observações clínicas e estudos teóricos, que a causa da histeria era de etiologia sexual. Nesse sentido, podemos pensar que tudo começou em 1885, quando Freud foi assistir às aulas ministradas pelo professor Charcot na Salpêtrière, em Paris. Seus estudos centrados na histeria conduziram definitivamente seus interesses em direção à psicopatologia, ou seja, ao estudo científico dos transtornos mentais. Antes de ir a Paris entre os anos 1880 e 1882, Freud teve conhecimento do caso clínico de *Anna O.* (Bertha Pappenheim), paciente de seu amigo Joseph

Breuer (1842-1925). Naquele momento não atribui relevância ao caso. Só quando escuta Charcot é que ele ressignifica a importância dos achados de Breuer, num processo que antecipa a temporalidade em dois tempos do traumatismo histérico.

Ao regressar a Viena, Freud (1987) apresenta na Sociedade de Medicina o trabalho *Observação de um caso grave de hemianestesia em um homem histérico* (1886), fruto de seu aprendizado em Paris. Em 1889 regressa à França, desta vez a Nancy, na intenção de aperfeiçoar sua técnica hipnótica. Ele conhece Ambroise Liébault (1823-1904) e Hyppolyte Bernheim (1840-1919), chefe da escola de Nancy, os quais rejeitavam as teorias fluídicas e magnéticas e se opunham às teorias da Salpêtrière. O maior interesse do grupo de Nancy era a relação entre o hipnotizador e o hipnotizado, a influência do primeiro sobre o último na sugestão.

De volta a Viena, Freud se une a Breuer na aplicação da hipnose e do método catártico, resultando no artigo *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar* (1987), que foi incorporado em 1895 aos *Estudos sobre a histeria*, o qual pretendia explicar o sintoma histérico, considerando esses fenômenos como manifestações de energia emocional não descarregada, associados a traumas psíquicos olvidados. Ao se desvincular de Breuer, Freud não estava propriamente elaborando uma teoria da defesa, mas estava passando do mecanismo psíquico dos sintomas a uma teoria etiológica da histeria, ou seja, por trás de todo sintoma histérico existia sempre um fator de origem sexual. Não demorou a concluir que a razão de tais sintomas era a existência de um abuso sexual sofrido pela criança na tenra infância por parte de um adulto perverso, em particular o próprio pai da vítima. Assim que a sedução e a noção do *Trauma em dois tempos* já estavam fortemente presentes em 1895 no caso *Katharina e Rosalia em Estudos sobre a histeria* e no caso Emma em *Projeto para uma psicologia*

científica (1987), onde Freud ilustra sua diferença com Breuer e anuncia sua nova teoria da sedução traumática.

Essa tese foi divulgada no dia 21 de abril de 1896, em uma conferência apresentada na Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena. A teoria da etiologia da histeria como sendo de cunho sexual foi publicada durante os seis primeiros meses de 1896 nos artigos *A hereditariedade e a etiologia das neuroses* e *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*. Todas essas ideias de Freud desembocaram no artigo *A etiologia da histeria*. Porém, desde o *Rascunho A* (1892), já era possível averiguar os germes da construção dessa tese, embora sua primeira menção tenha sido em outubro de 1895, precisamente nas cartas a Wilhelm Fliess (1858-1928). Em pleno período da teoria da sedução, Freud postula na antiga carta 52 a Fliess, de 6 de dezembro de 1896, sua teoria tradutiva do recalque, em termos de conteúdos psíquicos originários que, em cada época da vida e em função de determinadas experiências, vão sendo retraduzidos. O resto, o que permanece intraduzível, corresponderá precisamente ao recalque. Dessa maneira, a teoria da sedução foi devidamente acoplada à teoria do trauma em dois tempos e a teoria tradutiva do recalque. E embora sua vigência enquanto teoria etiológica das psiconeuroses de defesa tenha sido muito curta, sua passagem na teoria freudiana está muito bem referida a quatro tipos de fontes:

(a) Estão nos artigos publicados até 1896 (acima citados).

(b) O epistolário de Freud a Fliess - 08 de outubro de 1895: que se tenha produzido uma vivência sexual primária com repugnância e espanto; 15 de outubro de 1895: a histeria é a consequência de um espanto sexual/pré-sexual; 26 de abril de 1896: Krafft-Ebing (1840-1902) disse que essa teoria soava como um conto de fadas científico; 06 de dezembro de 1896: a

histeria se insinua como consequência de uma sedução perversa por parte do pai; 11 de janeiro de 1897: é possível que tal abuso remonte a uma época tão remota que essas experiências permaneçam ocultas atrás de experiências mais recentes e que a elas se possa voltar de tempos em tempos.

(c) As revisões históricas do próprio Freud: *Notícia autobiográfica* (1987), *A história do movimento psicanalítico* (1987) e *Um estudo autobiográfico* (1987).

(d) Sua autoanálise, em que manifesta suas dúvidas em relação à teoria da sedução, culminando no desenlace explicitado na famosa carta 69 a Fliess, de 21 de setembro de 1897.

Diversos foram os argumentos para o abandono dessa teoria; entre eles podemos citar: as dificuldades que Freud encontra para culminar sua autoanálise; a deserção de seus pacientes; as contínuas decepções de levar as análises até o fator patogênico primitivo; a problemática de ter que culpar de perversão a cada um dos pais de seus pacientes acabaria num acentuado número de perversos, o que ultrapassaria muito o de histéricos, e isso implicaria admitir que seu próprio pai fosse um deles. Outro argumento seria a descoberta de que no inconsciente não existe nenhum sinal da realidade, não há como diferenciar a verdade da ficção; e a reflexão de que nas psicoses mais profundas a lembrança não vem à tona, por isso não é revelado o segredo das vivências infantis nem mesmo no delírio mais confuso.

A descoberta de Freud da teoria da sedução traumática fazia com que a sexualidade irrompesse na cena, mas ela florescia numa infância em que o infante era completamente destituído de sexualidade; era, pois, uma sexualidade na infância, e não uma sexualidade infantil. Nessa teoria a posição de Freud sobre a etiologia das neuroses estava

centrada na teoria do núcleo patogênico, constituído na infância por ocasião de um trauma sexual real resultante da sedução por um adulto. O sintoma era consequência do recalque das representações insuportáveis, que constituíam esse núcleo, e o tratamento consistia em trazê-los de volta à consciência como se extrai um corpo estranho. O desaparecimento do sintoma seria consequência do levantamento do recalque.

Assim, em 1898, para a maioria dos historiadores e estudiosos da psicanálise, começava uma nova fase. Para eles o abandono da teoria da sedução traumática em favor da teoria do fantasma da sedução como expressão espontânea da sexualidade infantil e do complexo de Édipo foi o que propiciou o surgimento do inconsciente e, conseqüentemente, o nascimento da psicanálise.

O descobrimento do Édipo em 1897 foi fruto não do abandono da teoria da sedução, mas do movimento de autoanálise do próprio Freud e da análise dos sonhos de seus pacientes. Nesse sentido, a renúncia ao conceito de trauma real e da cena de sedução deu lugar a uma sexualidade oriunda de um organismo corporal que se excita endogenamente, de tal maneira que os processos psíquicos se iniciam desde o próprio sujeito. Esse modelo de desenvolvimento psíquico tem uma origem claramente endógena, pre-determinada, que parte do próprio sujeito, onde o papel do outro adulto não ocupa um lugar primordial na fundação do inconsciente (LAPLANCHE, 1988; 1992).

Como a sexualidade não procedia mais do outro adulto da sedução, e Freud precisava explicar de onde provinha a sexualidade expressa na fantasia e o desejo das crianças em relação à nudez do corpo materno, só lhe restava pensar que ela era algo de natureza endógena, proveniente do próprio corpo. Então, num primeiro momento, assistimos ao surgimento da teoria da sedução traumática a qual situava a origem da sexualidade infantil na intervenção do outro adulto; num segundo momento, assistimos à queda dessa

teoria dando lugar a uma sexualidade essencialmente espontânea e endógena.

Assim, em 1905, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, presenciamos a saída de cena de uma infância desprovida de sexualidade e o surgimento de uma teoria da sexualidade infantil perversa polimorfa. Trata-se não mais de um acontecimento real, mas de uma fantasia que passou a ser a principal causa das afecções psíquicas, facilitando o surgimento do conceito de realidade psíquica e estabelecendo a diferença entre a realidade e a fantasia.

Em toda a obra de Freud, a teoria da sedução traumática jamais foi totalmente inutilizada por ele, que de certa forma passa de uma sedução paterna altamente perversa e restrita ao patológico a uma sedução universal materna precoce e obrigatória dos cuidados higiênicos das zonas genitais, à qual nenhum ser humano pode escapar. Agora é a mãe que seduz por uma exigência, queira ela ou não, esse é seu destino. Portanto, na obra de Freud, a sedução precoce remonta a *Hans* (1987) mesmo que nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1987) ele fale de uma mãe que toma o seu filho como objeto sexual. A sedução materna com a implantação do “feminino originário” (ANDRÉ, 2002) já estava presente no caso *Hans*, mas Freud preferiu simplesmente ver algo inerente ao papel das mães e nada mais que isso. A castração em *Hans* era uma tentativa de dar conta de um desejo enigmático para ele, e não algo restrito à diferença de sexos, a qual era somente a ponta do grande *iceberg*, que servia para encobrir a verdadeira questão — a questão do desejo (MURIBECA, 2004).

Antes de entrar na análise do caso *Hans* (1987), Freud já tinha bem desenvolvida sua primeira tópica dos sistemas: (a) inconsciente, pré-consciente e consciente; (b) a distinção entre psiconeuroses e neuroses atuais; (c) a libido enquanto energia livre (resultante da separação entre afeto e representação original por ação da repressão que só secun-

dariamente se ligava a uma nova representação); (d) a primeira teoria da angústia, em que o recalque provocava a angústia; (e) a teoria tradutiva do recalque, explicitada na carta 52 a Fliess; (f) a teoria do trauma sexual, retomada como fantasia; (g) a primeira teoria das pulsões traduzidas em pulsão de autoconservação ou do Eu *versus* pulsão sexual, explicando a origem da sexualidade e se apoiando nos cuidados autoconservativos; (h) a sexualidade infantil surgindo através dos cuidados autoconservativos, uma sexualidade autoerótica sem fantasma, que se desenhava nas zonas erógenas; (i) os germes da teoria do Édipo, mas até aqui nem uma só palavra sobre a castração, a não ser aquela referida dentro do mito por um ato de vingança do filho contra o pai, a qual Freud exemplifica através do mito grego de Cronos castrando seu pai Urano (que, aliás, ele cita como sendo Zeus castrando o pai Cronos), tal qual se apresenta já desde *A interpretação dos sonhos* (1987) na análise do sonho do *homem do machado*. Todas as demais menções feitas à castração são acrescentadas a partir de 1911 (MURIBECA, 2004).

Depois da publicação do Caso *Hans* (1987), Freud passou a incorporar o complexo de castração e o complexo de Édipo como instrumentos obrigatórios de leitura na hora de entender as origens da construção da sexualidade e da subjetividade humana. Esses dois complexos foram considerados conceitos nucleares do inconsciente, das heranças filogenéticas, dos códigos essenciais e inquestionáveis para ler a origem e a diferença de sexos. Um complexo de castração que surge através de um movimento de autoteoria do pequeno *Hans* e que passa diretamente ao estatuto de teoria metapsicológica sem sofrer nenhum processo de destruição. É um complexo de Édipo que brota de um movimento de autoteoria (autoanálise) do pequeno Sigmund não podia chegar a manter o conceito de teoria psicanalítica sem deixar restos, sem produzir vazios, no centro mesmo de sua construção.

A castração em Freud: último ponto de toda a organização psíquica

A descoberta por parte das crianças das diferenças genitais, o impacto da castração e a inveja do pênis servem como organizadores da experiência em muitos níveis de diferenciação e integração psíquica. Para Freud, em seu artigo *Análise terminável e interminável* (1987), a castração passa a ser definitivamente a rocha de base na qual a psicanálise se choca. Por conseguinte, o feminino passou a ser a rocha de base na qual a castração esbarra. A castração passa a ser o último ponto de toda a organização psíquica. A evolução do complexo de castração na obra freudiana desliza cada vez mais a insistir sobre suas consequências narcisistas, a ferida infligida à integridade corporal e a imagem de si. Isso faz com que a sexualidade se estruture ao redor da castração, de um corte que opera a ordem simbólica, da ferida narcisista que supõe para ambos os sexos o descobrimento da diferença anatômica dos sexos.

Na conferência *Feminilidade* (1987) Freud defende a tese de que masculinidade e feminilidade são “construções teóricas de conteúdo incerto”. Nesse momento ele chega a dizer que a diferença existente entre os sexos é produto de uma construção simbólica que, ao encarnar em corpos anatomicamente diferentes, produz efeitos imaginários. E são justamente esses efeitos imaginários que constituem o feminino e o masculino como os conteúdos incertos de categorias teóricas. Infelizmente Freud nem sempre conserva vivo esse pensamento. Em 1937 as associações são cada vez mais evidentes:

- **Masculino:** pênis = falo = atividade = libido = poder = sadismo = cultura = sujeito;
- **Feminino:** vagina = castrada = passividade = recalque = masoquismo = natureza = objeto.

Vale lembrar que, desde 1896 até o final de sua obra, Freud continuou associando

masculino a perversão e obsessão, e feminino a neurose e histeria. Então, como é possível que um pensador tão rigoroso como Freud, preocupado em examinar e corrigir periodicamente todas as contradições de seu construto teórico, não tenha percebido que os impasses, por ele registrados na questão da cura só se sustentam no caso em que tanto o analista quanto o analisando estejam completamente convencidos de que o falo é o pênis?

Jacques André (2002), em seu livro sobre *Los orígenes femeninos de la sexualidad*, chegou a se perguntar se existiria uma teoria freudiana da sexualidade feminina. Isso porque o único que Freud pôde dizer dessa passagem da menina para a mulher foi que ela tinha que fazer câmbios de objetos e de zonas erógenas até alcançar três possíveis destinos logo após o descobrimento da castração: a inibição da sexualidade, o complexo de masculinidade e a feminilidade normal.

Na realidade, toda a construção da teoria da sexualidade feminina, da feminilidade e do feminino na obra freudiana, segundo o próprio Freud, apresenta muitos pontos ambíguos, contraditórios e enigmáticos. Ao fazer um resumo das principais ideias de Freud sobre a sexualidade feminina e sua feminilidade, podemos ver, inquestionavelmente, como se concebe a mulher desde uma análise comparativa que toma o homem como padrão exclusivo.

- **O clitóris é um pênis atrofiado, dessa forma a mulher se sente um homem mutilado.** Ao dizer isso, Freud retira a feminilidade natural do clitóris; além disso, essa afirmação é incorreta, já que hoje sabemos que o pênis, desde o ponto de vista embriológico, é um clitóris masculinizado.
- **A menina desconhece a vagina, não existe erogeneidade vaginal precoce.** Autores como Ernest Jones, Karen Horney, Melanie Klein e Karl Abraham, desde

a época de Freud, já defendiam a presença, na criança pequena, de uma percepção da existência da vagina. Um exame detalhado do caso clínico do pequeno Hans apoia a opinião desses autores quando demonstra que Hans sabia inconscientemente ou conscientemente da existência de vaginas, de úteros e da penetração. Infelizmente, Freud mesmo, prestes a admitir essa percepção, a evita com conjeturas e conclusões contraditórias e conflitantes.

▪ **A feminilidade é uma formação secundária, a mulher tem que fazer a passagem do clitóris (masculino) à vagina (feminino) para devir mulher.** Essa hipótese freudiana da sexualidade da menina ser de caráter masculino é inexata, pois a embriologia já provou cientificamente que só se o hipotálamo for ativado pelos andrógenos é que se desencadeia o processo de masculinização no cérebro. Ademais, se a criança vivencia sensações vaginais e se ela possui — mesmo inconscientemente — percepção de sua vagina, então seu desejo edipiano pelo pênis do pai e por um filho dele seria um desejo primário; conseqüentemente, sua feminilidade seria primária.

▪ **Não se nasce mulher: torna-se mulher. A mulher é um ser inacabado, condenado a viver a incompletude de sua falta, precisando se tornar mulher uma vez que não a acabaram de fazer.** Não nascemos mulher ou homem; nos tornamos mulher ou homem. Todos somos seres de falta, seres em eterno devir.

▪ **A mulher tem que mudar de objeto: seu desejo deve trasladar da mãe para o pai.**

▪ **Na etapa fálica do descobrimento da diferença entre os sexos, meninos e meninas só reconhecem um genital: o masculino.** Ao dizer isso, entra em cena

a predominância da primazia do falo, produzindo uma lógica assimétrica que condena as mulheres a um lugar em que a “falta” substituiu a diferença anatômica sexual.

▪ **A bissexualidade somática, como duplo sexo anatômico, é atribuída exclusivamente aos órgãos genitais femininos (clitóris e vagina).**

▪ **O desejo de ser varão, tanto na enunciação da bissexualidade psíquica quanto nos possíveis destinos da fase fálica (complexo de masculinidade), é próprio das mulheres.** Para Freud se as mulheres chegassem a desenvolver alguma atividade intelectual, era devido à existência da bissexualidade psíquica; essas mulheres seriam mais masculinas que femininas.

▪ **A natureza da libido é masculina.** Não existe uma libido feminina, o que deu margens a certa confusão. A libido, por exercer constantemente o seu impulso, é uma força ativa. Freud, no entanto, estabeleceu uma equação entre atividade e masculinidade; portanto, para ele afirmar que a libido era de essência viril, foi só um passo.

▪ **A feminilidade é associada à passividade.** É bom ressaltar que essa oposição não é a mais conveniente para descrever as relações sexuais, porque a mulher deve ativamente aceitar ser receptiva.

▪ **Na mulher a necessidade de ser amada será sempre mais intensa que a de amar.** Essa leitura só encontra respaldo dentro da visão da vida anímica da mulher, desenvolvida por Freud. Amar e ser amado é algo que remonta a história primordial de cada ser humano, pois sua capacidade de amar ou sua maior exigência em ser amado vai depender da tradução que o pequeno ser humano faça do amor rece-

bido pelos seus pais no processo de constituição do seu psiquismo. Daí advém à capacidade de amar a si mesmo, de amar o outro e de se deixar ser amado.

▪ **O tipo de eleição de objeto mais civilizado (por apoio) é considerado típico dos homens, enquanto o mais próximo do arcaico e da patologia (narcisista) é típico das mulheres.** Quando se refere ao narcisismo, Freud pensa a condição feminina como sendo aquela em que a mulher sentiria uma profunda admiração por si mesma, anulando, assim, o interesse pelo outro sexo. O seu desejo se restringiria apenas ao seu próprio corpo.

▪ **Unicamente os meninos possuem acesso a uma boa resolução do complexo de Édipo, por isso eles dispõem de um superego coerente com os requerimentos da lei e da moral.**

▪ **A mulher nunca sabe quando logrará ou se logrará sair do complexo de Édipo, por isso dispõe de um superego frágil.**

▪ **O desejo de ter um pênis é definido como o desejo feminino por excelência.** Freud atribui ao homem um 'desprezo natural' pelas mulheres por elas não terem pênis e como tal não lhes resta outra coisa a fazer, a não ser desejá-lo eternamente.

▪ **Devido à inveja do pênis, os ciúmes são mais relevantes na vida anímica das mulheres.** A persistência dessa inveja, na teoria freudiana, condicionará sua desvalorização moral.

▪ **Uma vez que a mulher aceita sua ferida narcísica, ela desenvolve um sentimento de inferioridade.** Freud define a feminilidade em relação à masculinidade, portanto em termos de uma deficiência. Devido a essa deficiência, as mulheres tenderiam a apresentar uma desvantagem intelectual

e moral, apresentando-se, assim, invejosas e vãs, sendo descritas como seres mais passivos, de menor autoestima e com os impulsos sexuais mais débeis, se comparadas aos homens.

▪ **O efeito da inveja do pênis induz a vaidade corporal, que é uma compensação por sua inferioridade sexual.** Resta saber se esse sentimento de inferioridade vem da própria menina como algo inato ou dos adultos que lhes transmitem mensagens carregadas de valor ou não.

▪ **A causa da inveja se atribui à mulher um escasso sentido de justiça, interesse social e aptidão sublimatória para o pulsional.** Essas considerações derivam da constituição particular do superego feminino, resultantes da combinação de amor e de ódio, intimamente ligadas à inveja do pênis.

▪ **A determinação das mulheres como castradas e como objetos que sofrem as regras, o defloramento, o coito e o parto são a base de um masoquismo especificamente feminino, sem contrapartida nos homens.** O masoquismo pode ser próprio da posição feminina, mas é um equívoco querer fazer do masoquismo algo inerente à natureza feminina. É pretender que o desejo secreto feminino na relação com o homem seja o de ser violentada, estuprada ou humilhada.

▪ **As origens da sociedade e da lei se fundam num pacto entre homens.** Freud coloca a mulher sob a ótica do ser não desejante, submissa ao desejo do homem, enquanto o homem é aquele que representa o sujeito da mais significante criação humana: a cultura.

▪ **A posição de sujeito é relacionada com o masculino, e a de objeto, com o feminino.** Sujeitos porque tinham desejos,

logo tinham subjetividade, força, poder e autonomia para ir em busca daquilo que lhes traria prazer e satisfação. Dessa forma, a mulher é resumida à condição de objeto de desejo.

- **Os homens possuem uma enorme capacidade de sublimar os impulsos sexuais, ao contrário do que ocorre com as mulheres.** A maternidade é a única possibilidade sublimatória reservada às mulheres. Isso porque os homens possuíam um enorme poder criativo. Eles eram capazes de criar obras de arte originais, enquanto as mulheres só podiam recriar a si mesmas em seus filhos.
- **As mulheres, cujos interesses estão ligados à família e a vida sexual, se opõem à cultura e às instituições sociais.**
- **A mulher é caracterizada pela natureza; ela é um “ser de natureza”, é definida a partir do corpo e de sua função procriadora.**
- **A mulher é um mistério; a maternidade é algo místico, e a feminilidade é um enigma.**

Depois de tudo isso, vale pensar: ou a mulher não se ajusta à teoria da feminilidade proposta por Freud, ou a teoria de Freud não se ajusta à mulher. Ninguém nasce mulher ou homem, porque essa condição não é fundada na ordem da natureza, mas é produzida pelas demandas de uma história; portanto é da ordem do devir pulsional, assim como o autêntico enigma é o da sexualidade humana em geral. O gênero feminino e o gênero masculino são uma construção da cultura patriarcal, a forma culturalmente elaborada que a diferença sexual toma em cada sociedade e que se manifesta nos papéis e *status* atribuídos à identidade sexual de cada indivíduo.

O conceito de gênero, ao enfatizar a força do poder modelador exercido pela cultura

em relação à própria biologia e ao indicar os sistemas de dominação dentro dos quais a diferença de gênero se constitui, vem lembrar que o destino feminino, o ser mulher e como sê-lo, se ordenaram em função das definições e significações do imaginário social da mulher constituído dentro da lógica de uma hierarquia social dos sexos. Assim, a categoria de gênero vem antes da descoberta do corpo anatómico sexuado (DIO BLEICHMAR, 1997).

A cultura tem um papel extremamente importante no aparecimento e na formação dos sintomas. As concepções psicopatológicas na contemporaneidade são fundamentalmente midiáticas, ocupando um lugar crescente na expressão de conflitos do sujeito em suas relações sociais. Diagnósticos são interpretações sociais que variam de tempos em tempos e de cultura a cultura (SZASZ, 1983).

A histeria foi uma forma de manifestação da submissão à qual o sexo feminino estava exposto e foi desaparecendo a partir da emancipação das mulheres. Nesse aspecto, hoje sabemos para além do enigma que se deseja manter, que o desejo da mulher é o desejo da intelectualidade, o desejo de poder fazer parte do mundo das ideias, de entrar no universo da palavra, do discurso, da linguagem, ou seja, de expressar suas ideias, de ser ouvida, de fazer a diferença.

Abstract

Both through the scientific as the religious discourse, the source of female sexuality was backed into a negative reading of male sexuality. For millennia the female body was wrapped in an aura of deep mystery, which gave banks the many misconceptions. Her body considered anatomically flawed lent itself to all sorts of associations with evil by religion and illnesses by science. In the construction of female sexuality, the female lost its origins going to be seen as devalued or repressed in its infancy. The scientific and lay discourse considered for a long time, hysteria as a disease only possible

in a woman's body. So that in predominantly patriarchal culture hysteria began to incorporate its own femininity as a puzzle rather than as a construct of culture. Much of this confusion is due to a generalization of certain categories, which insert what is characteristic of hysteria will theorization of female sexuality. Nevertheless, the contemporary woman is the subject of a desire whose satisfaction is beyond marriage and motherhood. The woman's desire is the desire of the intellectuality, can make the world of ideas, to enter the universe of the word, speech, the maieutic, the language, that is, to express their ideas, building history, making the difference.

Keywords: *Psychoanalysis, Femininity, Female sexuality, Hysteria.*

Referências

- ANDRÉ, J. *Los orígenes femeninos de la sexualidad*. Madrid: Síntesis, 2002.
- BULFINCH, T. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. 15. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- CHILAND, C. *O sexo conduz o mundo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- DIO BLEICHMAR, E. *La sexualidad femenina* (de la niña a la mujer). Barcelona: Paidós, 1997.
- FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- FREUD, S. Observação de um caso grave de hemiclonestesia em um homem histérico (1886). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. (1950 [1895]). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- FREUD, S. *Estudos sobre a histeria* (1893-1895). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).
- FREUD, S. A hereditariedade e a etiologia das neuroses. (1896). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas* (1893-1899). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).
- FREUD, S. A etiologia da histeria (1896). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas* (1893-1899). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).
- FREUD, S. Observações adicionais sobre as neuroses de defesa (1896). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas* (1893-1899). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).
- FREUD, S. Notícia autobiográfica (1901[1899]). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas* (1893-1899). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).
- FREUD, S. Três ensaios sobre sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).
- FREUD, S. Análise de uma fobia de um menino de cinco anos (1909). In: _____. *Dois casos clínicos* ("O pequeno Hans" e "O Homem dos Ratos"). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 10).
- FREUD, S. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão.

- Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, 14).
- FREUD, S. Um estudo autobiográfico (1925[1924]). In: _____. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).
- FREUD, S. Sexualidade feminina (1931). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).
- FREUD, S. Feminilidade. Conferência XXXIII (1933 [1932]). In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1932-1936). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).
- FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). In: _____. *Moisés e o monoteísmo esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).
- LAPLANCHE, J. *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- LAPLANCHE, J. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- LAQUEUR, T. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- MOTA, M. B; BRAICK, P. R. *História das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo: Moderna, 1997.
- MURIBECA, M. M. M. *Leyendo [con] Hans: una teoría sexual infantil de la castración hacia una teoría psicoanalítica desvalorizante de lo femenino*. 2004. 309 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Facultad de Psicología, Universidad Autónoma de Madrid, 2004.
- NICHOLSON, S. *O novo despertar da deusa: o princípio feminino hoje*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- NUNES, S. A. *o corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- REVILLA, F. *Diccionario de iconografía y simbología*. Madrid: Cátedra, 1995.
- RODRÍGUEZ, R. M. *Femenino fin de siglo: la seducción de la diferencia*. Barcelona: Anthropos, 1994.
- SZASZ, T. S. *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- TRILLAT, E. *História da histeria*. São Paulo: Escuta, 1991.
- TURBET, S. *Mulheres sem sombra: maternidade e novas tecnologias reprodutivas*. Tradução de Gracieli Rodrigues. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1996.
- RECEBIDO: 15/03/2013
APROVADO: 09/04/2013

SOBRE A AUTORA

Maria das Mercês Maia Muribeca

Psicanalista. Doutora em Psicologia (Fundamentos y Desarrollos Psicoanalíticos). Universidade Autónoma de Madrid (UAM) Espanha. Coordenadora do Curso de Especialização em Criminologia e Psicologia Investigativa Criminal – Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ). Professora na Faculdade de Psicologia UNIPÊ. Professora no Centro de Ensino da Polícia Militar da Paraíba.

Endereço para correspondência:

Av. Nossa Senhora dos Navegantes, 370
Tambaú - 58039-110 - João Pessoa/PB
E-mail: m.muribeca@gmail.com

A primeira dor e a última dor

First pain and last pain

Odimariles Maria Souza Dantas

Resumo

No decorrer do texto a autora se propõe a uma reflexão sobre a questão da dor. Qual seria a primeira dor que o homem sentiria ao longo de sua vida? E a última dor? Nesse percurso entre o nascimento e a morte, passando por momentos anteriores e posteriores a esses dois marcos da vida humana, a autora lança um olhar sobre a angústia originária, do ponto de vista freudiano e levando em consideração uma separação mais arcaica, liga essa vivência com o real lacaniano, porque sem experiência, sem verbo, sem linguagem. Faz ainda referência à importância dos significantes desses marcos para os sujeitos envolvidos no evento com seus próprios desfechos, suas alegrias e suas lágrimas, conforme a situação inerente a cada acontecimento, não esquecendo o sujeito que chega e o sujeito que parte, objetos diretos do estudo em questão.

Palavras-chave: Dor em psicanálise, Dor física, Recém-nascido, Morte.

Uma reflexão de vida

Para que seja entendido como surgiu o desejo de discorrer sobre o assunto: penso em acidentes e me pergunto qual o tamanho da dor de quem se encontra diante da possibilidade de morte em um momento como esse. Continuando com a reflexão, ficou evidente que essa questão não tem o menor valor, porque essa seria a última dor, como qualquer outra última, seja de um infarto do miocárdio (IM), do rompimento fatal de um aneurisma cerebral, de qualquer morte violenta ou súbita, de um mal qualquer, é a dor que só sabe quem passou por ela.

Quando comecei a procurar textos e artigos sobre dor e psicanálise, dor e psicologia, encontrei o livro de Juan-David Nasio (2008) sobre a dor física, que muito me interessou por apresentar alguns conceitos que, acredito, merecem ser discutidos. Nasio refere três fases da formação da dor: fase da ruptura ou dor da lesão, fase da comoção ou dor da comoção, fase da reação defensiva do eu ou dor de reagir. Quando descreve a fase da comoção ele relata: "...tenho dor, significa que cir-

cunscrevo e afinal enfrento a dor. Mas logo se eleva do âmago do ser, uma outra dor, bem diferente, essencial e profunda. Essa dor, eu não a possuo, é ela que me possui: "Sou dor" (NASIO, 2008, p. 19).

Perdida nessa viagem através da subjetividade, me pergunto: qual será a primeira dor? Quando o ser humano tomou consciência do seu primeiro sofrimento? E a resposta não parecia ser mais óbvia: ao nascer, é claro! Ou não!

A dor: "o mais filosófico dos problemas, a mais semiológica das questões", eis aí um dilema, desse conceito-limite da psicanálise e a misteriosa função que ele preenche (HORN, 2001).

O International Association for the Study of Pain (IASP) (2009) define dor como a "Experiência sensitiva e emocional desagradável associada ou relacionada a lesão real ou potencial dos tecidos. Cada indivíduo aprende a utilizar esse termo através das suas experiências anteriores" (IASP *apud* CARVALHO, 2009, p. 322).

Voltando ainda a Nasio (2008), ao responder a seguinte pergunta: Por que o senhor,

na condição de psicanalista se interessa pela dor? Entre outras colocações, ele diz:

[...] Quando examinamos a literatura psicanalítica, e até mesmo psicológica, vemos que a questão da dor é muito pouco abordada, ainda que recentemente tenhamos assistido a uma revitalização da questão. Os mestres da psicanálise, como Freud, Lacan ou Melanie Klein, raramente retratam a dor. Freud só faz referência a ela em dois ou três artigos, ao longo de uma obra cuja produção estende-se por 40 anos! (NASIO, 2008, p. 49).

O recém-nascido mostra como primeiro ato de sua vida o choro/dor? Ato físico, real. Acredita-se então que, fisiologicamente, o início do processo da respiração com a entrada de ar nos pulmões, promovendo a dilatação dos alvéolos seja um processo doloroso, “A passagem da vida intrauterina para a extrauterina constitui, sem comparação, o maior impacto fisiológico (e também psicológico?) que sofre o organismo em toda sua vida” (PERNETTA *apud* SOUZA, 1976, p. 1).

Essa adaptação, ou melhor, essa saída da vida simbiótica para uma vida autônoma é considerada como um recalque, fenômeno que ficará registrado como uma marca indelével definida por Freud, como angústia originária, angústia de separação, uma vivência não traduzida em experiência, porque sem linguagem, sem verbo, estamos diante do real lacaniano. Todas as outras angústias que o indivíduo carregará ao longo da vida são sequenciais à angústia originária (ROCHA, 2000). Em complemento, Freud (1926) referencia uma primeira dor, como a dor de uma arcaica separação ocorrida antes mesmo do estágio embrionário, em uma fase pré-individual e codificada na memória da espécie.

Os avanços tecnológicos no campo da neonatologia evoluíram de tal forma que o nascimento, sob meu ponto de vista e refazendo o raciocínio inicial, passaria a ser a primeira grande dor antes de o homem ver a luz do mundo, e não a primeira dor. Em

um seminário proferido pelo Dr. Paul Ranalli (1997) sobre o tema “dor fetal”, ele diz que o feto pode sentir dor na vigésima semana de vida intrauterina, o que considera uma estimativa conservadora e atrasada, mas cientificamente sólida, pois os elementos do sistema espinho talâmico começam a se desenvolver em sete semanas, podendo obter um grande desenvolvimento entre 12-14 semanas. Portanto, alguma percepção de dor é provável, continuando seu crescimento até o terceiro trimestre.

O psicanalista Otto Rank (1884-1939), após longo período de observação de casos extremos de angústia, notou que tais indivíduos reagiam de modo bastante semelhante a certas reações que os fetos teriam durante o nascimento, o que o levou a afirmar que o trauma de nascimento seria a fonte de toda angústia que o indivíduo sentirá ao longo de sua vida. Ao se deparar com situações de mudança, separação, etc., semelhante aos sentimentos vividos durante o nascimento, o indivíduo por meio de tais situações traria à tona todas as lembranças originadas pelo trauma do nascimento, criando, deste modo, sentimentos de temor em relação à vida e a morte.

Portanto, passo a considerar o nascimento a primeira grande dor, aquela que, segundo Freud (1926), é causadora do recalque originário. Primeira grande dor porque como vimos anteriormente, o feto tem aptidões para sentir dor física muito precocemente. Desconhecemos ainda métodos avaliadores dos comprometimentos psíquicos, ocasionados por qualquer dor que possa ter acontecido na vida intrauterina ou mesmo de que forma os transtornos emocionais maternos possam interferir no *a posteriori* do indivíduo.

Assim como Freud fala de um recalque originário, Nasio (2008) em seus estudos propõe uma dor primordial e intemporal que volta incessantemente no presente, com a função de comunicar todas as outras, a marca do desprazer intolerável que sentimos quando estamos doentes ou aflitos. Assim

como a experiência é singular para cada ser que a vivenciou, assim também o vivido de uma dor é sempre o vivido da própria dor.

E a última dor? Costa (2006) diz:

Nascer, morrer e desenvolver é o ritmo biofisiológico dos seres vivos que demarcam sua existência no mundo. Morrer não é necessariamente um destino, porém viver é um dom. Assim, a morte não é uma saqueadora da existência nem a vida é uma provisoriade da morte. Estar na vida é ter a morte como ausência-presente, e morrer pode ser uma sábia conclusão da vida (COSTA, 2006, p. 169).

Morrer e viver são, portanto, uma dialética da nossa existência. Ou, no dizer de Júlio Cabrera (2006), o nascimento seria o engano de pensar que a vida seria possível com aquele que nasce, e o homicídio seria o engano de que a vida seria possível sem aquele que morre.

Por que nós, seres humanos, fugimos ou vivemos escamoteando esta verdade? Por que o medo da morte? Será a morte um acontecimento fatal e radical? A morte tem sentido ou é um absurdo da existência? O empenho de uma vida substantiva significa encontrar as razões para o viver que é, na verdade, dar sentido ao morrer.

O psiquiatra inglês Collin Murray Parkes (2007), ao ser questionado sobre qual o pior tipo de morte para quem fica, na escala da dor, disse:

O que implica sentimentos de culpa pode ser considerado o pior. É o caso, por exemplo, do pai que vê o filho morrer de um acidente de carro e acha que poderia tê-lo socorrido ou de uma pessoa que se sente responsável pelo suicídio de outra, em segundo lugar, bem próximo do primeiro, eu diria que estão as mortes por assassinato (PARKES, 2007).

A verdade é que toda morte traz em si uma perda e um luto correspondente que, dependendo de como será elaborado, pode-

rá fortalecer ou não o sujeito, no confronto de outras perdas. Abdiquemos dessas abstrações. A reflexão que estou aqui me propondo é sobre a primeira grande dor e a última dor, tendo como representações a vida e a morte, o princípio e o fim (ou não). Tanto uma quanto outra remetem ao real laciano, uma vez que são experiências não nomeáveis, porque ninguém detém conhecimento sobre nenhuma delas; a primeira porque calada no inconsciente não se faz representar porque não verbalizada, e a última porque ninguém voltou para contar.

Por outro lado, na primeira questão (vida), alegria, amor, exaltação à criação. Uma nova estrela na constelação familiar (esqueçam as exceções), presentes, sorrisos, festa, lágrimas e risos de emoção.

A última dor (morte), um momento mais soturno, pessoas presentes vêm se despedir de quem já está ausente. Sem festa, presentes ou alegria (é a regra, para não dizer esqueçam as exceções). Choro de lamentos, dor da perda. Comentários e sussurros sobre a vida de quem partiu tendo como simbolismo a morte, carregada de incógnitas, para quem fica é claro. Dessa vez deixando outra marca indelével, destinada a quem fica, a um outro onde firmará uma impronta, que se calará no inconsciente desse Outro como objeto perdido, não primevo, mas que se somará a tantas outras perdas acopladas no interior do homem e as que ainda virão.

Encontramos algumas citações em Freud (1991) e em (1966), por exemplo, o texto de Lacan que se refere à dor e ao gozo:

A dor física é a mais pura manifestação do gozo [...] pois o que chamo de gozo, no sentido de que o corpo se experimenta, é sempre da ordem da tensão, do forçamento, da defesa e até mesmo da façanha. Incontestavelmente, há gozo no nível em que começa a aparecer a dor, e sabemos que é somente nesse nível da dor que se pode experimentar toda uma dimensão do organismo que, de outra forma, permanece velada (LACAN, 1966).

Não seria possível em poucas palavras esgotar tão instigante e profundo tema. Não poderia ter essa pretensão. Portanto, deixo aqui um ponto de partida para novas reflexões. Novos estudos devem ser conduzidos, de forma que possamos descobrir nas entrelinhas, no não dito das obras dos grandes mestres da psicanálise e em estudos mais recentes, substratos que aprofundem a fundamentação desses conceitos.

Abstract

Throughout the text the author proposes a reflection about the question of pain. What would be the first pain man feels in his life? And which would be the last pain? In the comes and goes from birth to death passing by moments that are anterior and posterior to those milestones of human life, giving a look on the worry originated from the Freudian standpoint, going to a more archaic separation, liking this experience with the Lacanian concept of "the Real", because without experience, without voice, without language. The author also makes reference to birth and death moments and their meaning for subjects involved in the event, with their own outcomes, happiness, tears, according to the situation inherent to each occurrence. Not forgetting the subject that arrives and the one that goes as direct objects of this study's discussion.

Keywords: Pain in Psychoanalysis, Physical pain, Newborn, Death.

Referências

CABRERA, J. A. O imenso sentido do que não tem nenhum valor. *Revista Filosóficos*, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 331-365, ago./dez. 2006.

COSTA, J. A. *Sabor, saber e sabedoria*: reflexões sobre temas do cotidiano. Passo Fundo: IFIBE, 2006, p. 169.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926[1925]). In: _____. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Direção-geral da tradução de

Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

HORN, A. Reflexão sobre a dor. *Estados gerais da psicanálise*: Segundo Encontro Mundial. Rio de Janeiro, set. 2003. Disponível em: <http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5c_Horn_106141003_port.pdf>.

IASP. In: CARVALHO, M. M. M. J. A dor do adoecer e do morrer. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 29, n. 2, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2009000200009&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 14 jun. 2012.

LACAN, J. *Psicanalyse et médecine. Lettres de l'école freudienne*, Paris n. 1, 1966.

NASIO, J.-D. *A dor física*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

PARKES, C. M. A dor da morte. *Revista Veja*, São Paulo, n. 2021, ago. 2007.

PERNETTA, C. In: SOUZA, G. A. de. *Estudo do quadro respiratório do recém-nato frente à transfusão de diferentes quantidades e velocidades do sangue de reserva*. Tese (Doutorado em Pediatria) - Faculdade de Ciência Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1976, p. 1.

RANALLI, P. The emerging reality of fetal pain in late abortion. *National Right to Life News*. Washington D. C., set. 2000. Disponível em: <<http://www.nrlc.org/news/2000/NRL09/ranalli.html>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

RANK, O. In: JONES, E. *Papers on psychoanalysis, 1938*. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/workbook/entry.php?entryID=936>>. Acesso em: nov. 2012.

RECEBIDO: 15/03/2013

APROVADO: 03/04/2013

SOBRE A AUTORA

Odimariles Maria Souza Dantas

Psicanalista em formação no Círculo Psicanalítico de Pernambuco (CPP). Docente em Pediatria na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Endereço para correspondência:

Odimariles Maria Souza Dantas
Rua Antônio de Castro, 150/1702
Casa Amarela - 52070-080 - Recife/PE
E-mail: odimariles@gmail.com

Neurótico obsessivo entre o mal constitutivo e a moral civilizatória

Obsessional neurotic between constitutive evil and moral civilization

Ramon José Ayres Souza

Resumo

Este artigo é parte de um capítulo da tese intitulada *Do uso da ironia na neurose obsessiva: destrutividade e criação sublimatória*, defendida em março de 2012 no programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O texto aborda as primeiras relações entre destrutividade e neurose obsessiva na obra de Freud e ao mesmo tempo aponta algumas implicações constitutivas da impossibilidade de experimentação da destrutividade na organização obsessiva, a saber: as medidas protetoras características de um ritual e o caráter anal.

Palavras-chave: Psicanálise, Neurose obsessiva, Destrutividade, Caráter anal, Freud.

Os estudos sobre a neurose obsessiva parecem conduzir Freud a um maior entendimento da destrutividade, exigindo inclusive reorganizações na própria teoria psicanalítica nas esferas metapsicológica, cultural e clínica. É tentador investigar, por exemplo, em que medida as teorizações acerca da neurose obsessiva colaboraram com a formulação de conceitos como supereu e pulsão de morte. Igualmente atraente é a hipótese de que a descoberta das fantasias agressivas do obsessivo em relação ao pai contribuiu para a formulação de uma teoria antropológica cultural em *Totem e tabu* (1913). Outra via interessante é compreender como o caso do *Homem dos Ratos* (1909) arguiu Freud a respeito do posicionamento clínico do analista diante de tanta destrutividade latente.

As vias sugeridas mereceriam uma investigação prolongada à luz da epistemologia freudiana, o que escapa ao escopo deste artigo. Ademais, o que está em jogo na neurose obsessiva, a meu ver, é uma impossibilidade de experimentação da própria destrutividade e da conseqüente ambivalência afetiva, suscitando um modo de ser reativo, erguido

sob o domínio de formações substitutivas sintomáticas que visam impedir a própria verdade do desejo. Observamos, assim, claramente os sentimentos de inadequação do neurótico obsessivo, oriundos de uma constituição em ebulição que não se enquadra na moral civilizatória, enfatizando o conflito mal constitutivo *versus* moral civilizatória. A neurose obsessiva aparenta ser a neurose por excelência, com todos os seus elementos bem sublinhados. Eis o que pretendemos investigar: as primeiras relações entre destrutividade e neurose obsessiva na obra de Freud e algumas implicações constitutivas da impossibilidade de apropriação da destrutividade na neurose obsessiva, a saber, as medidas protetoras características de um ritual e o caráter anal.

Nos primeiros escritos, notamos a inauguração da relação entre agressividade e neurose obsessiva, que aparentemente vai perdurar ao longo de toda a obra freudiana. Decidido a compreender mais profundamente o motivo do processo de substituição presente na construção das obsessões, Freud ([1895]1996, p. 84) atribui a função de defesa

do eu “contra a representação incompatível”. Essa função de defesa, efetivada pelo trabalho de recalque, é explorada no texto *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* ([1896]1996), uma espécie de complemento do artigo de 1894 (*As neuropsicoses de defesa*). Freud nesse momento promove uma investigação mais detalhada sobre o modo pelo qual a sexualidade se torna um afeto conflitivo e, principalmente, sobre as defesas que se erguem contra esse afeto. É através da recém-elaborada “teoria da sedução” que surge a explicação de que as neuroses estariam ligadas a uma sedução e um consequente abuso sexual na infância por parte de um adulto. Tanto a histeria quanto as obsessões se originariam do mesmo processo etiológico (o abuso sexual na infância), a não ser por uma diferença: enquanto a histeria — frequente no sexo feminino — se caracterizaria por um evento em que o indivíduo era submetido a um ato sexual passivo, a neurose obsessiva (com preferência pelo sexo masculino) associava-se a um ato de agressão ativo e prazeroso (FREUD, [1896]1996, p. 164-165).

Sabemos que em 1897, ao deslocar o plano concreto da agressividade para o plano da fantasia, Freud abandona a teoria da sedução. Apesar disso, percebemos naquele momento psicanalítico embrionário um quadro descritivo bastante rico da organização obsessiva, elaborado a partir de pequenos fragmentos de casos utilizados com fins ilustrativos. Já é evidente o funcionamento mental baseado em defesa, seguida de falha da defesa com o retorno do recalçado e do surgimento de sintomas como formações de compromisso e medidas protetoras. O advento de certos sentimentos “sociais” (vergonha, conscienciosidade, superstição, angústia social, fobia) já nos coloca diante da neurose como um sistema de impedimento e punição. Marcada por uma agressão sexual que aprisiona o sujeito em uma dívida moral, a neurose obsessiva é a forma mais acentuada desse modo inibido de ser.

Sem dúvida, o recém-descoberto desejo edípico de matar o pai traz implicações na teorização da neurose obsessiva. Na carta a Fliess de 31 de maio de 1897 (*Rascunho N*), Freud (1986, p. 251) levanta a hipótese de que os “impulsos hostis contra os pais (mais especificamente o desejo de que morram) são também um elemento integrante das neuroses. Eles vêm à luz, conscientemente, como ideias obsessivas”. Logo em seguida, na mesma carta, ele se pergunta: “Seria possível que mais tarde os impulsos também derivassem das fantasias?” Eis o contexto que vai compor o quadro presente em *A interpretação dos sonhos*:

Numa outra ocasião, tive a oportunidade de chegar a uma compreensão profunda da mente inconsciente de um rapaz cuja vida se tornara quase impossível em virtude de uma neurose obsessiva. Ele estava impossibilitado de sair à rua porque era torturado pelo medo de matar toda pessoa que encontrasse. Passava seus dias preparando um alibi para a eventualidade de ser acusado de um dos assassinatos cometidos na cidade. Desnecessário acrescentar que era um homem de moral e educação igualmente elevadas. A análise (que, aliás, o levou a recuperar-se) mostrou que a base dessa torturante obsessão era um impulso de assassinar seu pai extremamente severo. Esse impulso, para a surpresa dele, fora conscientemente expressado quando tinha sete anos, mas se originara, é claro, numa fase anterior de sua infância (FREUD, [1900]1996, p. 260-261).

Parricida latente, o neurótico obsessivo é constituído por intensos impulsos hostis contra um pai severo e uma vivência de moralidade igualmente intensa. É interessante constatar que já em 1900 está presente o esboço do conflito entre o desejo de satisfação e um elemento censor que se interpõe a essa satisfação. Como já mencionamos no início do artigo, sabemos ainda que a ideia do assassinato do pai conduzirá Freud a uma teo-

ria antropológica cultural em *Totem e tabu*. Agora vale apenas destacar que já se encontra aqui, no momento inaugural dos conceitos de inconsciente e de aparelho psíquico, delineado o conflito obsessivo por excelência: o mal constitutivo *versus* a moral civilizatória.

Roudinesco e Plon (1998, p. 539) afirmam que Freud só voltaria a se interessar pela neurose obsessiva em 1907, com a exposição na Sociedade das Quartas-Feiras de um início de atendimento daquele que viria a se tornar conhecido como *O homem dos ratos*, o que suscitaria dois textos importantes sobre a temática: *Atos obsessivos e práticas religiosas* e *Caráter e erotismo anal*. No entanto, não podemos esquecer que antes disso Freud se dedicou a alguns elementos essenciais à compreensão dessa neurose e, em um sentido mais amplo, ao desenvolvimento da própria teoria psicanalítica. Refiro-me particularmente à agressividade/sadismo, ao desenvolvimento libidinal (de acordo com fases oral, anal, fálica, genital) e ao conceito de pulsão, presentes em 1905 no artigo sobre os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Entre as organizações pré-genitais apresentadas nesse último texto, ressaltamos a importância da erogeneização da zona anal, conceitualmente importante para a neurose obsessiva.

Em relação ao sadismo, este “corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar preponderante” (FREUD, [1905]1996, p. 149). Em outro nível teórico, o texto resgata também a antiga ligação entre a pulsão sexual e o que Freud chama de crueldade:

Que a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido. Segundo alguns autores, essa agressão mesclada à pulsão sexual é, na realidade, um resíduo de desejos canibalísticos e, portanto, uma coparticipação do

aparelho de dominação, que atende à satisfação de outra grande necessidade ontogeneticamente mais antiga (FREUD, [1905]1996, p. 150-151).

Somente com o conceito de “pulsões parciais”, ao considerar o componente de crueldade da pulsão sexual que se desenvolve na criança como independente das zonas erógenas, é que Freud parece avançar um pouco mais na questão dos impulsos hostis, apresentando-nos duas novas ideias. A primeira diz respeito à ambivalência. Segundo ele, é através da ligação entre a crueldade e a libido que se dá “a transformação do amor em ódio, das moções afetuosas em moções hostis, que é característica de um grande número de casos de neurose e até, ao que parece, da paranóia em geral.” (FREUD, [1905]1996, p. 158). Logo em seguida, a crueldade é considerada “perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se ante a dor do outro — a capacidade de compadecer-se — tem um desenvolvimento relativamente tardio” (FREUD, [1905]1996, p. 181).

Compreendemos que a temática da agressividade vai ganhando importância ao longo da obra de Freud. Os componentes hostis fazem parte da constituição infantil, mas ao mesmo tempo é preciso renunciar a eles para ingressar na civilização. O obsessivo, hobbesiano por natureza, é aquele que desenvolve intensas proteções para evitar esse mal que o constitui. Algumas dessas proteções se assemelham aos rituais religiosos, conforme é descrito em 1907 em *Atos Obsessivos e práticas religiosas*.

Freud ([1907]1996, p. 109) abre o artigo afirmando que não é o momento para definições, uma vez que “ainda não chegamos ao critério distintivo da neurose obsessiva”. Esse critério estaria, segundo ele, “oculto em camadas muito profundas, embora pareça revelar sua presença em todas as manifestações da doença”. Trata-se de uma tentativa de compreensão dos chamados cerimoniais

obsessivos, à luz da comparação com as práticas religiosas. Na observação das semelhanças entre ambos, aparece mais uma vez o excesso de escrúpulos e a consciência moral. A diferença estaria entre a privação dos atos neuróticos e o caráter de rito público dos atos religiosos. Além disso, ao contrário do simbolismo próprio dos cerimoniais religiosos, na neurose obsessiva — essa “caricatura, ao mesmo tempo cômica e triste, de uma religião particular” (FREUD, [1907]1996, p. 111) — os ritos têm caráter obrigatório e à primeira vista parecem bobos e sem sentido, além de qualquer possibilidade da renúncia suscitar angústia. Esse absurdo, entretanto, desaparece após uma investigação psicanalítica:

Descobre-se que todos os detalhes dos atos decisivos possuem um sentido, que servem a importantes interesses da personalidade, e que expressam experiências ainda atuantes e pensamentos catexizados com afeto. Fazem isso de duas formas: por representação direta ou simbólica, podendo, conseqüentemente, ser interpretados histórica ou simbolicamente (FREUD, [1907]1996, p. 111).

Nessa ocasião ainda percebemos a mesma premissa de tratamento: tornar o ato consciente, ou melhor, interpretar o sentido por trás do aparente absurdo. A defesa em forma de medida protetora é erguida contra o mal e, ao mesmo tempo que causa sofrimento, promove satisfação, o que expõe o quanto a renúncia é parcial. Mesmo com o recalque e a formação de sintomas, é certo que há algum tipo de satisfação. A satisfação nesse caso vem através da formação reativa, a responsável por conduzir os impulsos primitivos à consciência de modo invertido.

A neurose obsessiva é considerada por Freud ([1907]1996, p. 116) “o correlato patológico da formação de uma religião”. Embora ambas renunciem aos impulsos constitutivos, na neurose obsessiva os impulsos “são exclusivamente sexuais em sua origem, enquanto na religião procedem de fontes

egoístas”. Não nos esqueçamos dos impulsos hostis, mesclados às pulsões sexuais. Freud, então, conclui que a “renúncia progressiva às pulsões constitucionais, cuja ativação proporcionaria o prazer primário do *eu*, parece ser uma das bases do desenvolvimento da civilização humana” (FREUD, [1907]1996, p. 116). Trata-se da ideia desenvolvida, no texto *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (FREUD, [1908]1996), de que a civilização se funda sob a renúncia pulsional. O obsessivo seria, então, o representante maior dessa moral civilizada.

Para além dos cerimoniais semelhantes aos ritos religiosos, também não podemos deixar de mencionar como sendo implicações da destrutividade renunciada alguns traços que vão compor esse modo de ser obsessivo. Refiro-me particularmente àquilo que Freud denominou em 1908 de *Caráter e erotismo anal* ([1908]1996). No texto, são identificadas três características encontradas em pacientes obsessivos: “elas são especialmente *ordeiras, parcimoniosas e obstinadas*”. Cada um desses traços pode se apresentar através de outras formas, por exemplo, “a parcimônia pode aparecer de forma exagerada como avareza, e a obstinação pode transformar-se em rebeldia, à qual podem facilmente associar-se a *cólera e os ímpetos vingativos*” (FREUD, [1908]1996, p. 159, grifos do autor). A explicação para esse tipo de comportamento obsessivo é fornecida pelo erotismo anal; “essas pessoas nasceram com uma constituição sexual na qual o caráter erógeno da zona anal é excepcionalmente forte” (FREUD, [1908]1996, p. 160). Vale lembrar que o erotismo anal foi tratado primeiramente no texto dos *Três ensaios* para em seguida ser abordado mais profundamente em *A predisposição à neurose obsessiva* ([1913]2010). A mim interessa destacar o marcante papel da *formação reativa* — consequência da ambivalência afetiva — na transformação de sentimentos em seu oposto: “A limpeza, a ordem e a fidedignidade dão exatamente a impressão de uma formação

reativa contra um interesse pela imundície perturbadora que não deveria pertencer ao corpo” (FREUD, [1908]1996, p. 162). A vergonha, a repugnância e a moralidade obsessivas também se originam a partir das “formações reativas”:

Ora, o erotismo anal é um dos componentes da pulsão sexual que, no decurso do desenvolvimento e de acordo com a educação que a nossa civilização exige, se tornarão inúteis para os fins sexuais. Portanto, é plausível a suposição de que esses traços de caráter — a ordem, a parcimônia e a obstinação —, com frequência relevantes nos indivíduos que anteriormente eram anal-eróticos, sejam os primeiros e mais constantes resultados da sublimação do erotismo anal (FREUD, [1908]1996, p. 161).

Freud ainda não havia desenvolvido o conceito de sublimação, cuja primeira aparição se deu em 1905, nos *Três ensaios*. Em 1908, como é o caso da citação acima, a sublimação ainda é tratada como sinônimo de formação reativa. Apesar de não ser objeto de investigação desse artigo, cabe destacar que é somente em 1915 ([1905]1996, p. 168) que Freud acrescenta uma nota de rodapé ao texto dos *Três ensaios* afirmando que a sublimação e a formação reativa são “dois processos conceitualmente diferentes”, além de a sublimação “dar-se por outros mecanismos mais simples”.

De volta ao nosso percurso, é preciso mencionar uma passagem do texto *Sobre transformações dos instintos em particular no erotismo anal* (1917), mais especificamente uma relevante questão a respeito do destino do erotismo anal após a instauração da organização genital: estaria submetido ao recalque, à sublimação, à transformação em qualidades de caráter (formação reativa) ou seria acolhido na nova configuração da sexualidade? (FREUD, [1917]2010, p. 254).

Através da associação fezes, criança e pênis, principalmente a relação entre criança e pênis, ficamos sabendo que o erotismo

pré-genital pode fazer parte da organização genital: a inveja do pênis proporciona a aquisição de um substituto, tanto no que diz respeito ao desejo de ter uma criança — que no caso, seria um substituto do excremento-presente —, quanto à escolha amorosa de um homem — “apêndice do pênis” (FREUD, [1917]2010, p. 256-258). Esse interesse pelo pênis, bem como o traço de caráter da teimosia (ou obstinação) também se origina do simbolismo das fezes. No caso deste último, a origem mais precisa se dá pela retenção como ato de satisfação autoerótica narcísica, em oposição à atitude de amor ao objeto, representada pelo ato de presentear o outro com as fezes.

Por fim, Freud ainda apresenta no mesmo texto, apesar de não explorar, a “degradação regressiva da organização genital” na neurose obsessiva, “manifestada no fato de toda fantasia originalmente concebida no plano genital ser transposta para o anal, o pênis ser substituído pela vara de fezes, a vagina pelo intestino” (FREUD, [1917]2010, p. 259).

É certo que os estudos sobre o caráter anal foram expandidos por Ernest Jones em *Traços do caráter anal-erótico*, publicado originalmente em 1918. Jones começa diferenciando dois tipos de traços anais de caráter: os que têm uma “natureza positiva — ou seja, são *sublimações* que representam simplesmente um desvio do objeto original” e aqueles que possuem uma “natureza negativa — ou seja, constituem *formações reativas* erigidas como barreiras contra as tendências recalçadas” (JONES, [1918]2005, p. 297). Como resultado do processo sublimatório, teríamos a parcimônia, os impulsos de colecionar e estocar, bem como o seu oposto: a generosidade, a extravagância, as produções artísticas e criativas (pintura, escultura, culinária). Entre as formações reativas, encontramos: a ordem, a intolerância para o desperdício, o asco e a aversão à sujeira.

Jones também apresenta alguns traços de caráter mais relacionados com o ato da defecação em si. Por exemplo, a procrasti-

nação remete ao prazer obtido pela criança através do adiamento do momento de defecar. Enquanto adiam e protelam o ato, elas “mergulham no trabalho com uma energia desesperada e quase sempre feroz que nada deve desviar, nem a mínima interferência deve ser sentida” (JONES, [1918]2005, p. 298). A inibição, então, dá lugar à obstinação e à persistência para se alcançar um estado de perfeição. “Nada pode ficar pela metade” (JONES, [1918]2005, p. 301). Há também uma “extrema sensibilidade acerca da interferência” (p. 302). O obsessivo não tolera interrupções durante suas atividades, correndo o risco de reagir com rebeldia, irritabilidade e mau humor:

Tais pessoas não aceitam bem conselhos, ressentem-se de qualquer pressão sobre elas, lutam por seus direitos e dignidade, rebelam-se contra qualquer autoridade e insistem em seguir seu próprio caminho; nunca são induzidas, podendo apenas ser comandadas. Como crianças, são extremamente desobedientes, existindo, com certeza, uma constante associação entre a desobediência desafiadora e o erotismo anal não controlado (JONES, [1918]2005, p. 302).

Podemos inferir a relação entre erotismo anal e rebeldia a partir do comentário de Lou Salomé sobre a primeira proibição imposta à criança durante o ato de defecar, mais precisamente em extrair prazer dessa atividade. “A partir daí, o ‘anal’ permaneceria como símbolo de tudo o que deve ser repudiado, afastado da vida” (SALOMÉ *apud* FREUD, [1905]1996, p. 176).

Em 1921, no artigo *Contribuição à teoria do caráter anal*, Abraham ([1921]1970, p. 178) retoma as ideias de Jones com o objetivo de “ampliação e acabamento”. É apresentado um relato de uma paciente acometida por um conflito “entre uma atitude consciente, por um lado, de submissão, resignação e disposição a sacrificar-se e, por outro, um desejo inconsciente de vingança”. Tais im-

pulsos de vingança, segundo o autor, surgem por conta de uma atitude autoritária da mãe, que exigia a “obediência da parte da criança com referência a fazer suas necessidades mais cedo que o costumeiro”, chegando a distribuir umas palmadas por isso. Mais uma vez temos a rebeldia (camuflada através de uma atitude oposta de submissão) contra uma figura de autoridade no inconsciente do obsessivo.

Ao procurar impor “seu próprio sistema” em tudo, indica Abraham, o neurótico obsessivo tende a criticar os outros exageradamente, “e isto facilmente degenera em mera *ca-vilação* [ironia maldosa, zombaria]. Na vida social, constituem eles o grupo principal dos descontentes” (ABRAHAM, [1921]1970, p. 181). Por último, Abraham também comenta aquilo que Jones considera “um dos mais interessantes resultados do erotismo anal” ([1921]1970, p. 193): a tendência à oposição do psiquismo. Para o primeiro, o motivo da inversão é o deslizamento da libido da zona genital para a anal:

Nesse sentido, pode-se mencionar a conduta de muitas pessoas que são consideradas excêntricas. Sua natureza é construída, na maior parte, por traços caracterológicos anais. Elas tendem a agir, tanto em grandes quanto em pequenas coisas, de maneira oposta à das outras pessoas (ABRAHAM, [1921]1970, p. 193).

Somente depois é explicada a transformação reativa dos impulsos sádico-anais e coprofilicos em excessivo amor à limpeza e à ordem. Para o psicanalista, tais tendências revelam um “instinto erótico anal recalçado ou sublimado” (ABRAHAM, [1924]1970, p. 92-93).

Por fim, interessa apenas ressaltar o marcante papel da formação reativa — resultado da destrutividade e da ambivalência afetiva — na transformação de sentimentos em seu oposto e, conseqüentemente, em um modo de ser impedido pela moral civilizatória. Eis por que, ao levar em conta a clínica na neu-

rose obsessiva, devemos lançar mão do encontro lúdico e do compartilhamento afetivo no processo de experimentação e estetização da destrutividade e da ambivalência. Essa via fértil, entretanto, merece ser explorada em outro momento.

Abstract

This paper is a part of thesis' chapter called "The use of irony in obsessional neurosis: destruction and sublimation creation", defended in March 2012 at the Clinical Psychology program of the Institute of Psychology of the University of São Paulo. The text covers the first relations between destructivity and obsessional neurosis in Freud's work, while pointing some implications of the impossibility of experimentation destructivity in obsessive organization, mainly protective measures characteristics of a ritual and anal character.

Keywords: *Psychoanalysis, Obsessional neurosis, Destructivity, Anal character, Freud.*

Referências

ABRAHAM, K. Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais. [1924]. In: *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

ABRAHAM, K. Contribuição à teoria do caráter anal (1921). In: _____. *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

FREUD, S. As neuropsicoses de defesa (1894). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 273-282. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, S. Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia (1895[1984]). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago,

1996. p. 79-88. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, S. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-183. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, S. *A interpretação de sonhos* (1900). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4).

FREUD, S. *Correspondência completa de S. Freud para W. Fliess - 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-229. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, S. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). In: _____. *"Gradiva" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 109-117. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, S. Caráter e erotismo anal (1908). In: _____. *"Gradiva" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 159-164. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. (1908). In: _____. *"Gradiva" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 169-186. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, S. A predisposição à neurose obsessiva. (1913). In: _____. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*, *Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 10).

FREUD, S. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). In: _____. *Dois histórias clínicas: "O peque-*

no *Hans*” e “*O homem dos ratos*” (1909). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 139-215. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 10).

FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: _____. *Totem e tabu e outros trabalhos* (1913-1914). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. p. 21-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

FREUD, S. Sobre transformações dos instintos em particular no erotismo anal (1917). In: _____. *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010. (Obras completas, 14).

JONES, E. Traços do caráter anal-erótico. [1918]. In: BERLINCK, M. T. (Org.). *Obsessiva neurose*. São Paulo: Escuta, 2005.

ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOUZA, R. J. A. *Do uso da ironia na neurose obsessiva: destrutividade e criação sublimatória*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RECEBIDO: 15/03/2013

APROVADO: 24/04/2013

SOBRE O AUTOR

Ramon José Ayres Souza

Professor Titular I do Curso de Psicologia da Universidade Tiradentes. Psicólogo. Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP.

Endereço para correspondência:

Rua Tenente Wendel Quaranta, 1315, ap. 902
49052-260 - Aracaju/SE
E-mail: ramon.souza@usp.br

Pink Floyd – The Wall: um processo de “psicotização”¹ *Pink Floyd – The Wall: a process of “psychotization”*

Ricardo de Lima Sedeu

Resumo

O artigo analisa o personagem Pink, protagonista do filme *Pink Floyd - The Wall*, do ponto de vista da psicanálise. São feitos comentários sobre algumas das músicas que compõem o filme, descrevendo-se o que vai acontecendo no mundo interno de Pink e o caminho percorrido por ele rumo à psicose. Ao longo do artigo, são apresentados alguns conceitos psicanalíticos considerados importantes para o entendimento do caso.

Palavras-chave: Melancolia, Estados limítrofes (*Borderline*), Refúgios psíquicos, Identificação projetiva, Partes psicóticas e não psicóticas da personalidade.

Introdução

O filme *Pink Floyd - The Wall* (1982), cujo roteiro foi escrito por Roger Waters, ex-integrante do grupo de *rock* Pink Floyd, é em grande parte autobiográfico: através do protagonista Pink, Waters se faz representar e expressa muito dos seus próprios sentimentos. Por outro lado, a caminhada de Pink em direção à psicose é parcialmente baseada na história do primeiro líder da banda Pink Floyd (e amigo de Waters): Syd Barrett. Temos, assim, em Pink um personagem ficcional construído por uma mistura de aspectos reais de Waters e Barrett.

No filme, a história é contada quase sem diálogos, através das letras das músicas. A narrativa não é estritamente linear, pois se baseia nas lembranças e alucinações de Pink, em que tempos e espaços, mundo externo e mundo interno se misturam e se confundem. Aos poucos, ao longo do filme, o espectador vai reconstruindo a história do personagem

e entendendo os sofrimentos que fazem com que ele queira se isolar do mundo.

A nosso ver, a narrativa do filme pode ser apresentada como estruturada em sete temas, cada um composto por um agrupamento de músicas (relacionadas a seguir na ordem em que aparecem no filme):

(1) Uma primeira apresentação de alguns aspectos psíquicos de Pink (músicas *When the Tigers Broke - Part I*, *In the Flesh?* e *The Thin Ice*);

(2) A infância melancólica de Pink (músicas *Another Brick in the Wall - Part I*, *When the Tigers Broke Free - Part II*, *Goodbye Blue Sky*, *The Happiest Days of Our Lives*, *Another Brick in the Wall - Part II* e *Mother*);

(3) O frágil equilíbrio psíquico de Pink adulto e o trauma com a traição da esposa (músicas *What Shall We Do Now?*, *Young Lust*, *One of My Turns* e *Don't Leave Me Now*);

(4) O isolamento psíquico - é importante observar que não estamos nos referindo aqui ao mecanismo de defesa conhecido como

1. O presente artigo tem como base um trabalho apresentado pelo autor em 01/12/2012, em Jornada Interna do CBP-RJ. Esse trabalho, por sua vez, foi uma versão condensada e resumida (com diversas alterações) das palestras efetuadas pelo autor no CBP-RJ em 12/09/2011 e 12/11/2012, no âmbito do evento *Cinema & Psicanálise*.

isolamento, característico da neurose obsessiva (músicas *Another Brick in the Wall - Part III, Goodbye Cruel World, Is There Anybody Out There?, Nobody Home, Vera, Bring the Boys Back Home* e *Comfortably Numb*);

(5) A reação maníaca de Pink à droga (músicas *In the Flesh, Run Like Hell* e *Waiting for the Worms*);

(6) O mergulho final na psicose (músicas *Stop* e *The Trial*); e

(7) A cena final (música *Outside the Wall*).

O filme é muito rico em material que permite várias abordagens sob diversos ângulos, mesmo utilizando apenas a psicanálise como base teórica. Privilegiaremos aqui a análise do personagem Pink e o caminho por ele percorrido em direção à psicose.

A história resumida de Pink

Pink é um astro do *rock* inglês, que viaja a Los Angeles para se apresentar em *shows*. Seu pai morreu na Batalha de Anzio, em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial: o pelotão em que servia foi dizimado pelos alemães. Pink era apenas um bebê nessa época, não tendo chegado a conhecer o pai (a não ser por "uma foto no álbum de família"). Sua mãe ficou muito deprimida pela perda do marido; ela criou Pink sozinha, não se casou novamente, nem teve outros filhos. Provavelmente em função da depressão, ela não demonstrava muito afeto pelo filho (talvez o relacionando, inconscientemente, à morte do marido); no entanto, agia de forma invasiva, controlando Pink e mantendo-o em posição infantilizada debaixo de suas asas.

A mãe nunca lhe falara sobre a morte de seu pai; somente mais tarde, na pré-adolescência, Pink acabou descobrindo sozinho, numa gaveta, a farda do pai e um diploma assinado pelo Rei da Inglaterra em homenagem póstuma aos serviços prestados por ele durante a Guerra.

Na idade escolar, Pink se depara com um sistema educacional rígido, em que os professores castigam os alunos com a palmatória. Ele escreve poemas num caderno, mas

um professor descobre o caderno e o expõe à zombaria dos colegas da classe. Pink, na verdade, detesta a escola e gostaria que ela fosse destruída.

Pink cresce, se torna um adulto e acaba se casando, mas vive em descompasso com sua esposa: embora não discutam, ela, a seu ver, não o compreende. Ele se entrega cada vez mais às drogas e à música para preencher o seu vazio interno; os *shows* de *rock* são uma válvula de escape para a sua agressividade.

Durante a turnê nos Estados Unidos, Pink fica muito tempo no quarto do hotel, sozinho, sentado de frente para uma televisão, assistindo a velhos filmes relativos à Segunda Guerra Mundial. Ele tenta por várias vezes falar com sua esposa por telefone, mas nunca há ninguém em casa. Quando finalmente consegue, quem atende do outro lado da linha é um homem... Ao descobrir que estava sendo traído, Pink fica arrasado. Seu primeiro ímpeto é levar uma fã dos *shows* de *rock* para o quarto de hotel, mas nada acontece entre eles: Pink tem um surto violento e quebra todo o quarto, enquanto a moça foge. Ele joga a televisão pela janela e quase se atira lá embaixo. Decide, então, abandonar o mundo. Confinar-se ao quarto, que tenta rearrumar, reunindo os pedaços dos objetos quebrados e os organizando no chão do quarto, como numa mandala. Em seguida, ele vai para o banheiro fazer a barba e resolve raspar os pelos do corpo e as sobrancelhas, além de cortar os cabelos. Senta-se na poltrona e fica ali, absorto em seus pensamentos.

Em dado momento, o empresário que o contratou para os *shows* arromba a porta e adentra o quarto, junto com uma equipe de enfermeiros. Pink está sentado na poltrona, semidesmaiado. Os enfermeiros lhe aplicam uma droga para reanimá-lo e o arrastam em direção ao automóvel que irá levá-lo ao local do *show*, enquanto Pink tem um delírio de que seu corpo está se transformando numa massa disforme.

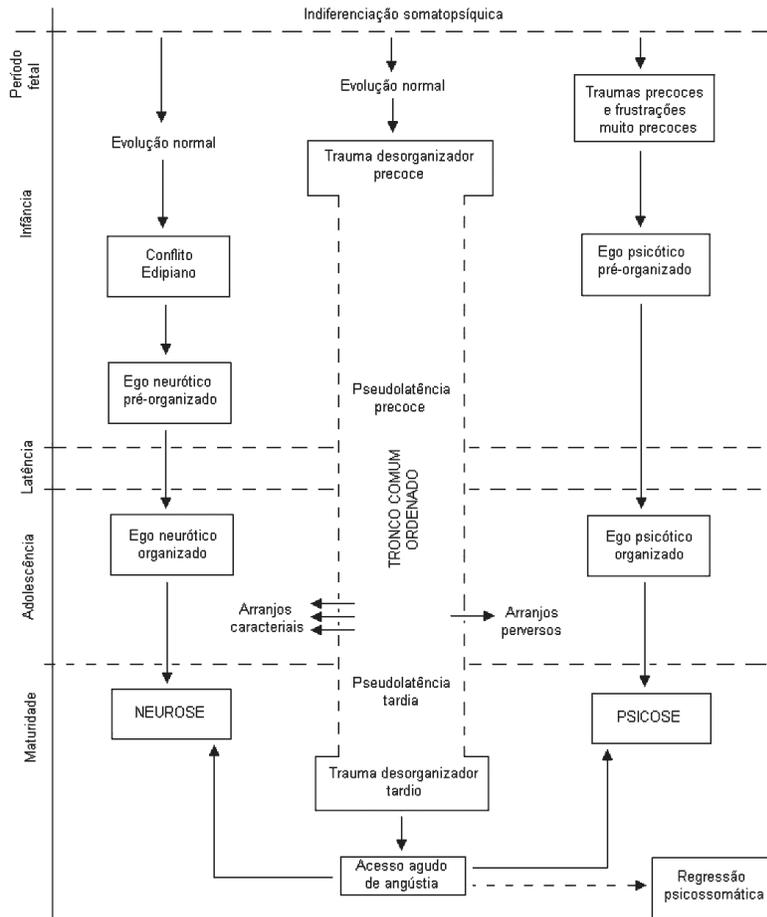
Quando Pink chega ao local do *show*, a droga já está fazendo efeito. Ele sobe ao pal-

co e, durante o *show*, se vê como um líder nazista que profere um discurso bastante violento. A plateia, a seus olhos, é uma massa de seguidores fanáticos que vibra com suas declarações. Ao final do show, Pink se recolhe a um banheiro público: a droga está perdendo seu efeito. Ele se julga culpado por todos os seus problemas e mergulha na psicose.

Uma base teórica para o processo de “psicotização”: a abordagem de Bergeret sobre os estados limítrofes

Antes de tratarmos com mais detalhes do caso propriamente dito, cumpre apresentar a contribuição de um autor que nos será bastante útil para o entendimento do que chamamos processo de “psicotização”: Jean Bergeret. Nos livros *Personalidade normal e patológica* (BERGERET, 1991) e *Psicopatologia: teoria e clínica* (BERGERET *et al.*, 2006), Bergeret desenvolve uma abordagem da psicopatologia psicanalítica que consideramos muito interessante. Nesses livros, para cada patologia, o autor procura não apenas levar em conta os aspectos aparentes do comportamento observado do exterior, mas principalmente colocar em relevo o modo de funcionamento mental latente em operação. Assim, utilizando como critérios de classificação quatro fatores principais (a natureza da angústia latente, o modo de relação objetal, os mecanismos de defesa utilizados e o modo de expressão habitual do sintoma), o autor conclui pela existência de somente duas grandes “estruturas” de base: a neurose e a psicose.

Embora não adotemos o ponto de vista estruturalista, a abordagem de Bergeret nos interessa devido à sua descrição de uma série de patologias não classificadas, geralmente denominadas pré-psicóticas, parapsicóticas, esquizoides, mistas, polimorfas, neuroses pseudopsicóticas, etc., que estariam situadas entre a estrutura neurótica e a estrutura psicótica. Essas patologias corresponderiam ao que atualmente conhecemos como estados-limite, estados limítrofes ou patologias *borderline*. Para esse autor, a perversão e as adições, entre outras patologias, também estariam classificadas dentro do “tronco comum” dos estados limítrofes. Sua abordagem das estruturas neurótica e psicótica e dos estados limítrofes pode ser melhor visualizada na figura abaixo (elaborada pelo autor com base em BERGERET *et al.*, 2006, p. 195):



Segundo Bergeret, em vez de estruturas estáveis e irreversíveis, os estados limítrofes constituem “organizações” provisórias, mas que podem se prolongar indefinidamente no tempo. Sua gênese estaria associada a um trauma desorganizador precoce, ocorrido na infância antes do início do Édipo, e sentido pela criança como “uma frustração muito viva, um risco de perda do objeto” (BERGERET, 1991, p. 129). Esse trauma representa a entrada precoce da criança em uma situação edípiana, num momento em que ela ainda não estava suficientemente madura para enfrentá-la de forma adequada.

Durante a fase genital, em vez do conflito edípiano, seria vivenciado um período de “pseudolatência precoce”, que se prolongaria pela adolescência e maturidade, não permitindo a consolidação de um ego estruturado. O indivíduo mantém uma relação de objeto centrada na dependência anaclítica (de apoio) do outro, lançando mão de mecanismos de defesa arcaicos (evitação, forclusão, reações projetivas e clivagem do objeto) contra a angústia depressiva de perda do objeto; a instância psíquica dominante seria o Ideal do Ego, que entraria em conflito com o Id e a realidade externa.

Bergeret afirma ainda que, em algum momento da vida do indivíduo, a frágil organização dos estados limítrofes pode sofrer uma descompensação mórbida devido à ocorrência de um segundo trauma psíquico desorganizador, em que algum evento externo (casamento, separação, nascimento de um filho, morte de pessoa querida, acidentes, transtornos sociais) faz despertar a antiga frustração narcísica correspondente ao primeiro trauma desorganizador.

Segundo o autor, dada a ruptura do frágil equilíbrio do tronco comum dos estados limítrofes, há quatro saídas possíveis: a morte do indivíduo (por suicídio ou colapso relacionado à fraqueza orgânica de algum órgão) ou, conforme o grau de força demonstrado pelo ego, a via neurótica, a via psicótica, ou

a via psicossomática (regressão ao mesmo tempo somática e psíquica).

No caso de Pink, podemos supor que o caminho rumo à psicose seguiu a linha traçada segundo o tronco comum dos estados limítrofes: a melancolia pela perda do pai e a mãe invasiva atuaram na forma de um trauma desorganizador precoce; a pseudolatência se manifesta na relação com a esposa, centrada na dependência anaclítica, em que ela representa uma figura materna substituída; a angústia de perda do objeto se concretiza quando Pink percebe a traição da esposa, configurando, então, um segundo trauma psíquico desorganizador, que termina por lançá-lo na via psicótica.

Dada a limitação de espaço, analisaremos a seguir apenas algumas cenas importantes do filme, que serão referenciadas pelas músicas que acompanham cada cena.

***In The Flesh?* e *The Thin Ice*: “falso self” e “self verdadeiro”**

As primeiras cenas/músicas do filme nos apresentam o roqueiro Pink, sob três importantes prismas: a perda do pai, fato de grande importância em sua vida; a forma encontrada por Pink para dar vazão a uma parte do ódio que sente; e a fragilidade da sua constituição psíquica. Trataremos aqui apenas das músicas *In the Flesh?* e *The Thin Ice*, que podem ser relacionadas à forma como ele se apresenta para o mundo e a como ele se sente interiormente.

No filme, a música *In the Flesh?* (Na carne?) nos apresenta um importante aspecto da vida de Pink: ele é um astro do *rock*. Nos seus *shows*, ele consegue projetar parte do seu ódio no mundo externo, vendo a si mesmo como um líder nazista violento, manipulador de multidões, cercado de violência por todos os lados (aqui representada pela repressão policial contra um grupo de jovens, apresentada em paralelo a uma batalha da Segunda Guerra).

O uso de drogas por Pink aparecerá no filme vez ou outra, em cenas rápidas (maco-

nha e álcool em *Mother*, pílulas em *Nobody Home*) ou implicitamente (cocaína em *Young Lust*). Podemos supor que ele usava drogas para conseguir fazer os seus *shows* de *rock* e outras drogas para entrar em estado de torpor. Otto Kernberg descreve da seguinte forma os efeitos das drogas nos pacientes *borderline*:

O álcool e as drogas constituem os meios para ‘reabastecer’ o *self* grandioso e assegurar sua onipotência e sua proteção contra um ambiente potencialmente frustrante e hostil que não oferece gratificações nem admiração (KERNBERG, 1979, p. 199, tradução nossa).

Assim, concluímos que a droga usada por Pink antes dos *shows* realça os seus aspectos onipotentes e grandiosos, funcionando como uma válvula de escape, que lhe permite extravasar parte do ódio que sente pela perda do pai. Ele consegue, assim, um certo equilíbrio psíquico que, mesmo frágil, lhe permite manter algum contato com a realidade (casar, compor músicas, fazer *shows*, etc.). A letra da música nos fala de um “disfarce” (que poderíamos associar ao “falso *self*” postulado por Donald Winnicott): sob a pele de um astro do *rock*, que é como ele se mostra ao mundo, se esconde o verdadeiro Pink, que nos será apresentado na música seguinte.

Ao final da música *In the Flesh?*, vemos o pai de Pink sendo morto por um bombardeiro alemão; na cena seguinte, aparece a mãe de Pink cochilando no jardim de casa, enquanto Pink descansa dentro de um carinho de bebê. A cena remete à tragédia que se abateu sobre a família, sem que eles pudessem perceber, naquele momento, o que estava acontecendo.

O início de *The Thin Ice* (O gelo fino) mostra um contraste entre a letra e o ritmo de uma canção de ninar e as fortes cenas de soldados feridos no campo de batalha; em seguida, somos apresentados ao mundo interno de Pink, em frágil equilíbrio frente à constante ameaça de colapso (“Não fique

surpreso quando uma rachadura no gelo / Aparecer debaixo de seus pés / Você desliza para a profundidade e fica fora de si / Com seu medo fluindo atrás de você / Enquanto você arranha o gelo fino”). As cenas do pai morto se alternam com um Pink em desespero dentro de uma piscina cheia de sangue: é assim, só e desamparado, que Pink realmente se sente (o “*self* verdadeiro”, segundo Winnicott, que é protegido do mundo exterior pelo “falso *self*”). A referência à depressão pós-parto da mãe (*baby blue*) apresenta mais um fator que só viria a reforçar esse desamparo.

Podemos entender, portanto, esse início do filme como uma primeira apresentação ao espectador da questão que acompanhará Pink por toda a vida, influenciando enormemente o seu desenvolvimento psíquico: a perda de seu pai, que lhe causa, desde criança, muita tristeza e muito ódio.

Another Brick in the Wall

– Part I: uma infância melancólica

A perda do pai quando Pink ainda era um bebê irá marcá-lo profundamente por toda a vida: na música *Another Brick in the Wall – Part I* (Outro Tijolo no Muro - Parte I), vemos Pink criança, sem entender o que exatamente ocorrera com o pai, que conhece apenas por “uma foto no álbum de família”. Pink pergunta com raiva: “Papai, o que você deixou para mim?” A falta de uma figura paterna fica patente na cena do parque, quando ele observa as outras crianças brincando com seus pais e tenta se aproximar de um senhor que, ao final, o afasta. Sentado no balanço, sem ninguém para empurrá-lo, Pink é a própria expressão do abandono, da solidão e da melancolia.

Uma pergunta se coloca: Onde está a mãe? Por que ela não está ali no parque brincando com ele? Aliás, embora cuide de Pink (chamando um médico quando ele está doente, por exemplo), em nenhum momento do filme a mãe aparece demonstrando afeto pelo filho — o que nos remete ao *handling*

(cuidados básicos: higiene, etc.) sem *holding* (sustentação, que inclui o toque e o olhar afetivos), que ocorre com algumas mães no trato com seus filhos, segundo Winnicott. Podemos supor, inclusive, que a mãe nunca lhe falou nada sobre a morte do pai, não percebendo o quanto essa conversa poderia ajudar a mitigar o sofrimento de Pink. É possível que ela não tivesse condições de tocar nesse assunto, devido à sua própria dor com a trágica perda do marido; Pink, enquanto isso, sofre sozinho e começa a construção do seu “muro” psíquico.

Concluimos, portanto, que a perda do pai deixa em Pink, desde muito cedo, a marca da melancolia. É como se a sombra do objeto perdido (o pai de Pink) recaísse sobre o seu ego — conforme a célebre frase de Freud no artigo *Luto e melancolia* ([1917]1975). A Segunda Guerra Mundial passa a ser uma obsessão: Pink adulto ficará boa parte do tempo vendo velhos filmes de guerra na TV, numa repetida tentativa de lidar com o trauma da perda do pai — como na brincadeira do *Fort-Da* observada por Sigmund Freud ou no brincar infantil estudado por Melanie Klein.

Para Freud, há na melancolia uma regressão da catexia objetual para a fase oral narcísica da libido. Em termos kleinianos, isso corresponderia a uma regressão à posição esquizoparanoide. A principal defesa utilizada pelo bebê contra a ansiedade na posição esquizoparanoide, definida por Melanie Klein em 1946, no artigo *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides* ([1946]1985), é a identificação projetiva, fantasia onipotente através da qual o bebê projeta partes do *self* e objetos internos em um objeto externo, que passa a possuir e controlar. Por um lado, a projeção das partes más do *self* e objetos internos maus tenta evitar que os objetos internos bons sejam danificados por essas partes e objetos maus; por outro lado, contudo, na identificação projetiva “excessiva” ocorre um empobrecimento do ego, devido às partes que foram projetadas e que poderão ficar perdidas no objeto externo. Partes boas e

objetos bons também podem ser projetados: “a projeção de sentimentos bons e de partes boas do *self* para dentro da mãe é essencial para habilitar o bebê a desenvolver boas relações de objeto e para integrar o seu ego” (KLEIN, [1946]1985, p. 28).

De acordo com Wilfred Bion ([1959]1988, p. 95, grifo nosso), “existe um grau *normal* de identificação projetiva” associado à vivência da posição esquizoparanoide pelo bebê. Essa identificação projetiva “normal” (que ele também chama de “realista”) funciona como uma forma de comunicação não verbal entre o bebê e sua mãe, estando na base do desenvolvimento futuro desse tipo de comunicação entre adultos (p. ex., na empatia).

Podemos pensar na projeção do ódio sobre a plateia nos *shows* de *rock*, referida anteriormente, como uma forma de identificação projetiva excessiva, relacionada a um certo tipo de manifestação artística de baixa qualidade — uma “arte má”, segundo o termo utilizado por Donald Meltzer (em contraposição a uma “arte boa” fundamentada na identificação projetiva normal). Na mesma linha de pensamento, Castellà e Farré descrevem a “arte comercial” ou “arte de massas” (que supomos ser o caso de Pink) da seguinte forma:

A arte de massas [...] é projetada intencionalmente para opções que prometem uma acessibilidade sem esforço, ao menor contato, para um maior número de público não instruído. A criação se aproxima da banalidade; no jargão psicanalítico, talvez não seja excessivo dizer que se trata de fomentar a confusão e/ou equiparação entre produção de fezes e gestação de bebês (CASTELLÀ; FARRÉ, 2007, p. 24, tradução nossa).

Cumpramos agora apresentar outros dois conceitos psicanalíticos que consideramos importantes para o entendimento do caso de Pink: os conceitos de parte psicótica e parte não psicótica da personalidade. Segundo Melanie Klein, embora as posições esquizoparanoide e depressiva “surjam primeira-

mente durante os estágios mais iniciais, não se restringem a eles, mas ocorrem e recorrem durante os primeiros anos de infância e, em certas circunstâncias, posteriormente na vida” (KLEIN, [1952]1985, p. 118).

Wilfred Bion irá ampliar essa ideia, postulando a existência de uma interação dinâmica permanente entre a posição esquizoparanoide e a posição depressiva ao longo da vida (apresentada na equação PS ↔ D), que determina o uso sadio ou patológico do pensamento em cada momento. A partir de sua experiência no tratamento de pacientes psicóticos, esse autor descreve em 1957, no artigo *Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica* (BION [1957] 1988), a existência de uma parte psicótica e outra parte não psicótica da personalidade do paciente esquizofrênico. A ideia, na verdade, já está presente em Freud, nos textos inacabados *A divisão do ego no processo de defesa* e *Esboço de psicanálise*, ambos de 1938 (FREUD, [1938a;1938b]1975). No capítulo VIII deste último, Freud afirma que, no caso dos pacientes psicóticos, “em algum canto da mente (como o dizem) havia uma pessoa normal escondida, a qual, como um espectador desligado, olhava o tumulto da doença passar por ele” (FREUD [1938b]1975, p. 231).

Voltando à conceituação de Bion, na parte psicótica da personalidade, a cisão e a identificação projetiva são utilizadas de forma excessiva, o que pode provocar estados confusionais no paciente. Ao postular a existência de partes não psicóticas da personalidade nos pacientes psicóticos, o autor acredita ser possível que o ego do psicótico estabeleça contato com a realidade. Nesses pacientes, no entanto, a parte não psicótica fica obscurecida pela parte psicótica.

No final do artigo de 1957, Bion afirma crer que, no paciente com neurose grave, “exista uma personalidade psicótica, escondida pela neurose — assim como no psicótico, a personalidade neurótica é ocultada pela psicose —, e que tem de ser revelada e traba-

lhada” (BION, [1957]1988, p. 61). Da mesma forma, Freud já postulava em 1938 a extensão da “aplicação da ideia de uma divisão de ego, para além dos casos de fetichismo e das psicoses, às *neuroses em geral*” (STRACHEY, [1969]1975, p. 308, grifo nosso). Unindo essas últimas ideias à da interação dinâmica PS ↔ D, podemos concluir pela ocorrência de uma cisão do ego em qualquer pessoa (neurótica ou psicótica) em uma parte psicótica (que funciona sob a lógica da posição esquizoparanoide) e outra parte não psicótica (que funciona sob a lógica da posição depressiva). Aplicando esse modelo a Pink, podemos considerar que o seu caminho rumo à psicose final se dá pelo reforço gradativo, ao longo dos anos, da parte psicótica de sua personalidade, em detrimento da parte não psicótica.

Mother: a sexualidade de Pink

A música *Mother* (Mãe) nos remete à questão da sexualidade de Pink. A letra é formada por um diálogo entre Pink e sua mãe, mostrando a força da *imago* materna na constituição da sexualidade de Pink. As cenas do filme alternam um Pink pré-adolescente descobrindo a sexualidade (olhando a vizinha trocar de roupa, dançando com uma moça no baile) e um Pink adulto em sua relação com a esposa. São bastante explícitas as referências tanto ao complexo de Édipo (especialmente na cena em que Pink abre a porta do quarto da mãe e vê um esqueleto — o pai morto — deitado ao lado dela) quanto à angústia de castração (“Mãe, você acha que eles vão tentar me castrar?”). A mãe de Pink (pelo menos, como ele a internalizou) se apresenta como controladora, invasiva e onipotente (“Mamãe te deixará aqui mesmo / Debaixo da asa dela / Ela não te deixará voar, mas ela pode deixar você cantar”, “Mamãe irá conferir todas as suas namoradas para você / Mamãe não deixará qualquer vadia passar / Mamãe te esperará acordada até você chegar / Mamãe sempre descobrirá onde você esteve”), projetando em Pink seus próprios medos e preo-

cupações para melhor controlá-lo (“Mamãe vai fazer todos os seus pesadelos se tornarem realidade / Mamãe colocará todos os medos dela dentro de você”), mantendo-o numa posição infantilizada (“Mamãe manterá o bebê confortável e quentinho”, “Mamãe manterá o bebê saudável e limpo”, “Você sempre será um bebê para mim”).

As marcas da relação com a mãe ficarão gravadas em Pink, impedindo-o de alcançar uma resolução adequada do conflito edípico. Isso faz com que a relação posterior com a esposa ocorra num descompasso, em que ele não lhe dá atenção quando ela o procura e quer se aproximar dela quando ela já está dormindo. É interessante notar que, na vida real, Roger Waters declara que tinha problemas de comunicação com sua esposa na época, Caroline (agora ex-esposa): ele se esquivava dela e se isolava, enquanto ela se esforçava por fazê-lo se abrir e se comunicar com ela (URICK, 2011).

Na verdade, Pink não vê a esposa como uma mulher, mas como uma figura materna substituta. Podemos pensar aqui na “pseudolatência” postulada por Bergeret, em que a relação de objeto se caracteriza pela dependência anaclítica (de apoio) — Pink precisa que a esposa o entenda e o acolha (como uma mãe faria com seu filho) e teme que ela não possa cumprir essa função (“Mamãe, você acha que ela é boa o bastante pra mim? / Mamãe, você acha que ela é perigosa pra mim? / Mamãe, ela irá dilacerar o seu garotinho? / Ooh aah, Mamãe, ela irá partir meu coração?”). A mãe afirma que vai ajudar Pink a construir o seu “muro” de proteção contra os perigos do mundo; ao final, contudo, ele pergunta: “Mamãe, precisava ser tão alto?”.

No momento em que Pink viaja para uma turnê de *shows* nos Estados Unidos, a cena já está montada para a traição da esposa, que ficou na Inglaterra. Ele telefona várias vezes para casa, sem conseguir falar com a esposa. Quando finalmente alguém atende, é um homem que está do outro lado da linha...

O equilíbrio psíquico de Pink está assentado em bases muito frágeis e instáveis: trata-se de uma organização provisória característica dos estados limítrofes, como apresentado por Bergeret. Assim, podemos supor que a traição da esposa atua como um segundo trauma psíquico desorganizador que destrutura o frágil equilíbrio psíquico de Pink, lançando-o na direção da psicose. Mas ele ainda consegue utilizar uma última defesa, que tanto lhe custou para ser construída e lhe foi útil tantas vezes: o “muro”.

Another Brick in the Wall

– Part III, Goodbye Cruel World e Is There Anybody Out There?:

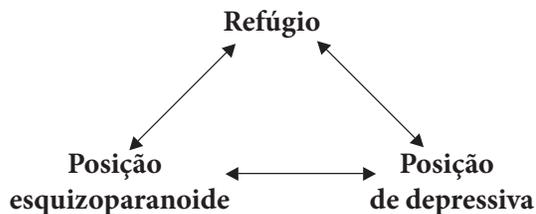
escondendo-se no refúgio psíquico

A questão da natureza do “muro” psíquico construído por Pink é controversa e sujeita a diversas interpretações. Neste trabalho, para entender o “muro”, optamos por utilizar o conceito de refúgio psíquico desenvolvido pelo pós-kleiniano John Steiner.

Esse autor, a partir da sua experiência clínica, verificou que determinados pacientes se afastavam do contato com o analista, apresentando um retraimento temporário para uma área mental particular, na qual podiam se proteger das ansiedades e do sofrimento. Nas palavras de Steiner, esses pacientes “se retraem por detrás de um poderoso sistema de defesas, que funciona como uma armadura protetora ou esconderijo” (STEINER, 1997, p. 17). Essa armadura protetora ou esconderijo constitui o que Steiner chama de “refúgio psíquico”, um estado mental particular que permite ao paciente se proteger das ansiedades e do sofrimento, um lugar onde ele pode se esconder e de onde poderá, por vezes, emergir “com grande cautela, feito um caramujo saindo da concha, retraindo-se novamente caso o contato provoque sofrimento ou ansiedade” (STEINER, 1997, p. 17).

Steiner define o refúgio psíquico como um espaço mental, uma área de segurança onde o paciente pode permanecer estagnado, isolado e retraído, longe do alcance do con-

tato com as pessoas e com a realidade. O refúgio psíquico também pode ser visto como uma terceira posição (no sentido kleiniano), situada entre as posições esquizoparanoide e depressiva, para onde o paciente pode escapar tanto das ansiedades persecutórias como das depressivas, como demonstrado na figura a seguir (elaborado pelo autor com base em Steiner (1997, p. 46):



No caso de Pink, podemos supor que o “muro” construído ao longo de sua vida não é nada menos que um refúgio psíquico, para o qual ele pode fugir temporariamente para escapar das ansiedades com que se depara no mundo real. O uso desse refúgio é cada vez mais intensificado, até se tornar quase permanente (no seu momento de maior isolamento psíquico).

Nas músicas *Another Brick in the Wall - Part III* (Outro Tijolo no Muro - Parte III) e *Goodbye Cruel World* (Adeus, mundo cruel), Pink repassa mentalmente toda a sua vida (ou os conteúdos do seu mundo interno): a morte do pai, *shows* de rock, casamento, cenas da infância, a traição da esposa, etc.; ele sente que o mundo externo lhe é totalmente hostil e decide abandoná-lo definitivamente. Se até agora o “muro” que construiu era utilizado como um refúgio psíquico provisório, que lhe permitia um alívio temporário das ansiedades trazidas pelo contato com a realidade, agora ele serviria como um refúgio definitivo. O isolamento dentro do refúgio, no entanto, como descreve Steiner, provoca uma sensação de aprisionamento. “O alívio fornecido pelo refúgio é obtido à custa de isolamento, estagnação e retraimento. Alguns pacientes consideram esse estado angustiante e queixam-se disso” (STEINER, 1997, p. 18).

Essa angústia é demonstrada na música *Is There Anybody Out There?* (Tem alguém aí do lado de fora?); no filme, Pink se joga, angustiado, contra as paredes do “muro”, como que procurando alguma saída.

***In the Flesh e Waiting for the Worms:* a reação maníaca**

Pink é encontrado semidesmaiado no quarto de hotel por uma equipe de enfermeiros, que injetam nele uma droga para reanimá-lo e o arrastam até um carro, que irá levá-lo para o *show*. Ele tem o delírio de que seu corpo está se deteriorando, e sua pele está se transformando numa massa informe. Já dentro do carro, Pink se debate em desespero e arranca a própria pele. Dentro, ele está vestido como o líder nazista que já aparecera no início do filme (em *In the Flesh?*).

O título da música *In the Flesh* (Na carne) aparece agora sem o ponto de interrogação, o que sugere uma exacerbação de um processo pelo qual Pink passava antes dos *shows*. Podemos supor que a droga agora administrada a Pink causa nele uma reação maníaca, na qual ele não apenas se vê como o líder nazista onipotente que aparece normalmente antes dos *shows*, mas também apresenta um comportamento ainda mais violento, por ter sido arrancado à força de seu refúgio psíquico.

Nas músicas *In the Flesh e Waiting for the Worms* (Esperando pelos vermes), a tônica está na violência das palavras e ações. Em *In the Flesh*, Pink se vê como um líder nazista cercado de todo um aparato de segurança, marchando para o palco. Faz uma entrada triunfal e é ovacionado pela plateia de seguidores, que o recebe com a saudação tradicional nazista (o *Heil Hitler!*) e o sinal dos martelos cruzados (que representa a suástica). Chega ao púlpito e começa o seu discurso, que vai se tornando cada vez mais inflamado, até culminar em palavras violentas contra os homossexuais, judeus, negros e viciados em drogas que estejam na plateia: eles devem ser retirados pela segurança e jogados contra o

muro para serem fuzilados. Vemos, assim, que todo o ódio sentido por Pink é projetado na plateia durante o *show*. Os negros, judeus, homossexuais, etc. (chamados de vermes na música *Waiting for the Worms*) representam os objetos maus no mundo interno de Pink, que precisam ser eliminados, para que ele possa ter o alívio de suas ansiedades persecutórias.

Em *Waiting for the Worms*, o grupo nazista encabeçado por Pink marcha pelas ruas, carregando seus estandartes com o símbolo dos martelos cruzados. É montado um palanque, sobre o qual Pink grita palavras de ordem, enquanto os moradores amedrontados fecham as janelas e cortinas de suas casas. A letra fala do isolamento de Pink atrás do “muro” enquanto aguarda a chegada dos “vermes” para eliminá-los (“Num isolamento perfeito aqui atrás do meu muro / Esperando os vermes chegarem”, “Esperando para eliminar os fracos / Esperando arrebentar suas janelas / E chutar as portas deles”). As referências ao nazismo continuam: “Esperando pela solução final”, “Esperando abrir os chuveiros / E acender os fornos”.

Em suma, podemos concluir que o ódio em relação ao pai (que ele sente, desde pequeno, seja devido ao Édipo não resolvido, seja porque sente que o pai o abandonou) faz com que Pink se veja, no seu delírio onipotente, como o líder dos alemães durante a Segunda Guerra, ou seja, identificado com os nazistas que efetivamente mataram o seu pai.

A cena termina com os “martelos cruzados” marchando pela cidade. É interessante observar que martelos são instrumentos que podem ser utilizados para quebrar e esmagar coisas, talvez o próprio “muro”...

The Trial: mergulhando na psicose

O efeito da droga passa, e a culpa melancólica aparece novamente, fazendo Pink acusar a si mesmo por todos os seus problemas. Começa então o julgamento, que ocorre inteiramente no mundo interno de Pink. Em *The Trial* (O julgamento), o promotor (representante do superego) inicia seu discurso apresentando a acusação de que Pink demonstrou “sentimentos de uma natureza quase humana”. O juiz é o “Honorável verme” (lembramos que os objetos maus internos, atacados em *Waiting for the Worms*, eram chamados de vermes, ou seja, as vítimas agora se transformam em juiz). Pink surge como um boneco inerte, sem expressão (o mesmo rosto dos alunos padronizados da escola, que aparece na música *Another Brick in the Wall - Part II* e em várias outras vezes no filme). As testemunhas desfilam em sequência:

■ Primeiro, o professor, apresentado anteriormente no filme como um sádico que desconta nos alunos, por meio da punição corporal (p. ex., palmatória) ou moral (p. ex., escárnio, exposição à zombaria dos colegas), o ódio que sente de sua esposa controladora, aparece agora como um fantoche controlado pela mulher, que se transforma num martelo que quer esmagá-lo;

■ Depois, a esposa de Pink, que surge como uma serpente e se transforma num grande escorpião que o pica;

■ Finalmente, a mãe, na forma de um grande órgão genital feminino que o engole (como que o trazendo de volta ao útero), assumindo em seguida a forma humana e o ninando como a um bebê, transformando-se enfim em um muro em torno dele.

Entre uma acusação e outra, Pink chama a si mesmo de louco e flutua no espaço. Podemos concluir que sua angústia, agora, não é mais de perda do objeto, característica dos estados limítrofes, mas de cair num vazio e se fragmentar, típica da psicose.

No final, o “honorável verme” se transforma em um gigantesco traseiro humano, que pronuncia o julgamento, afirmando que o caso de Pink lhe causou “um desejo urgente de defecar”. O muro se fecha em torno de Pink, formando uma latrina, enquanto o juiz pronuncia a sentença: “Derrubem o muro!”. E expele uma grande quantidade de excrementos (fezes) sobre Pink. Os excrementos se confundem com uma série de cenas da

vida de Pink, que aparecem em sequência, enquanto se ouve ao fundo o coro repetindo: “Derrubem o muro!”. A referência ao ânus e às fezes nos faz lembrar que a “arte má” definida por Meltzer pode ser representada como uma projeção de excrementos sobre os espectadores (pela identificação projetiva “excessiva”) — assim, devido à culpa, poderíamos pensar no “retorno” desses excrementos sobre Pink.

Na cena seguinte, aparece o “muro”; após trinta segundos de uma expectativa angustiante, o espectador do filme finalmente vê o “muro” explodir. Concluímos que, derrubada a última defesa (o refúgio psíquico), se instaura a psicose.

Conclusão

A história de Pink, contrariando uma certa visão estruturalista da psicanálise, nos mostra o que chamaríamos de um processo de “psicotização”, a partir de uma vida psíquica estruturada em bases frágeis e da confluência de fatores internos e externos que terminaram por romper o equilíbrio psíquico.

Nos dias atuais, muitos dos mecanismos psíquicos vistos aqui aparecem cada vez mais nos consultórios psicanalíticos, em diferentes pessoas (sejam neuróticas, sejam psicóticas) e em graus variados. Na música *What Shall We Do Now?* (O que faremos agora?), p. ex., Pink se pergunta: “O que devemos fazer para preencher os espaços vazios?”; ou seja, como preencher o buraco que ele sente dentro de si? A letra enumera uma série de saídas possíveis: consumismo, trabalho excessivo, acúmulo de dinheiro, violência, uso de drogas e/ou medicamentos psiquiátricos, etc. Independentemente do problema específico de Pink, chama-nos a atenção que essas saídas, especialmente nos dias de hoje, são utilizadas por muitas pessoas (consideradas normais) para fazer frente ao que Freud chama de “mal-estar da civilização”.

Enfim, a história de Pink poderia ser interpretada de maneiras diferentes pelos partidários de escolas psicanalíticas diferentes:

em muitos casos, de forma bastante diversa da que expusemos neste trabalho. Para além das divergências teóricas, contudo, entendemos que o mais importante é estarmos abertos à discussão desses casos desafiadores e difíceis, cada vez mais presentes em nossos consultórios.

Abstract

In this paper, we analyze Pink, main character of the movie “Pink Floyd – The Wall”, from the psychoanalytic viewpoint. Comments are made about some of the songs that make up the movie, describing what happens in Pink’s internal world and the path taken by him towards psychosis. Throughout the paper, we present some psychoanalytic concepts considered important for understanding the case.

Keywords: *Melancholia, Borderline conditions, Psychic retreats, Projective identification, Psychotic and non-psychotic parts of personality.*

Referências

- ABRAHAM, K. Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais (1924). In: _____. *Teoria psicanalítica da libido*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- BERGERET, J. *Personalidade normal e patológica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- BERGERET, J. BÉCACHE, A.; BOULANGER, J.-J.; CHARTIER, J.-P.; DUBOR, P.; HOUSER, M.; LUSTIN, J.-J. *Psicopatologia: teoria e clínica*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BION, W. R. Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica (1957). In: _____. *Estudos psicanalíticos revisados (Second Thoughts)*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- BION, W. R. Ataques ao elo de ligação (1959). In: _____. *Estudos psicanalíticos revisados (Second Thoughts)*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

CASTELLÀ, R.; FARRÉ, L. Arte, ética y psicoanálisis: del legado de Freud a los desarrollos postkleinianos. *Intercanvis, Papeles de Psicoanálisis*, n. 19, nov. 2007. Disponível em: <www.intercanvis.es/pdf/19/19-02.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2011.

CICCONE, A.; LHOPITAL, M. *Naissance à la vie psychique*. Paris: Dunod, 1997.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, 14).

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. Neurose e psicose (1924 [1923]). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. A divisão do ego no processo de defesa (1940 [1938a]). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

FREUD, S. Esboço de psicanálise (1940 [1938b]). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

GRINBERG, L. *Teoría de la identificación*. Buenos Aires: Paidós, 1976.

GRINBERG, L.; SOR, D.; BIANCHEDI, E. T. de. *Nueva introducción a las ideas de Bion*. Madrid: Tecnipublicaciones, 1991.

HEGENBERG, M. *Borderline*. Coleção Clínica Psicanalítica, v. 4. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

HINSHELWOOD, R. D. *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

KERNBERG, O. F. *Desórdenes fronterizos y narcisismo patológico*. Buenos Aires: Paidós, 1979.

KLEIN, M. Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos (1934). In: _____. *Contribuições à psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

KLEIN, M. Luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos (1940). In: _____. *Contribuições à psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides (1946). In: _____. *Inveja e gratidão e outros trabalhos: 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

KLEIN, M. Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê (1952). In: _____. *Inveja e gratidão e outros trabalhos: 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

MELTZER, D. Les concepts d' "Identification Projective" (Klein) et de "Contenant-Contenu" (Bion) en relation avec la situation analytique. *Revue Française de Psychanalyse*. t. XLVIII, n. 2, mar./abr./1984, p. 541-550.

PINK FLOYD. *The Wall*. Direção: Alan Parker. Produção: Alan Marshall. Roteiro: Roger Waters. Manaus: Sonopress, 1999. 1 DVD (95 min), NTSC, son., color.

ROSENFELD, D. *O psicótico: aspectos da personalidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SEDEU, N. G. G. *O refúgio psíquico de uma criança*. Monografia de conclusão do Curso de Formação em Psicanálise do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção RJ. Rio de Janeiro: CBP-RJ, 2008.

STEINER, J. *Refúgios psíquicos: organizações patológicas em pacientes psicóticos, neuróticos e fronteiricos*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

STRACHEY, J. Nota do editor inglês ao artigo "A divisão do ego no processo de defesa" (1969). In: FREUD, S. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

URICK, B. *Pink Floyd's the wall: a complete analysis*. Disponível em: <<http://www.thewallanalysis.com>>. Acesso em: 13 ago. 2011.

WIKIPEDIA. *Pink Floyd - the wall*. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

WINNICOTT, D. W. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self* (1960). In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

RECEBIDO: 15/03/2013

APROVADO: 15/04/2013

SOBRE O AUTOR

Ricardo de Lima Sedeu

Bacharel em Ciências Econômicas pela UFRJ.
Analista-Tributário da Receita Federal do Brasil (RFB). Psicanalista e Membro Efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).

Endereço para correspondência:

Rua Almirante Tamandaré, 66/643 - Catete
22210-060 – Rio de Janeiro/RJ
E-mail: sedeu@yahoo.com

Nas avenidas da linguagem

In the avenues of language

Ricardo Azevedo Barreto

Resumo

O autor pretende pensar sobre a possibilidade do sujeito singular no mundo atual. Há a percepção de que o processo civilizatório é complexo, envolvendo equilíbrio. Enfrentar os desafios de legitimar os modos de existência diferenciados na contemporaneidade sustenta-se, à guisa de exemplo, na criatividade da travessia analítica na linguagem.

Palavras-chave: Sujeito, Diferença, Civilização, Linguagem, Psicanálise.

Quando era criança, escrevi uma redação intitulada *João com duas cabeças*. Não sei o que me influenciou... Contos escutados? Fatos reais? Intuição da dualidade humana? Busca de integração de minhas experiências psíquicas infantis? De modo geral, era a história de um bebê com duas cabeças: uma “boa” e uma “má”. No enredo da trama, decidiu-se abolir a diferença de João, extirpando-lhe uma cabeça. Mas qual? A supostamente “má”. Como tal ato médico lhe custaria a vida, as pessoas de sua comunidade desenvolveram compaixão pelo bebê. Passaram a nutrir o sentimento de se colocar no lugar do outro. Desse modo, João foi aceito em sua singularidade.

Resgato, no novelo de palavras que se desenrola, tal experiência infantil. Minha intenção é pensar sobre a possibilidade do sujeito diferenciado no mundo atual de tendências narcísicas globalizantes. É como se as subjetividades não pudessem mais ser constituídas em suas diferenças significativas na contemporaneidade. Quem pensa ou age na contramão da maioria, tendo, portanto, um potencial transformador diante da mesmice social, sofre para legitimar sua singularidade, seja ela qual for.

A cobrança pela inserção no mundo tecnológico de alta sofisticação é um exemplo. Não se tem mais direito (ou se acredita que não o tem) ao lazer sem as multimídias. Não

se tem mais direito (ou se acredita que não o tem) ao tédio, à introspecção, à reflexão, à análise, à construção de um modo de existência singular. O modelo de beleza estereotipado e perseguido pelos adolescentes como ideal do *Eu* também ilustra a mesma questão. A libido fica investida em “ser” como “se idealiza que deve ser”, e tal objetivação do humano apresenta implicações biopsicossociais cada vez mais perceptíveis nos consultórios de profissionais de saúde. É a coisificação ou desumanização do mundo, e as pessoas perdem o encantamento pela existência, a força vital, tão importante para o sistema imunológico e a autenticidade das vidas humanas.

A busca da verdade e do saber, por outro lado, apresenta desdobramentos múltiplos: nas ciências, nas ideologias, no autoconhecimento... Alguns defendem animallescamente, “com unhas e dentes”, o que acreditam, desejando a transformação do diferente em igual. Afinal, o indivíduo é supostamente aquele que “não se divide”, “indiviso”, “uno”. Não tolera, em tal imagem de si, o contato com o outro, a diferença, o inconsciente. Pode, inclusive, chegar a se reconhecer ilusoriamente “consciente e livre” para tomar *suas* decisões nas sociedades individualistas, sobretudo se tiver feito “análise”, o que exhibe com orgulho do investimento libidinal realizado: “Agora eu sei quem *Eu* sou”. Sabe mesmo?

A pessoa, ao neutralizar a amplitude do campo subjetivo, não percebe a alienação presente em tal pensamento que busca costurar as fendas, os buracos, as dúvidas e negar o que não se sabe, o outro da razão, o inconsciente. Em algumas situações, porém, vivencia o desespero da dispersão existencial: a pessoa se sente não apenas dividida, o que a assusta e lhe causa estranhamento no reconhecimento habitual de si, mas até pode se experimentar fragmentada psicoticamente, “aos pedaços”, ou em um vazio existencial, como é muito comum nos nossos tempos. Sente-se *abandonada no deserto*.

Numa linguagem winnicottiana, pode-se pensar, em alguns momentos, no massacre do *verdadeiro self* em um ambiente insuficientemente bom nos dias atuais. A ambiência não é de *holding* em tais situações. É pouco amorosa e com inexistência de ludicidade, alegria, assim como inundada por estímulos e obrigações que deixam o ser insatisfeito e desiludido. A palavra de ordem é reagir, e não existir. Não há espaço para a expressão das potencialidades, do ser criativo. Winnicott (1975, p. 80) mencionou: “É no brincar, e somente no brincar, que [...] criança ou adulto pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral...”.

A noção de inconsciente aparece antes de Freud, mas foi com Freud que surgiu a concepção de um inconsciente que retirou o homem do lugar central do mundo: ele deixa de ser senhor absoluto em sua própria casa e passa a padecer dessa ferida em seu narcisismo... (GIACOMELLI, 2011, p. 21-22)

A ideia de inconsciente abriga a noção de divisibilidade do sujeito em psicanálise. Por outro lado, para haver lugar ampliado de escuta do sujeito que desconhece dimensões de si e se diferencia movido pela falta no mundo atual, é importante que ocorram mudanças amplas nas organizações sociais e nos planos político, econômico, cultural, psicológico, entre outros, da existência. Falar de

autenticidade, de modos de existir singulares, de subjetividades únicas com estilos de vida próprios, é romper com o que se repete e se depara com a alienação subjetiva nas tendências globalizantes e, portanto, é uma resistência nas configurações de força do cenário atual, o que é de valor fundamental, a meu ver, para a sustentabilidade da vida humana.

Giacomelli (2011, p. 21) teceu referência ao sujeito em psicanálise:

O que significa sujeito em psicanálise? Quando falamos em sujeito em psicanálise, referimo-nos àquele que é movido pela angústia inevitável do conflito: sujeito dividido, que desconhece uma dimensão de si mesmo. Esse sujeito, sujeito do inconsciente, é permanentemente faltoso, desejante e singular.

João apresentou a sua diferença, a sua singularidade ao nascer. O agrupamento social desejou exterminá-la, ratificando o amor ao idêntico e o ódio ao diferente, comuns nas sociedades narcísicas. João também desvelou a dualidade humana. Ter “duas cabeças” pode ser compreendido simbolicamente como uma divisão psíquica. Na história, uma cabeça era “boa”, e a outra era “má”. Entretanto, o que são bem e mal? A reflexão pode levar a falar dos duelos entre amor e ódio, paz e guerra, pulsões de vida e morte, experimentados nos níveis pessoal, familiar e dos grupos sociais humanos.

A partir de Kristeva (2002), em uma perspectiva kleiniana, pode-se pensar na posição esquizoparanoide, em que há a divisão entre bom e ruim nas relações de objeto, e na posição depressiva, mais madura, em que ocorre a noção de objeto total (bom e mau ao mesmo tempo). De acordo com Klein, sabe-se que há uma constelação de angústias, defesas e formas de relação para cada uma dessas posições intercambiáveis na dinâmica psíquica.

Segundo a psicanálise kleiniana, seja salientado que:

Os passos decisivos na elaboração da posição depressiva são dados na segunda metade do primeiro ano de vida, quando se estabelece o objeto completo, que é a precondição para o desenvolvimento normal e a capacidade de amar. Desde o surgimento do conceito de posição depressiva, Klein manteve inalterada sua opinião de que essa é a posição principal do desenvolvimento da criança. Se ela não for superada, isto é, se o ego nega as angústias depressivas e o amor pelo objeto, há permanente sufocação do amor, abandono dos objetos primários e aumento das angústias persecutórias... (SIMON, 1986, p. 77-78).

No início, o que se queria era coisificar João, arrancando-lhe a suposta “cabeça má”. Aos poucos, houve a percepção de que tal ato médico seria o assassinato de João, ou seja, o extermínio de sua subjetividade. João foi aceito em sua *diferença e ambivalência*. Passou-se, com tal movimento subjetivante, de um funcionamento esquizoparanoide para uma dinâmica depressiva e reparatória dos danos planejados a João, como sujeito singular.

Percebe-se que, na psicanálise, a dualidade não se refere apenas às noções de bom e mau. Debate-se também sobre uma divisão psíquica entre consciente e inconsciente. A existência do ser humano, por conseguinte, não é idêntica ao que dela reconhece. Por outro lado, para explicar o conflito humano, além da dualidade e da ambivalência, existem os modelos psicanalíticos tripartites, como o de id, ego e superego. Um “José de três cabeças?” Contudo, será que as visões de dois em um ou aquelas tripartites (inconsciente, pré-consciente e consciente; id, ego e superego) dão conta da multiplicidade do campo subjetivo humano?

Falar de subjetividade é algo complexo. Brincando com as palavras, é reconhecer que João, José e Maria podem ter mais de “três cabeças” em conflito, ou seja, a divisão psicológica pode ser maior do que comumente se pensa, isto é, o ser humano desconhecer mais de si do que considera. Perigos são da

dispersão como em uma fragmentação psicótica ou nas “múltiplas personalidades”, entre outros exemplos.

Pensar a polifonia como condição de divisão no discurso e como abertura à possibilidade de escutar o modo de organização da fala, na clínica psicanalítica, é poder prescindir de uma imagem tão poderosa como a dessa divisão de três em um... (GUIRADO, 2000, p. 66).

Sabe-se que existem particularidades no tecido epistemológico da psicanálise acerca dos modos de pensar a alteridade de acordo com seus autores e paradigmas, mas não iremos adentrar esses meandros neste texto. Numa perspectiva psicanalítica específica, pode-se dizer que várias vozes constituem o sujeito.

Para Lacan, *o inconsciente é estruturado como linguagem; o inconsciente é o discurso dos outros*. Desse modo, é a partir dos outros que se constitui o sujeito na linguagem. Como já explicava Freud em *Psicologia de grupo e a análise do ego* ([1921]1980), comumente a psicologia individual é também social, referindo-se às relações que ocorrem do indivíduo com os outros e considerando que o outro se faz presente na vida psíquica individual.

Com base na psicanálise inglesa, pode-se compreender que a mente é povoada por objetos. A alteridade é constitutiva de João, José, Maria ou de qualquer um de nós. A possibilidade do sujeito singular no mundo atual se esvai, quando se busca rarear os processos de subjetivação e diferenciação pela coisificação do humano (“No fundo, somos todos iguais”). Isto é: os seres humanos são submetidos à massificação neoliberal des-subjetivante?

O processo civilizatório é complexo: envolve várias equilibrações. Segundo Freud ([1930]1980), o preço da civilização é uma dose de mal-estar no existir humano. Sendo assim, pode-se entender que a pulsão fica insatisfeita, o que pode apresentar vários des-

dobramentos, como o adoecimento e a sublimação.

Por outro lado, a relação falta-desejo pode apontar para um movimento interminável dos processos de subjetivação, de constituição de sujeitos diferentes. O sentimento de carência também pode ser capturado por múltiplas dinâmicas de alienação sociopsicológica. Por exemplo, “*Eu conheço a mim mesmo e sou o que mostra o espelho*” pode ser compreendido como um engodo, um efeito imaginário. Sou *outro*, a alteridade, do que reconheço racionalmente ou, ainda, me defronto com outros em mim mesmo a cada mobilização subjetiva.

O processo civilizatório é um desafio. Por meio de normatizações e normalizações, pode ser brutal, um assassinato do sujeito desejante singular. Por outro lado, negar a importância das leis e dos limites é *falta de bom senso*. Uma questão importante é criar vínculos sociais civilizatórios que não levem o sujeito à coisificação, mas permitam ao ser humano possibilidades de amar, trabalhar, criar e desenvolver o altruísmo, a generosidade, a gratidão.

A compaixão e a empatia por “João com duas cabeças” das pessoas de sua comunidade foi o que o fez sobreviver como sujeito diferenciado e singular. Isso é um desafio para o mundo contemporâneo e seus atos desumanizantes. Muitas vezes, não se sabe mais desenvolver um relacionamento com empatia na atualidade. Não se sabe mais educar uma criança. Não se sabe mais resolver um problema cotidiano. Não são encontrados, muitas vezes, os “outros internalizados” por meio de processos de subjetivação: ensinamentos dos avós, pais, etc. Busca-se a *receita pronta fora do sujeito*, e que ela possa ser replicável.

Vencer o abuso do narcisismo é um dilema de nossos tempos. É apostar que os sujeitos singulares podem transformar as ideias e práticas sociais vigentes. Para a psicanálise, é importante pensar sobre “nós” nas vinculações sociais. O psicanalista tem um lugar

privilegiado de escutar os desfiladeiros da alma humana, e *não julgar*. Desse modo, o psicanalista humaniza os modos de existir, tão coisificados no cenário atual.

A análise, sem que seja um dispositivo de mera adaptação social, trabalha potencializando os processos de subjetivação para que, nos encontros analíticos, se desenvolva a autenticidade do analisando. Sendo assim, é para cada ser humano uma travessia singular e uma chance de sobrevivência do sujeito diferenciado no mundo atual.

É importante ressaltar ainda que, conforme Eizirik e Hauck (2008), a psicanálise tem como objetivo expandir a capacidade intrapsíquica, aumentando o conhecimento que se tem sobre si mesmo e das possibilidades de escolher.

A análise pode ser um encontro com os outros de si mesmo, rompendo com a lógica cartesiana. Entretanto, poucos querem analisar a existência. Os pacientes chegam frequentemente à “análise” na liquidez da busca de apoio objetal para tolerarem o existir. A análise, nesse contexto, pode ser uma trajetória subjetivante para quem a deseja e legitima... E nos silêncios, murmúrios, verbalizações, choros, sonhos contados... o analisando vai se defrontando com outras dimensões de si. Ao analista, cabe, entre outros aspectos, fazer perguntas, incentivos mínimos, pontuações, clarificações, confrontações, interpretações... encontrar-se com os efeitos *do outro da razão*.

O processo de transformações é inerente à condição da humanidade, tal como, parece-me, está bem expresso na antiga crença budista que vê a existência humana como uma série ininterrupta de transformações mentais e físicas. É como as imagens de um filme: uma soma de imagens individuais, retratando uma série de momentos diferentes, as quais movem-se muito rapidamente que não se consegue perceber que o filme é um somatório de instantes e partes distintas [...] Da mesma forma, não é possível alguém (salvo

crianças bem pequenas e psicóticos) dizer, de forma absoluta: “Isto é meu” ou “Isto sou eu”, porquanto não existe o ser absoluto, o todo é constituído por fatores existenciais, predominantemente impessoais, que formam combinações e transformações transitórias, as quais, por sua vez, alteram as culturas e arrastam as pessoas para novas mudanças, em uma espiral sem fim (ZIMERMAN, 2004, p. 17).

Dessa forma, a multiplicidade de um ser humano se faz presente em análise: nem dois em um, como “João com duas cabeças”, nem três em um, mas muitos outros... num infundável encontro com a alteridade em si. Sendo assim, João pode se reconhecer como bom e mau, João Antônio, João Maria, João Manoel, João Bosco, São João, João Sinistro, João Bafo de Onça... numa rede de significantes e significações... E por mais que fale quem se analisa... existem lacunas, reticências, no discurso... e novas possibilidades de subjetivação, pois assim como pode ser rosa uma flor em conflito com o cravo, a cor de uma pantera, aquela de Hiroshima, o nome de uma pessoa com inicial em maiúscula (*Rosa Carla*), também pode estar rosa/Rosa no lugar de outrem, bem como no enamoramento ou no confronto com um tanque de guerra que expressa a belicosidade humana, no deslizamento do dizer pelas ondulações nas avenidas da linguagem que sustentam a criatividade da travessia analítica na qual podem se constituir, à guisa de exemplo, em um campo múltiplo de subjetivação, sujeitos singulares no mundo atual.

Abstract

The author wants to think about the possibility of the singular subject in the current world. There is the perception that the civilizing process is complex and includes sense of balance. To face the challenge which currently legitimizes the different ways of existence, for example, in the creativity of the analytical path of the language.

Keywords: *Subject, Difference, Civilization, Language, Psychoanalysis.*

Referências

EIZIRIK, C. L.; HAUCK, S. Psicanálise e psicoterapia de orientação analítica. In: CORDIOLI, A. V. *Psicoterapias: abordagens atuais*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 151-166.

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

GIACOMELLI, C. Psicanálise. In: PAYÁ, R (Org.). *Intercâmbio das psicoterapias*. São Paulo: Roca, 2011. p. 21-28.

GUIRADO, M. *A clínica psicanalítica na sombra do discurso: diálogos com aulas de Dominique Maingueneau*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

KRISTEVA, J. *O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SIMON, R. *Introdução à psicanálise: Melanie Klein*. São Paulo: EPU, 1986.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZIMERMAN, D. E. *Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RECEBIDO: 15/03/2013

APROVADO: 23/04/2013

SOBRE O AUTOR

Ricardo Azevedo Barreto

Membro do Círculo Psicanalítico de Sergipe.
Filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise.
Psicólogo pela USP. Mestre e doutor
(Área: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) pela USP. Especialista em Psicologia Hospitalar pelo CEPSIC da Divisão de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP. Teve experiência de treinamento no Butler Hospital (RI-USA). Editor da revista *Estudos de Psicanálise* do Círculo Brasileiro de Psicanálise no biênio 2008-2010 e no biênio atual. Professor titular da Universidade Tiradentes (UNIT), onde ensina nos cursos de Psicologia e Medicina.

Endereço para correspondência:

Av. Gonçalo Prado Rollemberg, 211/606 - São José
Centro de Saúde Prof. José Augusto Barreto
49010-410 - Aracaju/SE
E-mail: ricardobarreto@saolucas-se.com.br

Dos restos, a metáfora: um retorno ao “Caso Signorelli”, de Freud

Debris, the metaphor: a return to the “Where Signorelli” Freud

Rui Maia Diamantino

Resumo

Neste texto se faz uma abordagem teórica sobre os restos metonímicos, tema presente n’O *Seminário 5: As formações do inconsciente*, de Jacques Lacan. Articula-se a proposição lacaniana com o “caso” Signorelli, autorrelatado e discutido por Freud na sua obra. São abordados os lapsos da fala na análise, enfocando o aspecto enigmático do neologismo quando assume a condição de significante e de metáfora, apontando para o desejo enunciado pelo sujeito do inconsciente. Dessa forma, Signorelli, na experiência do fundador da psicanálise, revela o inconsciente e as múltiplas significações associadas ao significante, onde a angústia de castração relacionada à morte e ao gozo sexual aflora como o de maior pregnância. A experiência de Freud, extensiva aos que empreendem uma análise seja na posição de analista seja na posição de analisando, se mostra atual, pois, no “caso” Signorelli, Freud atrela a psicanálise ao significante, à língua, à linguagem, possibilitando a compreensão dos mecanismos do recalque e da resistência. Propõe-se, então, a partir dos pressupostos do ensino de Freud e de Lacan que no tropeço da fala se enuncia o desejo fugaz, que na captura dos restos metonímicos pode residir o tesouro de um significante que remete à verdade do sujeito.

Palavras-chave: Neologismo, Sujeito do inconsciente, Recalque, Análise, Psicanálise.

O tema dos neologismos e dos lapsos representa um campo teórico que tange à linguística, à psicopatologia e à psicanálise, conforme as palavras de Lacan:

É surpreendente ver que, à medida que se engalfinham com o delicado tema da afasia, isto é do déficit da fala, os neurologistas, não especialmente preparados para isso por sua disciplina, fazem progressos notáveis, dia após dia, quanto ao que se pode chamar de sua formação linguística, enquanto os psicanalistas, cuja arte e técnica repousam inteiras no uso da fala, até hoje não a levaram minimamente em conta, ainda que a referência de Freud ao campo da filologia não seja uma simples referência humanista que evidencie a sua cultura ou suas leituras, mas uma referência interna, orgânica (LACAN, 1993, p. 31).

A afirmação acima, retirada do *Seminário 5: As formações do inconsciente*, suscita questões de interesse para a clínica por se relacionar com o ato analítico, no que tange à transferência e à resistência. Ambas são faces de uma mesma moeda e ocasionadas pela tensão que se apresenta no decorrer de uma análise, qual seja, o embate com o recalque.

Sabe-se que, durante a fala do paciente, as intrusões de fragmentos ou montagens de fragmentos de palavras formando neologismos, esquecimento de nomes, aparecimento do sujeito da oração em lugar estranho à estrutura frasal, apontam para substituições de um significante recalcado. São claudicações no discurso e uma emergência do sujeito do inconsciente, pois é dessas formações do inconsciente que ele, o sujeito que deseja, se enuncia, rompendo a barra do recalque.

No texto de Freud *Esquecimento de nomes próprios* (1901), (FREUD, 1996, p. 19 a 25), tem-se uma lapidar lição sobre a falha no discurso, quando ele fica em suspensão, quando um nome próprio se eclipsa, no caso, foi *Signorelli*. Essa falha vem, então, propiciar uma série de articulações de Freud, tendo por elemento fundamental a um lapso no registro do simbólico, originado pelo recalque, que impede o retorno do recalcado representado pelo significante *Signorelli*. Tal mecanismo do inconsciente leva a uma série de deslizamentos metonímicos, ou seja, a substituições de significantes para preencher o “esquecimento”, carreando à sua memória os nomes Boticelli e Boltraffio, pintores, como *Signorelli*, de temas ligados à religiosidade.

Freud está a caminho da Bósnia-Herzegovina e conversa com um passageiro sobre viagens à Itália, não sem antes ter tocado em assuntos que ele mesmo vem a considerar como “delicados” (FREUD, 1996, p. 21, nota 1 do rodapé). Citando os costumes dos homens turcos que, nas suas consultas com os médicos, depunham neles a última palavra sobre a vida ante o inevitável da morte, Freud intenta fazer uma anedota sobre a valorização da potência sexual por parte dos turcos ante as ocorrências de distúrbios sexuais, quando, então, caíam em desespero. O contraste que Freud considera paradoxal nas duas atitudes mereceria um dito espirituoso, caso a autocensura não o levasse a considerar essa conduta como indevida, gerando um deslizamento do discurso para o tema dos afrescos da catedral de Orvieto, *As quatro últimas coisas* — a Morte, o Juízo, o Inferno e o Céu (FREUD, 1996, p. 20, nota 1 do rodapé). Muito embora a censura tenha imposto um tema artificial para escamotear o que Freud realmente queria dizer, é na referência ao autor dos afrescos de Orvieto que é mantido em suspenso o que estaria por ser desrecalcado: seus fantasmas ligados à morte e à sexualidade, temas caros e palpantes para o iniciador da psicanálise, culturalmen-

te relacionados ao conteúdo judaico-cristão da pintura evocada no diálogo.

Utilizando discurso precioso e didático, Freud, de punho próprio, interpreta seu “esquecimento” fazendo as relações e associações possíveis para apontar que, em síntese, o que fora recalcado remetia à sua angústia pessoal pela perda de um seu paciente que se suicidara por sofrer de um “distúrbio sexual incurável” (FREUD, 1996, p. 21). Freud ressalta que a condição de “Herr Doctor”, título utilizado pelos turcos no tratamento aos médicos, tinha se mostrado inócua em Trafoi, lugar do Tirol, onde residira aquele paciente.

No esquema apresentado em *O esquecimento de nomes próprios* (FREUD, 1996, p. 22), os fragmentos *traffio*, *bo*, *her* e *elli* ganham estatutos de significantes, cada qual remetendo a uma significação que permaneceu recalçada:

- elli, da palavra *Signorelli*, nome próprio esquecido em função do evitamento que o tema de *As quatro últimas coisas* suscitava em Freud: a morte;
- her, da palavra Herzegovina, que, por homofonia na língua alemã remete à palavra *Herr*, Senhor, *Signore* em italiano, evocativa da inconformação dos turcos e do paciente de Freud sob a impossibilidade do gozo sexual e a impotência do médico no estabelecimento de uma solução clínica, àquela altura difícil para a medicina e, por outra, uma problemática de importância para o médico que se tornava psicanalista;
- bo, da palavra Bósnia, lugar que Freud considerou impróprio para efetuar a sua anedota, Boltraffio e Boticelli, que substituem o pintor de Orvieto, representando o recurso da censura que sobrepõe à anedota pretendida um tema mais adequado para continuar a conversação com o desconhecido companheiro de viagem. Teria esse homem uma aparência turca?;
- traffio, da palavra Boltraffio, um quase anagrama de Trafoi, significante cuja significação, tudo indica, remete aos sentimentos de perda e fracasso de Freud, sentimentos que suscitam o “esquecimento”.

O mecanismo de retalhamento dos significantes para fazer de seus fragmentos novos significantes, traz a importância dos fonemas, grupamentos sonoros que possibilitam a comunicação articulada pela fala e das suas partes mínimas, as letras, que pelo diacronismo-sincronismo, uma após a outra vem a constituir a cadeia significante em unidades cada vez maiores. Fonemas se constroem por vogais e consoantes, ou apenas vogais, a depender de como se pronunciam os significantes na língua; palavras, frases, e locuções verbais, conforme considerações de Lacan no texto *A instância da letra no inconsciente* (LACAN, 1998, p. 504-505).

Lacan enfatiza a importância dos restos ou dejetos metonímicos nas formações do inconsciente, passíveis, portanto, de considerações psicanalíticas essenciais, principalmente para fazer surgir o efeito de metáfora:

[...] *Signor*, por todo o contexto a que está ligado — ou seja, o pintor *Signorelli*, o afresco de Orvieto, a evocação das coisas derradeiras —, representa precisamente a mais belas das elaborações que há nessa realidade impossível de enfrentar que é a morte. [...] Assim, fica claro que o *Signor* aqui, enquanto ligado ao contexto de *Signorelli*, representa de fato uma metáfora (LACAN, 1993, p. 44).

[...] Toda vez que lidamos com uma formação do inconsciente, devemos sistematicamente procurar o que chamei de destroços do objeto metonímico (LACAN, 1993, p. 56).

Permito-me, a partir desse ponto, propor uma interpretação mais específica sobre Signorelli, avançando além das palavras do próprio Freud no texto *Esquecimento de nomes próprios*, de 1901. Incluo, para tanto, os aspectos biográficos, especulativos e literários que marcam a sua vida e sua obra.

O significante Signorelli, recalcado, estava paradoxalmente ali, bem à boca de Freud. Não foi enunciado por corresponder à angústia de castração, representada pela morte

e pelo interdito ao gozo sexual. A castração, por sua vez, ocupava o seu mundo psíquico, já que o Complexo de Édipo centralizava a sua produção teórica e clínica. Isso implica, como sabido, no trâmite do sujeito em direção a sua inscrição nos termos da lei social por uma intervenção da lei paterna alijando o gozo sexual da díade mãe-filho, operando uma morte desse gozo, em direção ao gozo do Outro não materno, ou seja, o Outro dos laços sociais. A perda do falo genital, sede da fantasia do gozo sexual paradisíaco e mítico, cede lugar a um fantasma que se articula com o falo enquanto signo da falta, da divisão, da perda que faz clivagem permanente no sujeito do inconsciente.

Nesse momento do desenvolvimento do texto proponho conceber Signorelli em dois estados possíveis: o primeiro, como sendo o significante que remete a um nome inteiro, esquecido, que por sua vez traz as significações emblemáticas para Freud como já foi aqui considerado. O segundo estado, é o de nele encontrar a junção de dois restos de um nome despedaçado, o nome do artista de Orvieto, ou da junção de dois nomes: *signor* e *elli*. Restos ou fragmentos metonímicos, então, se organizam para erigir uma metáfora que remete a um permanente fantasma freudiano, qual seja, a sua difícil relação com Deus, que, na tradição teológica, é o senhor da vida (gozo sexual) e da morte (castração). *Signore*, *signor* é o tratamento dado a Deus, e *Eli* é uma das denominações em hebraico de Deus, haja vista que Jesus, antes de expirar na cruz, chama-o na expressão “Eli, Eli, lama sabacthani!”¹

1. Evangelho segundo São Mateus, cap. XXVII, v. 46, significando para algumas correntes de tradutores: “Deus, Deus, por que me abandonaste” e para outras: “Deus, Deus em ti meu espírito se glorifica”, traduções de sentidos nitidamente opostos, dando conta do equívoco que provoca o significante quanto à sua significação.

Os afrescos de Orvietto, de natureza eminentemente escatológica e teológica, evocariam o Senhor Eli, Senhor Deus, Deus inapreensível para Freud, no entanto, sempre o cativando, fazendo escorrer pela sua pena, em muitas oportunidades, a derrisão desse Deus a partir de *O futuro de uma ilusão*, passando por *O mal-estar na civilização*, *Moisés e o monoteísmo* até o fim da sua vida, ocupando lugar privilegiado nas suas cogitações, beirando uma relação de tintas metafísicas, ainda que, para marcar a condição do desamparo humano quanto ao existir, pela inexistência d’Ele (ou de Eli).

É na dimensão de uma metáfora que aqui considero Signorelli: metáfora de uma antinomia entre Freud e Deus, construída por dois significantes de raízes linguísticas diferentes: o italiano *signor* e o hebraico *Eli*, possivelmente conhecidas por ele e que, conforme a sua biografia e caminhar teórico, remetem a uma eterna contenda com o Pai, seja ele o seu pai carnal — Jacob, o pai da horda primeva, Laio (da tragédia de Sófocles), seja ele Deus. Dos restos dessa luta se pronunciam dois significantes em uníssono, porém, em suas partes distintas, apontando para o fundamento da psicanálise, ou seja, o valor do significante, que é privilegiadamente representar o sujeito para um outro significante.

Entre Senhor (*Signor*) e Eli (*elli*), está sendo representado o sujeito de Freud: Herr ou Senhor Doctor que perلustra os caminhos do inconsciente para propiciar a liberdade de o homem gozar sem as algemas impostas pelo Senhor Eli e suas representações humanas, as instituições religiosas, sua moralidade e seus dogmas, de, enfim, aproximar esse homem daquilo que venha a descobrir, pela análise, como sendo o seu desejo. Não casualmente, parece-me, Freud coloca o tema do esquecimento de um nome próprio, como primeiro capítulo de um dos textos mais importantes para a psicanálise, um dos textos “canônicos em matéria de inconsciente”, conforme o considera Lacan (LACAN, 1998, p. 526),

qual seja, o texto *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*.

Esquecer Signorelli apontaria, assim, para uma forclusão local do Nome-do-Pai, num episódio com elementos de uma psicose momentânea gerada pela tensão vinculada ao tema da castração tão bem delineada nos temas da morte e do interdito ao gozo sexual? Em Freud pode-se perceber a persistência do “resto” *elli* (Eli, o Deus da tradição mosaica da sua educação familiar), o qual se fez lei interposta ao seu gozo, permanentemente confrontando-o com a castração (lembrando, conforme a sua biografia, o indescritível câncer na laringe, numa longa e dolorosa caminhada rumo à morte, castração inevitável e última da condição humana). De Signorelli e Boticelli, associados, substituídos, deslocados, estilizados, *elli* ou Eli ficou como coluna mestra de uma ruína, com traços sulcados na estrutura de Freud de tal maneira que vincula o que é incluído ao foracluído, para sustentar a contiguidade da cadeia simbólica e possibilitar a análise do ato falho no só-depois. Não é isso o que ocorre na estrutura de uma análise conduzida pela via do significante? Eli é a lei que re-ordena, que mobiliza fantasmaticamente Freud, que o faz produzir conhecimento e refletir sobre o sofrimento humano. Com Senhor Eli, ou Signorelli, Freud fundamenta o percurso da psicanálise atrelada ao significante, à língua, à linguagem, falando de uma experiência própria que possibilita a compreensão dos mecanismos do recalque e da resistência em fazer retornar o recalcado, experiência de cada dia dos psicanalistas.

As neoformações surgem a todo instante nas sessões psicanalíticas, ocasionando conhecidas argumentações dos analisantes quando indagados sobre aquela palavra “estranha” que surge no discurso: “Eu errei, não era isso que eu queria dizer!”. Sim, o “eu” errou e, claro, pela resistência, ele não queria dizer “aquilo”. Mas é nesse tropeço que o sujeito do inconsciente surge precioso, para di-

zer o que a barra do recalque deixou escapar e propiciou ao desejo se pronunciar fugazmente. Na captura dessa montagem de restos metonímicos pode residir o tesouro de um significante que remete à verdade do sujeito. Em instantes como esses de “loucura”, de foraclusão, de abertura na cadeia discursiva, aparece a pepita preciosa que o sujeito deixa escapar do alforje dos seus segredos e oferece a chave para interpretar o texto do seu sofrimento.

Lacan, no *Seminário 5*, na aula sobre *O fátuo-milionário*, oferece da sua clínica um exemplo notável e humorístico de uma neoformação com similaridades de construção nos esquemas de Signorelli e de Familonário:

[...] Trata-se do paciente que, no curso da narrativa de sua história ou de suas associações em meu divã, evocou a época em que, junto à companheira com quem acabou casando perante o juiz, apenas vivia *maritavelmente*.

Vocês todos já perceberam que isso pode ser escrito no esquema de Freud: em cima, *maritalmente*, o que significa que não se é casado, e embaixo, um advérbio no qual se conjugam perfeitamente a situação dos casados e a dos não casados, *miseravelmente*. Daí resulta, *maritavelmente*. [...] Por aí vocês vêem a que ponto a mensagem ultrapassa não o mensageiro, pois é realmente o mensageiro dos deuses que fala pela boca desse inocente, mas ultrapassa o suporte da fala (LACAN, 1993, p. 39).

“Deuses que falam pela boca do inocente ultrapassando o suporte da fala”: expressão de cunho lírico para ensinar sobre a produção metafórica na clínica a partir de pedaços, de restos, fazendo verdade e poesia, mesmo que seja de dor, esperando-se que venha a ser de prazer. Afinal, ante tudo o que aqui foi

colocado, o que quer e o que pode a língua, a linguagem, a metáfora e o sujeito para dar conta do inconsciente?

Para encerrar as considerações aqui propostas, utilizo um trecho de *Língua*, música popular brasileira com versos de Caetano Veloso, que constrói outros, com o manejo genial de fragmentos de significantes, à feição de “maritavelmente”, “boltrafio”, etc. para dizer das realidades do inconsciente, pois, afinal, “o que quer, o que pode esta Língua?”. Ao mesmo tempo, esses versos fazem uma asserção do quanto a psicanálise se vincula à cultura, pois até a sua regra fundamental se poetiza como um convite à liberdade, já que convida a deixar que “digam, que pensem e que falem...”. Atente-se para as palavras de Caetano:

Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode
Esta língua?
Se você tem uma ideia incrível
É melhor fazer uma canção
Está provado que só é possível
Filosofar em alemão
Blitz quer dizer corisco
Hollywood quer dizer Azevêdo
E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o Recôncavo
Meu medo!
A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria: tenho mátria
Eu quero fráttria
Poesia concreta e prosa caótica
Ótica futura
Tá craude brô você e tu lhe amo
Qué queu te faço, nego?
Bote ligeiro
Samba-*rap*, chic-*left* com banana
Será que ele está no Pão-de Açúcar?
Nós canto-falamos como quem inveja negros
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem
Livros, discos, vídeos à mancheia
E deixa que digam, que pensem, que falem.

Abstract

In this paper we make a theoretical approach on the metonymic remains, a theme addressed by Jacques Lacan in his “The Seminar 5 - Formations of the Unconscious”. An articulation of the Lacanian proposition with the Signorelli case self-reported and discussed by Freud on his work. We address the lapses in speech analysis, focusing on the neologism’s enigmatic aspect, which assumes the condition of significant and metaphor, pointing to the desire enunciated by the subject of the unconscious. Thus, Signorelli, an experience of the founder of psychoanalysis, reveals the unconscious and the multiple meanings associated with significant, where castration anxiety related to death and sexual enjoyment emerges as the most pregnant. The experience of Freud shows up today, since that is also experienced in the course of analysis by the analyst and the patient, as in the account of the Signorelli case where Freud demonstrates the link between psychoanalysis and the signifier and language. That enables the understanding of the mechanisms of repression and resistance. It is proposed, then, from the statements of Freud and Lacan’s teaching that the stumbling speech is a fleeting enunciated desire, which captures the debris that may exist in the metonymic treasure of a signifier which refers to the truth of the subject.

Keywords: *Neologism, Subject of the unconscious, Repression, Analysis, Psychoanalysis.*

Referências

FREUD, S. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 6).

LACAN J. *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RECEBIDO: 15/03/2013

APROVADO: 27/03/2013

SOBRE O AUTOR

Rui Maia Diamantino

Psicólogo formado pela UFBA. Mestre em Psicologia pela mesma universidade. Atualmente é doutorando em Psicologia (2010.1) também pela Universidade Federal da Bahia. Professor Assistente da Universidade Salvador, UNIFACS. Participou de grupos de formação no Colégio de Psicanálise da Bahia, na Associação de Psicanálise da Bahia, no Fórum Baiano de Psicanálise, sendo integrante do corpo de ensino e transmissão, coordenando grupos de estudos das obras de Freud e de Lacan entre 2005 e 2009. Atualmente não se encontra vinculado à instituição psicanalítica, mantendo junto a outros psicanalistas a continuidade de sua formação em grupo de estudos em Salvador. Apresentou trabalhos nas Reuniões Lacanoamericanas de Florianópolis (2005), de Montevideu (2007) e de Brasília (2011). Exerce a clínica psicanalítica desde 2001, quando começou a atender no Núcleo de Assistência Psicológica (NAPSI), de orientação psicanalítica. Atualmente, exerce a clínica psicanalítica em consultório particular.

Endereço para correspondência:

Rua Senador Teotônio Vilela, 225/312 - Cidadela 40279-435 – Salvador/BA

E-mail: rui.diamantino@gmail.com

Isso se transmite de maneira atravessada, a psicanálise¹

It is transmitted so crossed, psychoanalysis

Simone Wiener

Tradução: Elisa dos Mares Guia-Menendez

Resumo

A singularidade da transmissão no campo da psicanálise passa por outras vias bem diferentes das do ensinamento, da educação e da filiação. Verificamos que existe um antagonismo entre uma tentativa de organizar uma transmissão racional, estabelecida, universitária e alguma coisa que chamamos de “atravessada”. Lacan buscou evitar um modo de transmissão preestabelecido, e o dispositivo do passe foi a proposição elaborada por ele — com o intuito de poder ter acesso a esse saber que concerne à transmissão — e que se constitui de maneira atravessada. A palavra passe evoca uma trans-formação, um processo que passa de um estado a outro. Ele foi revisitado por Lacan diversas vezes, e tais retornos dizem justamente dessa dificuldade em conceber a transmissão. Podemos dizer que existe uma forma de errância na transmissão e que a psicanálise se transmite de maneira atravessada.

Palavras-chave: Transmissão, Passe, Psicanálise, Errância, Clinicidade.

Isso se transmite, de maneira atravessada, a psicanálise! Irei começar meu trabalho contando uma anedota que ilustra uma maneira de transliteração entre línguas.

Nos anos 1920, um período em que a imigração europeia em direção à América era bastante considerável, um barco de alemães se aproximava da cidade de Nova Iorque. Eles se aproximavam da ilha Ellis (em inglês Ellis Island) onde eram esperados pelo serviço de imigração. Eles temiam não ser admitidos, tinham medo de ser deportados! Então, um sujeito diz ao outro “Escute, ouvi dizer que neste momento, eles não apreciam muito os alemães, mas que os poloneses entram com facilidade. Então, você vai dizer

que você se chama Dialozinsky, pois é um nome que soa como polonês”. “De acordo”, responde ele, “vou fazer dessa maneira”. Eles chegam à Ilha Ellis, e o serviço de imigração sobe a bordo do navio: “Bom dia, vocês se encontram em território americano, como vocês se chamam?”. O sujeito infelizmente havia esquecido o nome polonês e diz em alemão “*Shonvergessen*”, que significa: já esqueci. O senhor do serviço de imigração responde: “Bem-vindo à América, Mr. John Ferrgusson”.

Mesmo os nomes são transmitidos de maneira atravessada. Então, qual é a singularidade da transmissão no campo da psicanálise e quais são as suas errâncias? Primeiro

1. Este artigo é fruto de uma intervenção realizada pela autora no Colóquio “Colloque franco-américain, Les errances de la transmission”, realizado pela Association de Psychanalyse Encore (Paris) e pela Après-Coup Psychoanalytic Association (Nova Iorque), em nov. 2012, em Paris. Este trabalho foi publicado nos atos do colóquio. Trata-se uma publicação interna da Association de Psychanalyse Encore e da Après-Coup, 2013. Título original: *Ça se transmet de travers, la psychanalyse*.

ela se encontra ligada a aquilo que tropeça, a algo que escapa, aos rebus, aos atos falhos. Ela passa por outras vias bem diferentes das do ensinamento, da educação e da filiação.

Existe um antagonismo entre uma tentativa de organizar uma transmissão racional, estabelecida, universitária e alguma coisa que eu chamo de “atravessada”. Esse atravessado, se recapturado, constituirá um impasse lógico, em que os efeitos não poderão deixar de aparecer. O que supõe então uma transmissão? Trata-se de transmitir “um saber da psicanálise”, que retornaria a um saber universal, um saber que se pode adquirir? Antes de mais nada, a psicanálise não seria uma verdade singular, meio dita, que não pode ser adquirida através de um caminho correto? Quanto ao saber da prática, o saber-fazer (*savoir-faire*), ele poderia ser transmitido através de uma escola, como se tratasse de uma formação como outra qualquer?

Lacan recusou a formação didática versão IPA por se tratar de uma espécie de modelo preestabelecido de análise. Ele se opôs à perspectiva de um fim que passasse pela identificação do analista como pai. Trata-se de correr um risco lógico, de uma reprodução idêntica de um determinado tipo de prática. É exatamente o modo de transmissão que Lacan queria evitar. Ele buscava outro dispositivo capaz de esclarecer tais passagens. O passe foi a proposição elaborada por ele, com o intuito de poder ter acesso a esse saber que concerne à transmissão. De fato, a palavra “passe” evoca uma transformação, um processo que passa de um estado a outro. Ele foi revisitado por Lacan diversas vezes. Tais retornos ao passe dizem justamente dessa dificuldade em conceber a transmissão. Por essa razão, podemos dizer que existe uma forma de errância na transmissão.

Mas primeiramente, gostaria de precisar, de maneira mais adequada, o que pretendo evocar nesse vasto campo da transmissão. As questões que não são as mesmas, visto que se trata de um saber que provém de uma experiência inconsciente (o saber de referência

para Lacan) ou de um saber constituído, textual, como a metapsicologia ou a topologia.

Ao que concerne a experiência do inconsciente: isso se transmite de maneira atravessada pois o isso nos remete ao inconsciente no sentido freudiano. O inconsciente freudiano foi fundado em fenômenos que se dão de maneira atravessada: a língua que diz outra coisa — o ato que é falho — os esquecimentos que não se tratam de simples erros que carregam em sua origem algo aleatório, e sim trata-se de algo atravessado, os equívocos que indicam uma outra lógica, a do inconsciente. As experiências do atravessado, essas do inconsciente, como poderíamos conceber o fato de que elas possam se transmitir de maneira direta, de uma maneira endireitada? O problema é que, uma vez que as tornamos endireitadas, perdemos o coração dessa experiência.

Lacan evoca de maneira precisa aquilo que pode ser escutado de uma maneira atravessada pelo analista. Irei citá-lo:

O parternário, ali, o analisante, ele emite um, um pensamento, e nós podemos ter um outro pensamento, completamente diferente, o que é um feliz incidente, do qual brota uma luz; e é justamente aí que uma interpretação pode ser produzida, ou seja, devido ao fato de nós portarmos uma atenção flutuante, de escutarmos aquilo que foi dito, por vezes, simplesmente em função de uma espécie de equívoco, que é — dizer de uma equivalência material. Percebemos que aquilo que ele disse — nós o percebemos porque o sentimos — o que ele disse poderia ser escutado de maneira atravessada. E é justamente por ser capaz de escutar de maneira atravessada que permitimos ao sujeito perceber de onde seus pensamentos, sua própria semiótica, de onde ela emerge (LACAN, inédito, lição de 11 jun. 1974).

Escutar tudo de maneira atravessada é, então, poder se submeter à possibilidade do equívoco de lalangue. É nesse ponto que vejo

a necessidade de atopia, de instabilidade. E sair dessa forma de instabilidade seria, de certa maneira, abandonar a experiência da pluralidade semântica das palavras, do equívoco da *lalangue*.

A questão seria colocada de outra maneira caso se tratasse de uma transmissão que se dirige a um saber que já se encontra constituído. Por exemplo, a transmissão da clínica tal qual Erik Porge (2009) desenvolve, entre outras, em seu livro sobre essa questão. Ele insiste justamente nesse ponto, que não podemos separar a clínica do método pelo qual ela se transmite. Não existem fatos clínicos brutos. Mesmo o sonho não pode ser transmitido fora do campo das palavras, que compõe o recito como se não se tratassem de imagens.

A clínica é trabalhada a partir da literatura, da letra, do estilo que pode constituir agenciamentos da transmissão. Eles permitem a configuração da heterogeneidade estrutural, necessária para uma transmissão. Erik Porge acentua também a questão do estilo, aquilo que ele chama de “clenicidade” do estilo, que atenua a oposição teoria/prática e permite uma abordagem singular da clínica.

A clenicidade do estilo se sustenta em sua dimensão de endereçamento a um outro, é incluído por ela. É a famosa frase de Buffon: “O estilo é o homem”, à qual Lacan acrescenta em sua obra *Escritos*: “à quem nos endereçamos” (LACAN, 1998, p. 9). A clenicidade do estilo se atém também ao fato de que ela permite a intervenção da dimensão da escritura por onde passa a singularidade do sujeito.

Outra dificuldade da transmissão da clínica está ligada a uma temporalidade inerente ao trabalho analítico. O ato analítico é fundado no prazo, no suspenso e nas sanções que o acompanham. Esses elementos temporais reforçam a divisão daquilo que se transmite.

Essa forma de transmissão da clínica é diferente da trabalhada no âmbito universitário. (Seria interessante trabalhar a dispari-

dade a partir dos quatro discursos.) A relação analítica não se trata de uma relação de aluno e professor, nem de mestre e discípulo. Cabe ao analista saber escutar o que não se sabe. O analista deve ser capaz de se desconcentrar, de surpreender-se pela novidade, o inaudito, que ocorre em uma psicanálise.

Para retomar a questão do intransmissível do saber do inconsciente. O tropeço, o lapso que ocorrem no curso de uma frase não são previsíveis. O psicanalista é como um saber homogêneo ao não-todo, ou seja, que não pode se acumular-se ou se constituir como uma unidade coerente, um todo unificado que o sujeito poderia adquirir.

Uma observação: me parece que a transmissão se encontra, de certa forma, na mesma posição que o desejo na análise. Só podem ser colocados em prática a partir de uma aposta. Emergem somente a partir de um algo a mais. Se abordamos a questão da transmissão de maneira direta como uma linha de mira, vamos gerar um impasse, de tal forma que a tornaremos impossível.

Lacan se mostrava preocupado com tais questões sobre a transmissão. É nesse contexto que ele propõe o passe. Para essa proposição, que continua sendo uma proposição, como o próprio nome indica, ele busca estabelecer uma ferramenta de transmissão que se constitui de maneira atravessada. Existe de fato uma tentativa, um *work in progress*, e não um processo concluído, definitivo. Em um primeiro tempo, em comparação com os demais critérios de transmissão existentes, ele existirá de maneira atravessada. O passe, enquanto dispositivo, inverte as coisas; ele as constrói em vários níveis, de maneira atravessada. Ele se afasta da concepção binária do casal analista-analisante em vigor na versão clássica da análise didática, em que tudo se passa como se um representasse o outro. Ele atrai a atenção em direção a um ternário em que o passante é encarregado de testemunhar o passador. Este, primeiro, irá relatar o seu testemunho a um júri. Parece-me importante ressaltar

que aquele que fala de sua análise é o analisante, e não o analista.

Mesmo que o passe funcione através de um a um, em sua concepção, ele supõe um coletivo, pois ele se constitui em diversos níveis, apoiando-se nessa heterogeneidade. Ele se constitui uma chicana com o passante, os passadores e o cartel ou o júri. Cada elemento faz parte do processo, mas sem constituí-lo, sem possuir a chave fundamental.

Este processo não é um processo cristalizado. O passe é objeto de remanejamentos, às vezes feitos por Lacan e por escolas que tentam essa prática. O que quer que pensemos, que ele procure a ilusão ou a desilusão, ele dá forma a uma tentativa de transmissão da psicanálise lacaniana.

Lacan emite uma primeira versão do passe em 1967. Nesse texto, ele concebe o passe para encontrar soluções para o fim do momento analítico e para aquilo que estaria em questão na passagem de uma das duas funções à outra, da função do analisante à função do analista. Seria, mais ou menos, como um desfecho de uma análise, como se o passe fosse uma espécie de reedito, em outro espaço, daquilo que se desenrola ou então daquilo que advém em sua análise. O testemunho do passe ao passador seria, nesse caso, um recito feito *a posteriori* (*après coup*) daquilo que foi elaborado em uma análise que irá produzir um analista.

Em outubro de 1978, em Deauville (França), durante a conclusão de uma jornada sobre a transmissão, Lacan fala sobre a sua decepção com relação ao passe que fora instaurado por ele. Ele esperava algo que poderia esclarecer a maneira pela qual psicanálise poderia durar. Vejamos o que ele diz: “Como agora venho a pensar, a psicanálise é intransmissível [...] é bastante incômodo o fato de que cada psicanalista seja forçado a reinventar a psicanálise”.² (LACAN, 1979, p. 1). O

que leva Lacan a declarar isso e a se perguntar o que é que funcionaria em uma análise para que um analisante deseje, no seu momento, ocupar esse lugar e “como pode ser, que pela operação do significante, existam pessoas que se curam, e que se curam de suas neuroses e até mesmo de suas perversões”.

Se a psicanálise é intransmissível, e cada analista deve reinventar alguma coisa, o passe não se trata unicamente de um dispositivo de coleta de um saber, de espera, construído pela análise. Ele poderia, então, se distinguir enquanto uma experiência inédita que seria da ordem da efetuação ou da realização de alguma coisa. É de onde provém a ideia de um esclarecimento. É nesse ponto que José Attal (2012), em seu recente pequeno texto, propõe uma articulação da experiência da psicanálise com a experiência da arte. De fato, nesse caso, o passe possa vir a realizar uma experiência próxima das artes, no sentido de uma *performance* que realiza alguma coisa. Não se trata de uma apresentação de um modelo existente, e sim da produção de um saber que realiza alguma coisa como um real. (“A arte precede o real”, escrevera Walter Benjamin.)

Consequentemente, esse momento não pode ser compreendido como uma finalidade, e sim como algo da ordem de uma produção. “Eu não sou induzido, eu sou produzido”, dizia Lacan. Aquele que foi talhado no mesmo tecido pode ser visto de maneira homológica. E Lacan continua dizendo: “É da arte que nós devemos tomar a semente”, pois existe uma certa homologia entre a arte e a experiência analítica.

É o que encontramos naquilo que ele vai dizer em *Mais ainda* (LACAN, 1982) sobre a escritura de James Joyce, escritura sintomática, com a qual ele se sente próximo. Ele diz em *Finnegan’s Wake* que aquilo se diz de maneira atravessada. Vejamos a citação:

2. Lacan. *Les lettres de l’école*, 1979, n. 25, la transmission II. Site de L’ELP. N.T. : “*Pas-tout Lacan*”. Disponível para consulta pela internet no site da EPL (École

Lacanianne de Psychanalyse): <<http://www.ecole-lacanianne.net/bibliotheque.php?id=10> (1978-07-09): Conclusions du Congrès de l’EFP sur la transmission).

...— leiam *Finnegan's Wake* —, [...] é o título do *lapsus* que isso significa alguma coisa, ou seja, que isso possa se ler de infinitas maneiras diferentes. Mas é exatamente por isso que isso se lê mal ou que isso se lê de maneira atravessada ou que isso não se lê. Mas esta dimensão do *se ler* não seria suficiente para mostrar que nós somos no registro do discurso analítico... (LACAN, 1982, p. 37).

Eu concluo dizendo que o que pode ser lido de maneira atravessada pode produzir somente uma certa instabilidade. E, nesse caso, um dispositivo que funciona de maneira azeitada é um dispositivo não vivo, ossificado, no sentido de que ele não pode mais se dar de maneira atravessada, ou seja, produzir a partir do inconsciente.

Para que haja transmissão, é preciso que exista algo de maneira atravessada e heterogeneidade entre aquilo que se transmite, o que é transmitido e a variedade final da operação. O que vale a pena dizer é que é preciso aceitar a errância, ser desprendido, dividido e não se reconhecer, nem reproduzir aquilo que conhecemos. Nem sempre é fácil se encontrar desconcertado, surpreso. Mas é, portanto, uma necessidade lógica para chegar de maneira atravessada...

Abstract

Psychoanalytical transmission is rather singular, a quite different of teaching, of education and affiliation. We observed that there is an antagonism between an attempt to organize a rational academic established transmission and something that we call "traversed". Lacan has always tried to avoid a predetermined mode of transmission, and the pass is one proposition elaborated by him – with the intention of access this knowledge concerning the transmission, which is constituted in a crossed way. The word pass evokes a trans-formation, a procedure that passes from one state to another. It has been revisited several times by Lacan, and these returns are clearly related to the

difficulty of conceiving transmission. We may say that there is one sort of wandering in the transmission, that's the reason why psychoanalysis is transmitted in a traversed way.

Keywords: *Transmission, Pass, Psychoanalysis, Wanderings, Clinicité.*

Referências

ATTAL, J. *La passe à plus d'un titre*. Paris: EPEL, 2012.
LACAN, J. *Le séminaire, livre XXI: Les non-dupes errent*. Inédito. Transcrição disponível no site do psicanalista Patrick Valas <<http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-Les-non-dupes-errent-1973-1974,249>>.

LACAN, J. *Les lettres de l'école*, n. 25, la transmission II. Site de l'ELP, 1979.

LACAN, J. *O seminário, livro 20: Mais ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PORGE, E. *Transmitir a clínica psicanalítica, Freud, Lacan, hoje*. Tradução de P. S. Souza Jr; V. Veras. Campinas: Unicamp, 2009.

RECEBIDO: 15/03/2013

APROVADO: 22/04/2013

SOBRE A AUTORA

Simone Wiener

Psicanalista em Paris.

Membro da Association de Psychanalyse Encore.

Coordena um seminário de pesquisa clínico

(Ouelipo). Participa do comitê de redação

da revista *Essaim* (França). Autora de vários artigos publicados em várias revistas.

Endereço para correspondência:

99 Rue du Cherche Midi

75006 - Paris - França

E-mail: simone.wiener@free.fr

Real, simbólico, imaginário: da referência ao nó¹

Real, symbolic, imaginary: the reference to the node

Vincent Clavurier

Tradução: Elisa dos Mares Guia-Menendez

Resumo

Por que o ternário RSI é figurativo do borromeano? Partindo dessa questão aparentemente simples, isolamos duas lógicas distintas do trabalho do ensinamento de Lacan, que concernem o ternário: a que diz “da referência” e que preside o seu aparecimento em 1953, e aquela dita “nodal”, que surge com a borromenização do RSI a partir de 1973. Qualificamos a primeira de lógica da referência devido a sua proximidade com o método cartesiano de coordenadas algébricas de formas geométricas (sistema de coordenadas cartesianas). Mas essa questão não é apresentada sem gerar problemas, e a aparição do laço borromeano em 1973 traz consigo a solução de alguns problemas. Iremos explorar as vantagens e os limites dessa nova apresentação do RSI pelo borromeano e três consistências, para finalmente propor um nó de nove consistências como suporte do RSI. Esse percurso interroga as relações e as intersecções entre a clínica, a *nodologia* (*nodologie lacanienne*) e a cientificidade da psicanálise.

Palavras-chave: RSI, Nó borromeano, Referência, Clínica.

O ternário real, simbólico, imaginário é provavelmente um paradigma tão importante para a psicanálise lacaniana quanto as tópicas freudianas. Sabemos que Lacan, a partir de 1973, identifica esse ternário ao nó borromeano de três elos, ou seja, cada um dos três termos é identificado a uma das consistências do nó. Mas essa identificação não acontece por si só: se R, S e I são representados por ou identificados aos elos de barbante por que eles seriam precisamente identificados ao nó borromeano? Ou seja, por qual razão a articulação entre os elos de barbante RSI representaria o borromeano? O que justificaria a substituição de uma relação não determinada de RSI por uma relação borromeana superdeterminada? O percurso que seguiremos corresponde a uma tentativa de responder a essa questão. A princípio defendemos

a ideia de que uma lógica de referência preside a aparição e o uso do ternário a partir de 1953, e que se ocupa de constituir para a clínica uma referência a três coordenadas. Iremos explicitar os problemas trazidos pela apresentação RSI sob a forma de uma referência trivariada — exatamente o da articulação dos registros. Em seguida iremos isolar os ganhos teóricos que o nó borromeano oferece como suporte de RSI com relação à apresentação precedente. E, finalmente, iremos identificar certas dificuldades próprias a apresentação borromeana a três consistências.

Qual articulação entre real, simbólico e imaginário?

Lacan introduz esse ternário no campo analítico durante sua conferência intitulada O

1. N.T.: Título original: *Réel, symbolique, imaginaire: du repère au nœud*. Texto publicado originalmente na Revista *Essaim*: Essaim, n. 25, Erès, Toulouse, 2010, p. 83-96.

simbólico, o imaginário, o real, pronunciada em 8 jul. 1953, durante a abertura das atividades da Sociedade Francesa de Psicanálise (Société Française de Psychanalyse).² Nessa conferência Lacan apresenta “a confrontação destes três registros, que se trata dos registros essenciais da realidade humana, registros bastante distintos e que se chamam: o simbolismo,³ o imaginário e o real”. O termo utilizado para designar S, I e R (até então ainda não reduzidos a letras) é então o do “registro”. O Littré⁴ define esse termo como um “livro onde inscrevemos os atos, as questões de cada dia” (os registros do estado civil, por exemplo). Encontramos a palavra em diferentes expressões: “fazer o registro”, “conservar o registro”, que designam o fato de registrar e anotar. O termo provém do latim da época *regesta*,⁵ “registro livro, catálogo”, a partir do particípio passado de *regerere* “relatar, inscrever, consignar”. Estamos então no domínio (o registro!) do escrito, da inscrição: “fazer registro” (provir as contas); “registrar” (gravar, inscrever), e a utilização da palavra é antiga: “Com a finalidade de que as honrosas maneiras [...] sejam notavelmente registradas e armazenadas em memória perpétua”.⁶ Com a designação de RSI enquanto ternário de registros, temos então a ideia de uma notação diferenciada, de um sistema de notação: existem três livros de notação diferentes, três livros em que anotamos as coisas que pensamos pertencer a ordens distintas.

Durante a conferência proferida em 1953, Lacan também utiliza o termo mais filosófico de “categoria conceptual” para designar um dos registros (o imaginário). Tal termo desig-

na de maneira clássica aquilo que subsuma um certo número de fenômenos (extensão), atribuindo a eles uma identidade comum ao meio do conceito (intenção, compreensão). Mesmo se distinguimos conceitualmente os três registros, a relação que eles mantêm uns com os outros não cessará de ser retomada e questionada por Lacan:

Apresentar separadamente estas três dimensões responde a uma questão didática. No entanto, nos deparamos constantemente com o fato de que não podemos falar de uma dessas dimensões separadamente uma das outras, e que o operador de cada uma delas é relativo aos outros [...] De fato, existe uma necessidade em edificar as “junções” das três dimensões, e é isso que Lacan sempre tenta fazer com as escrituras dos esquemas (esquema L, esquema R), grafos e outras figuras que constituem as linhas das fraturas do cristal RSI.⁷

Provavelmente as diferentes tentativas de atribuir aos três registros uma articulação não satisfazem totalmente Lacan: em 1975, ou seja, vinte e dois anos após ter introduzido os termos e três anos após ter descoberto o borromeano, que irá finalmente mantê-los juntos, Lacan afirma que o laço entre os três registros é “enigmático”.⁸

Essa questão da articulação entre os registros não aparece de forma explícita na con-

2. Cf. versão JL, site internet da l'ELP.

3. Simbolismo e simbólico são aparentemente utilizados de maneira indiferente nessa conferência.

4. Dicionário de língua francesa. (N.T.).

5. BLOCH, O.; VON WARTBURG, W. *Dictionnaire étymologique de la langue française* (1932). Paris: PUF, 1994.

6. FROISSART, J. *Dictionnaire du moyen français* (1360). Paris: Larousse, 1992.

7. PORGE, Erik. *Jacques Lacan, un psychanalyste*. Toulouse: Érès, 2000. p. 122. (N.T.). PORGE, E. *Jacques Lacan um psicanalista: percurso de um ensino*. Tradução de Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, Nina Virginia de Araújo Leite e Viviane Veras. Brasília: Ed. UnB, 2006. 388 p.

8. Cf. LACAN, J. *Le Séminaire, livre XXIII: Le sinthome*, sessão de 18 nov. 1975. *O seminário, livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, citado por Erik Porge, “Du déplacement au symptôme phobique”, *Littoral*, n. 1, juin 1981, p. 35. A extinta revista de psicanálise *Littoral*, utilizada como referência pelo autor, se encontra disponível para consulta pela internet no site: <<http://www.epel-edition.com/collection/10/revue-littoral.html>>. (N.T.).

ferência de 1953, mas nessa época Lacan lhe atribui uma figuração: ele representa o SIR sob a forma de um triângulo em que cada registro é um cimo. Lacan utiliza essa configuração para ilustrar a circulação do analisante entre esses termos ao longo de sua análise, para referenciar o trajeto do sujeito em sua análise. R, S e I servem de baliza, de pontos de referência para identificar os momentos do trajeto. Nesse sentido, visto que se trata de momentos do processo de análise, as “junções entre as três dimensões não são concebidas somente no plano espacial, mas também temporal, particularmente em função do manejo da transferência”.⁹ Podemos constatar que, seja ele espacial, seja temporal, o RSI serve para efetuar uma referência, uma maneira de situar um fenômeno, de atribuir as coordenadas. Aqui o RSI parece funcionar como uma referência para a clínica.

RSI: uma referência lacaniana?

Nossa hipótese é a seguinte: assim como existe um sistema de coordenadas cartesianas a partir do qual podemos ler e escrever o mundo dos corpos e das figuras, existem também marcos lacanianos que definem uma maneira de ler e escrever o mundo da clínica, e o RSI é um deles. Para dar consistência à nossa hipótese, podemos nos apoiar numa afirmação de Lacan, que declara em 1960 que a *distinção* entre R, S e I é *metódica*, que ela provém de um método:

Esta força (do delírio) é aquela (que Freud) designou com o nome de narcisismo e ela comporta uma dialética secreta, questão que faz com que os psicanalistas possuam dificuldade em se referenciar [...] (e para concebê-la introduzo, na teoria, a distinção propriamente *metódica*, do simbólico, do imaginário e do real).¹⁰

9. PORGE, E. *Op. cit.*, p. 124.

10. LACAN, J. Conferência proferida na Faculdade Universitária de Saint-Louis, em Bruxelas, em 10 mar. 1960. Disponível em francês no CD *Pas-tout Lacan*.

Ora, os dois termos promovidos nessa citação são eminentemente cartesianos: “distinção” e “método” são elementos fundamentais da obra de Descartes,¹¹ razão pela qual, de acordo com a veia cartesiana de *Discursos*, o termo “*metódico*” me parece ser utilizado nessa citação por Lacan no sentido “matemático”. É ao trabalho de Descartes no campo da geometria que podemos recorrer, particularmente um dos três ensaios que vieram após o *Discurso* e intitulado *A geometria*.¹² De maneira clássica, classificamos esse ensaio de Descartes como um ponto de mudança da história das ciências e da matemática: supostamente Descartes funda — questão a ser discutida — a geometria algébrica, inventando aquilo que vai se tornar o sistema de coordenadas cartesianas e que vai permitir um importante desenvolvimento da física (estudo do movimento, mecânica newtoniana). Segundo o método da geometria algébrica introduzido por Descartes, o ternário RSI é, então, *metódico*: a distinção R, S, I permite matematizar aquilo que aparece na clínica, no sentido de que o fenôme-

Citado por M Viltard em: *L'autopunition: une solution à l'impasse imaginaire du transfert chez Dora*, *Littoral*, n. 30, oct. 1990, p. 65-66. Algumas intervenções de Jacques Lacan tais como correios, entrevistas e conferências, muitas jamais publicadas, se encontram agrupadas no *Pas-tout Lacan*, disponível para consulta pela internet no site: <<http://www.ecole-lacanienne.net/bibliotheque.php?id=10>>. (N.T.).

11. Cf., por exemplo, a quarta regra dos *Regulae*, o artigo 45 de *Princípios da filosofia*, o terceiro de *Mediações metafísicas* e o *Discurso do método*.

12. Em 1637 Descartes publica um grande livro de 527 páginas em que o título integral é *Discurso do método para bem conduzir sua razão na busca da verdade nas ciências*, além de a *Dióptrica*, os *Meteoros* e a *Geometria*, que são os ensaios desse método. Nessa época, o *Discurso* é então o prefácio de três tratados científicos de grande importância. Paradoxalmente, ainda estudamos mais nos dias de hoje esse prefácio do que os ensaios que o precedem, pois eles são “ultrapassados, velhos, vencidos” (cf. A. KOYRE. *Introduction à la lecture de Platon, suivi de Entretiens sur Descartes*. Paris: Gallimard, 1991. p. 166-167).

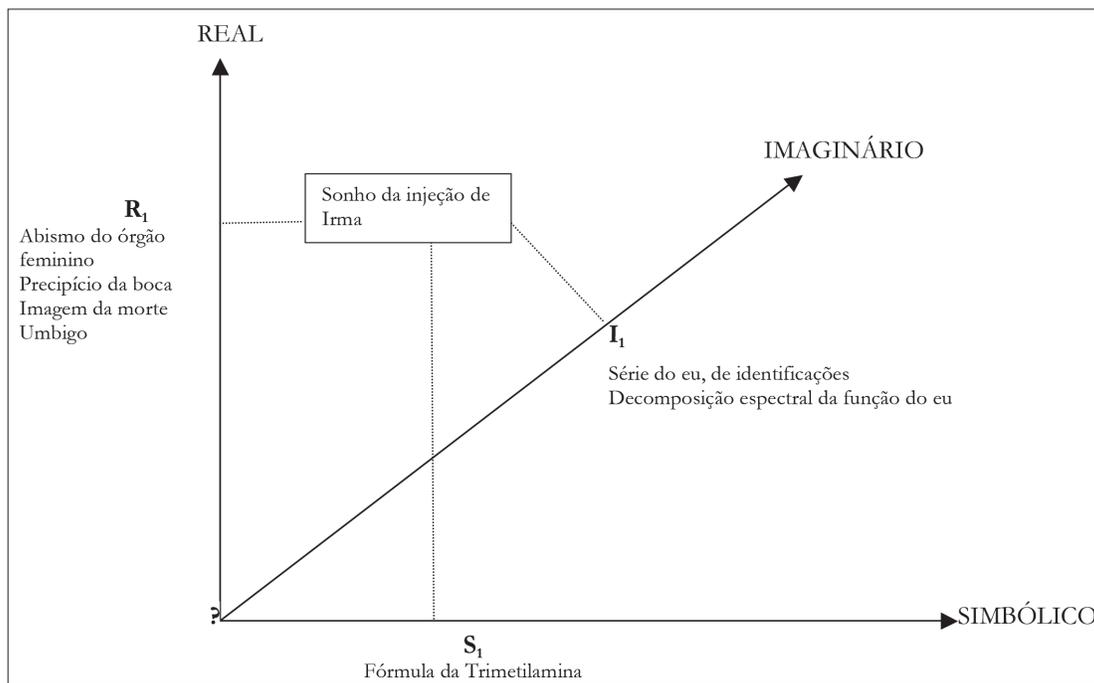
no clínico observado é situado segundo um sistema de coordenadas sustentado por um jogo de letras. Ele é então escrito em linguagem matemática, segundo um processo de literalização (reconduzir um elemento a uma letra).¹³ Para ilustrar tal movimento, podemos desenhar RSI como uma sistema de referência lacano-cartesiano e inscrever, por exemplo, uma formação do inconsciente de Freud analisado por Lacan em 1955: o sonho da injeção de Irma.

As coordenadas lacanianas do sonho da injeção de Irma¹⁴
(9 e 16 de março 1955)

Mas esse sistema de coordenadas traz consigo pelo menos quatro problemas:

- Em primeiro lugar, a construção de cada coordenada, de cada projeção de ponto exige um comentário argumentativo (cf. nota 12 das sessões do seminário em que Lacan efetua este trabalho). Assim, o sistema construído não produz uma posição unívoca de fenômenos analisados: cada coordenada continua sendo sujeita à discussão; ela não é resultado de um cálculo.

- No mais, não existe unidade (valor-padrão) o que daria razão a uma construção da ordem dos pontos em cada eixo: escrever Rn,



13. Cf. MILNER, J.-C. *L'œuvre Claire*. Paris: Le Seuil, 1995, p. 92 et 94-95.

14. Cf. LACAN, L. *Le Séminaire, livre II : Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Le Seuil, 1978. *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. Sessões de 9, 16 e 30 mar. 1955.

Sobre a constituinte real do sonho, ver especificamente p. 186, 196 e 209; sobre a constituinte imaginária, ver p. 187-188 e 197-199; sobre a constituinte simbólica, ver p. 190-192 e 200-203. Referências relativas à versão francesa do seminário publicada pela edição Seuil. (N.T.).

In, Sn significa que vários pontos podem ser isolados em cada eixo, mas sem que sua ordem possa ser constituída de outra maneira, a não ser por um ato mais ou menos arbitrário (de todo modo, não segundo uma regra exterior e decisiva como poderia ser o caso da linha de cálculo). Para as duas primeiras razões existe uma distância intransponível entre a precisão de uma referência físico-matemática e o que propomos aqui. Estamos em uma “comodidade descritiva”,¹⁵ segundo as palavras de Jean-Claude Milner, e não em uma adequação literária entre uma referência e a clínica, no sentido de que a geometria e a álgebra são adequadas uma a outra. Pois não estamos em uma lógica de mensurar os fenômenos (uma métrica), e sim em uma abordagem qualitativa, a referência ortonormal não é verdadeiramente a boa sinóptica.

▪ O terceiro problema se agrega a nossa questão inicial: é aquele do ponto e da natureza da junção entre os três eixos R, S e I. É o que indica o “?” localizado na posição de origem. A referência ortonormal não nos leva a uma resposta sobre essa questão. O terceiro problema será “resolvido” por uma aparição do nó borromeano e sua aplicação ao ternário.

▪ Finalmente, o quarto problema, o doutrinário, a hipótese do RSI como referência lacaniana e sistema de coordenadas encontra uma objetivação que parte da própria boca de Lacan em 1973:

Existem três dimensões de espaço habitadas pelo falante, e essas três *dit-mansions*,¹⁶ como eu as escrevo, chamando-as de o Simbólico, o Imaginário e o Real. Não é exatamente como o sistema de coordenadas cartesiano; isso porque existem três, não se enganem nesse ponto. As coordenadas cartesianas provêm da velha geometria. É por isso que [...] é um

espaço, o meu, como eu o defino dessas três *dit-mansions*, é um espaço em que os pontos se determinam de outra maneira. E foi isso que eu tentei [...] é uma geometria em que os pontos [...] se determinam de uma amarração daquilo que talvez vocês se lembrem, o que chamei de “minhas três rodas de barbante”.¹⁷

Ressalto dois elementos dessa citação de Lacan:

De início, quando Lacan indica a necessidade de escrever o termo “*ditmansions*”, mansão do dito, ele o faz referindo-se ao termo inglês *mansion* que significa “castelo, residência” e cuja etimologia indica um parentesco com a palavra francesa “*manoir*”.¹⁸ Real, simbólico e imaginário constituem o lugar de habitação do dito, ou seja, homem enquanto ser falante: elas são as três dimensões constitutivas do espaço habitado pelo homem na condição de ser falante. Lacan dá continuidade, a sua maneira, à ideia expressada poeticamente por Heidegger, na sequência de Hölderlin : o homem habita em poeta, o homem habita a linguagem.¹⁹ Isso me faz pensar que o “*manoir*” RSI, com a passagem ao nó, poderia se escutar e se escrever “*mano-art*”: mais do que o esquema, o nó engaja o corpo e particularmente a mão, é preciso manipular, o segurar para o apreender, ele faz um chamado a uma arte da mão, uma arte *delamano*, uma *mano-arte*.

Passemos ao segundo ponto que gostaria de sublinhar nessa citação: certamente, e é provavelmente o essencial, a passagem ao nó se distancia da “velha geometria”, nos faz entrar em uma outra lógica, uma lógica nodal em que os pontos “se determinam de outra maneira”, onde aquilo que é determinante é a amarração das rodas de barbante. Mas se La-

15. MILNER, J.-C. *Op. cit.*, p. 142.

16. *Ditas-mansões* (N.T.).

17. LACAN, J. *Le séminaire, livre XXI : Les non-dupes errent*. Inédit, séance du 13 nov. 1973. *O seminário, livro 21: Les non-dupes errent* (1973-74). Inédito.

18. Mansão, residência nobre.

19. Cf. PORGE, E. *Op. cit.*, p. 220.

can se recusa explicitamente e por essa razão a identificar completamente o RSI às coordenadas cartesianas, ele defende, assim mesmo, a pertinência dessa aproximação: se as *dit-mansions* não são “não de fato” coordenadas cartesianas, isso significaria que elas são ao menos um pouco, suficientemente para que uma relação entre elas seja legítima. Sobre tudo, se as rodas de barbante continuam a se nomear RSI, é porque elas ainda participam da lógica da referência, mesmo se não se reduzem mais a ela. Existe ao mesmo tempo uma ultrapassagem e uma conservação dessa lógica. Vejamos agora a maneira pela qual o RSI funciona como referência borromeana.

O nó borromeano

Trata-se de uma certa coesão (borromeana) que mantém, a partir de 1973,²⁰ os três registros juntos, e o ponto de junção é então um ponto de amarração, um buraco: é o objeto *a*. Ele parece preencher a mesma função, mas de maneira diferente do zero no sistema de coordenadas cartesiano.²¹ Já podemos então notar, no que concerne a essa identificação do ternário ao nó borromeano a três consistências, que a palavra “registro” possui, em si mesma e por duas razões, uma parentalidade com o domínio do barbante e da tecelagem. Inicialmente, via latim *registrum campanae* provém do sentido primeiro de *regere* (“tirar, puxar”) e designa a “corda do sino”, que puxamos para obter o som. O “registro” é aqui designado como a corda que puxamos. Ora, isso nos leva imediatamente a pensar a questão do “puxar o barbante”, evocada por Lacan em 9 de janeiro de 1979 e onipresente

nos estudos dos nós. Não há como estudar o nó sem puxar (mesmo que mentalmente) os barbantes para que os pontos de amarração possam aparecer. Por outro lado, a palavra “registro” designa, de acordo com a mesma via latina, “o comando de cada jogo (tábuas de madeira) do órgão”, que o organista puxa para tocar. E é a partir desse último sentido que a palavra designa também “a extensão total da voz do cantor”,²² provavelmente seguindo um processo de deslocamento metonímico (de cada tábua de madeira a todas as demais tábuas) e metafórico (do órgão à voz). Ora “a extensão total da voz” também diz de uma “tessitura”, termo que provém do latim *tessere* (tecer), via italiano *tessitura* (textura, trama). A equivalência semântica entre registro e tessitura cria um laço (certamente tênue como um fio, mas estabelecido) entre a arte da notação e da trança. Por essas duas razões, ligadas à etimologia e ao uso da palavra “registro”, chega a ser engraçado poder constatar que a aproximação operada por Lacan em 1973 entre RSI e o campo do nó (amarrar, atar, tecer) equivale a propiciar a emersão de um saber implícito da língua (*la langue*), um saber que, em parte, já existia em 1953, no próprio ato de nomear as categorias do ternário de “registros”.

Se passamos a considerar RSI como um nó borromeano constituindo uma referência matemática na clínica, podemos escrever o nivelamento e então inscrever as diferentes coordenadas do sonho que isolamos com Lacan. Tal movimento consiste em inscrever o sonho da injeção de Irma no centro do nó borromeano, em que as consistências são quase superpostas (1.º tempo). Em seguida puxamos cada uma delas, e o fenômeno estudado se difrata em seus três constituintes

20. Durante o seminário *Les non-dupes errent*, cf. C. Conté, “Borroméens (noeuds)”, dans P. Kaufmann, *L'apport freudien*. Paris: Bordas, 2003. p. 78.

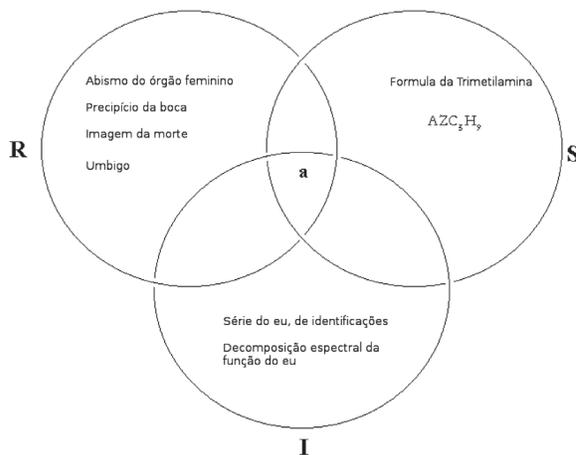
21. Seria uma pista para pesquisa a ser desenvolvida futuramente.

22. Le Robert, dicionário de língua francesa.

distintos correspondentes aos três registros (2.º tempo):



1.º tempo: Inscrição do sonho em RSI
(Sonho da injeção de Irma)



2.º tempo: Coordenadas do sonho a partir
de uma referência borromeana
(três consistências)

As vantagens desta apresentação, em que a identificação dos três registros às rodas de barbante atadas borromeamente, são múltiplas e permitem que possamos responder a nossa questão inicial: por que figurar a articulação entre os registros com a ajuda do borromeano?

Inicialmente, essa apresentação resolve a questão da amarração dos três eixos sem

confundí-los em um só ponto (não se trata de um ponto de amarração, um “ponto triplo” segundo Lacan), fazendo com que um buraco, um vazio central e ambiente, um espaço furado, não total, contrariamente ao sistema de coordenadas cartesianas que se trata, de uma certa maneira, de um espaço fechado (englobando todos os pontos possíveis).

Por outro lado, contrariamente aos eixos, essa apresentação permite a existência dos campos. Assim, ela se mantém em uma lógica de referência, mas se afasta da “velha geometria” do sistema de coordenadas cartesiano. Da mesma maneira que com os campos a dificuldade em justificar a ordem dos pontos sob os eixos (Rn, In, Sn) que havíamos encontrado desaparece. Podemos colocar os elementos em um campo sem nos preocuparmos com a ordem respectiva deles.

Outra vantagem: o nó borromeano vai permitir que os registros se mantenham juntos sem que exista uma relação dual entre eles (concatenação, travessia, violação de buracos). Ora, Guy Le Gaufey nos diz, apoiando-se na seção de 15 abr. 1971 do seminário RSI de Lacan, que a relação sexual é “suportada pela concatenação simples”.²³ Nesse sentido, o borromeano *metaforiza a não relação sexual* e ilustra uma não relação que não se reduz à ausência de relação: é uma não relação uma vez que ela permite que o atamento do nó porte uma definição positiva.

Mais uma vantagem: com o borromeano toda ideia de supremacia de um registro sobre os outros desaparece. Com a perfeita substituidade dos círculos em termos de cortes (ao cortarmos, não importa qual, os outros dois também são liberados), o borromeano garante uma não hierarquia dos registros, ponto a que Lacan irá retornar di-

23. Cf. LE GAUFÉY, Guy. *Le pas-tout de Lacan*. Paris: EPEL, 2006. p. 155 e seg.

versas vezes.²⁴ Não existe “nenhuma prevalência”²⁵ de um registro sobre os outros, eles possuem o mesmo valor e ao mesmo tempo é necessário distingui-los.

Última vantagem: segundo Milner, essa apresentação permite uma matematização mais adequada à psicanálise. O nó...

...enquanto borromeano mostra-se próprio à estrutura, ou mais exatamente a matematizar [...] o ternário do real, do simbólico e do imaginário [...]. Até então, a doutrina poderia, e mais e mais precisamente, determinar aquilo que ela entenderia pelo real, pelo simbólico e pelo imaginário; ela não poderia então articular nada de robusto sobre seus modos de coexistência. Doravante, o nó borromeano se revela, através desta espécie de felicidade que encontramos algumas vezes nas letras, oferecendo a solução mais clara e também a mais fecunda.²⁶

Contudo, é necessário nuançar essa afirmação porque essa solução (o laço RSI) que, segundo Milner é “a mais clara”, continua sendo qualificada de “enigmática” por Lacan em 1975. Porém, Milner vai ainda mais longe:

Antes, as maiúsculas R, S e I podiam passar por simples abreviações sem outra regra de manejo, a não ser a comodidade descritiva, sem nenhuma outra legitimidade que não

seja de serem as iniciais (crítica que pensamos ser particularmente pertinente no caso das formalizações RSI enquanto coordenada cartesiana). Tornadas, cada uma entre elas, a etiqueta de uma volta borromeana atada as outras duas, elas se descobrem tomadas em uma lei real que as restringe.

A passagem do RSI-referência ao RSI-nó abre as possibilidades de cálculo a partir das voltas identificadas às letras, o que sempre é, segundo Milner, próprio a uma matematização (liberalização e cálculo), assim uma cientificação da psicanálise. Se aceitamos esse movimento de cientificação para o nó, nos resta a difícil tarefa de encontrar o que corresponderia na clínica aos cálculos feitos a partir das voltas.

Todas as vantagens desse “suporte” do RSI trazidas pelo nó borromeano às três consistências também trazem consigo alguns problemas, notoriamente o da diferenciação entre as zonas de intersecção dos registros. De fato seria desejável que o suporte escolhido por RSI permita a distinção entre “simbolicamente imaginário” e do “imaginariamente simbólico”, por exemplo, visto que Lacan nos lembra em 1955 que existe uma diferença entre “iS” e “sI”:

Lembrem-se que, na conferência inaugural desta sociedade (8 jul. 1953), aquilo que eu evoquei a propósito do simbólico, do imaginário e do real. Tratava-se de utilizar tais categorias sob a forma de pequenas e grandes letras. iS — imaginar o simbólico, colocar o discurso simbólico em forma figurativa, ou seja o sonho. sI — simbolizar a imagem, fazer uma interpretação do sonho.²⁷

Ora, com essa simples referência às três consistências, não podemos distinguir o “iS” e o “sI”: o único campo de intersecção aparente participa dos dois registros de maneira

24. Um exemplo seria a seção do dia 11 fev. 1975 do seminário RSI (inédito): “Homogeneizar (R, S e I), é levá-los ao valor daquilo que comumente é finalmente considerado como mais baixo – nos perguntamos em nome de que — é lhes atribuir uma consistência para dizer tudo do imaginário. É exatamente neste ponto que existe algo a ser endireitado: a consistência do imaginário é estritamente equivalente a do simbólico assim como a do real. Razão pela qual eles se encontram atados dessa maneira, ou seja, de uma maneira são colocados estritamente um em relação ao outro, um em relação aos outros dois, em uma mesma relação”.

25. Cf. LE GAUFÉY, Guy. *Op. cit.*, p. 158.

26. MILNER, J.-C. *Op. cit.*, p. 142.

27. LACAN, J. *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse. Op. cit.*, p. 184-185.

equivalente. Os elementos que se inscrevem nessas zonas são qualificáveis somente de “simbólico e imaginário”, ou “imaginário e simbólico”, e não “imaginariamente simbólico” ou “simbolicamente imaginário”. Essa seria uma insuficiência manifesta do borromeano às três consistências enquanto suporte do RSI. O que é preocupante, uma vez que outras formas diferentes do sonho ilustram a necessidade de precisar os tipos de intersecção. Penso notadamente nos anagramas ou textos figurativos e também, nesta ordem de ideias, em uma caligrafia chinesa²⁸ apresentada por Rainier Lanselle em um artigo da revista *Essaim*²⁹ (cf. Desenho 1).

Ali (nesta) caligrafia, o significante gráfico (o elemento 鬼 que significa “demônio”, “espírito”) foi substituído *pela própria coisa* [...] Neste contexto de porosidade entre o objeto e a representação (correspondente à origem pictográfica de caracteres chineses), o significado toma com facilidade o lugar do *significante*: no lugar de 鬼, que quer dizer “demônio”, “espírito” o calígrafo colocou *o desenho* de um demônio, de um espírito. Este desenho se encontra, sob o calígrafo, exatamente na mesma posição que o signo 鬼 pelo qual ele se substitui: na ponta de seu pé, reconhecemos o elemento 斗, na mesma posição que 斗 em relação a 鬼, no caractere 魁. Este “desenho caligráfico” *realiza*, dito de outra maneira, inscrito no real, o significante gráfico 魁.” O traço que marcamos nesta caligrafia seria “com exceção dos olhos, este “corpo” não é [...] formado de nada mais que vários de caracteres de escritura: em ocorrência dos oito caracteres que compõem as duas fórmulas: 克己復禮 e 正心修身, os caracteres aqui tra-

tados sob formas cursivas. Este halógrafo, que é a caligrafia, se organiza então em rebus.

Com essa referência aos rebus encontramos o sonho, designado por Lacan, como uma operação iS. O real abordado por Rainier Lanselle é aquele da própria obra, da realidade da obra pintada. Podemos propor esse real ao caráter imaginário, não realizado, do sonho. O processo caligráfico aqui apresentado poderia então se inscrever “rS”, no sentido em que ele realiza o simbólico (Lanselle escreve: “O desenho [...] realiza o significante gráfico”); e a leitura da caligrafia feita e autorizada por Lanselle se escreveria então “sR”, ou seja, simbolizaria o real. Contudo, penso que o real aqui indicado diz da imagem pintada, seja ao imaginário (mesmo quando ele se realiza em pintura) em vez da categoria do real enquanto impossível.

Eu diria que o nó de três voltas não permite que essas nuances entre as intersecções o de registros sejam representadas. Ora, essas nuances finalmente nos reenviam à “triplicidade” de cada registro que se decompõe em três elementos RSI: no nó borromeano a três consistências existiria, de acordo com Lacan, “uma identidade entre os três termos do simbólico, do imaginário e do real a tal ponto que nos parece exigível encontrar em cada tríplice esta trindade do simbólico, do imaginário e do real”.³⁰ RSI se encontra, assim, em cada um desses elementos. Proponho a figuração dessa tríplice de cada consistência, portanto, essa distinção entre os campos deixados indistintos pelos nós à três voltas, com a ajuda de um nó borromeano à nove voltas (cf. Desenho 2). Podemos igualmente optar por uma figuração que inclua a função do sintoma, seja um nó borromeano a dez voltas (nove voltas “mal” atadas mas a volta do sintoma que asseguraria o caráter borromeano da cadeia, ver Desenho 3). Essas duas figuras resolveriam o problema evocado que

28. E ainda, segundo o *Dicionário internacional de termos literários*, o precursor do anagrama, Apollinaire, seria aficionado à escritura chinesa.

29. Trata-se de uma caligrafia de Ma Dezhaio (séc. XIX, conservado na Floresta de Stèles, Xi’an), apresentado por Erik Porge durante seu seminário em 2004 e publicado junto com as explicações de Rainier Lanselle na revista *Essaim*, n. 13.

30. Seminário RSI, seção de 13 mar. 1975, citada por Erik Porge, *op. cit.*, p. 167.

podemos nomear de “problema do tipo de intersecção”: sob cada uma delas nós distinguimos bem o “sI” do “Is”.

Outro problema do suporte borromeano RSI é o da solidez do nó, que implica a solidez de cada uma dessas consistências. Trata-se de saber o que significa essa solidez e então, conseqüentemente, o que significa o corte: que pode significar cortar um círculo que seria então identificado a um registro? Que ele se mantenha ou que ele ceda implicaria que ele possua alguma consistência. Com a noção da consistência de cada círculo-registro a questão da pertinência de uma “definição física”³¹ do nó que é colocada, pois se ele serve de suporte ao RSI. O problema é bastante vasto e complexo para mim, razão pela qual eu o abordo. Ele me parece ser uma importante pista de trabalho.

Como uma conclusão e um convite a continuar

A lógica da referência que preside a aparição de RSI em 1953 é necessária na clínica. Ela também se encontra presente quando Lacan introduz a lógica nodal. Mas essas duas lógicas são irreduzíveis uma a outra, e inscrever, como fizemos, uma formação inconsciente na referência, por mais borromeana que seja, não significa entrar na lógica nodal. Para tal, a lógica do nó não nega a lógica da referência: ela a ultrapassa, no sentido de uma *Aufhebung*, ao mesmo tempo em que ela a ultrapassa ela a conserva:

- o que é conservado: as letras RSI correspondentes aos registros-reunidos e a existência de uma referência;
- o que é ultrapassado: a inscrição sobre uma superfície como um esquema ou um *mis à plat*,³² que teria finalmente uma simples função ilustrativa (fixação ou retorno à “velha geometria”);

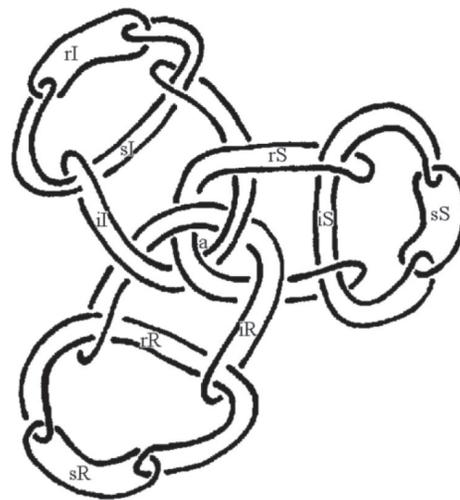
31. De acordo com as palavras de Guy Le Gaufey, *op. cit.*, p. 158.

32. “*Mis à plat*” é um termo técnico utilizado por Lacan que designa a projeção do nó numa superfície de duas dimensões.

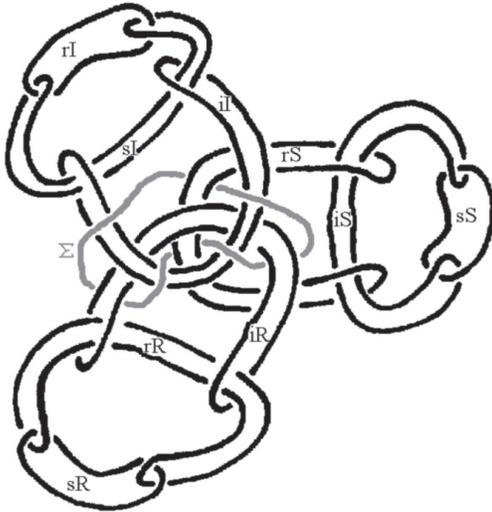
- o que é novo: o fato de mantê-los juntos e aquilo que temos de encontrar de especificamente inovador graças a essa questão do atamento (a questão específica do nó). Nesse âmbito, os problemas da significação clínica do cálculo dos círculos e da consistência dos registros demandariam outros desenvolvimentos.



Desenho 1 - Caligrafia chinesa



Desenho 2 - Referência borromeana a 9 consistências



Desenho 3 - Referência borromeana a 10 consistências

Abstract

Why is the RSI ternary figurative of the borromean? Starting from this apparently simple question our aim is to isolate two distinct forms of logic at work in Lacan's teachings on the ternary: the so-called marker first mentioned in 1953 and the nodal, which appeared with the borromeanisation of RSI from 1973 on. We describe the first as the logic of marking because of its proximity to the Cartesian approach of algebraic coordinates of geometric forms (the Cartesian marker). This, however, poses certain problems and the appearance of the borromean link in 1973 manages to solve some of them. We thus examine the advantages and the limits of this new presentation of RSI by a triple consistency borromean to propose instead a knot of nine consistencies as a support of RSI. This development raises the question of the connections and cross-checkings between clinical practice, nodology and the science of psychoanalysis.

Keywords: RSI, Node, Reference, Clinic.

Referências

BLOCH, O.; Von Wartburg W. *Dictionnaire étymologique de la langue française* (1932). Paris: PUF, 1994.

FROISSART, J. *Dictionnaire du moyen français*. Paris: Larousse, 1992.

KOYRÉ, A. *Introduction à la lecture de Platon, suivi de entretiens sur Descartes*. Paris: Gallimard, 1991. p.166-167.

LACAN, J. *Le séminaire, livre XXI: Les non-dupes errent* (1973-1974). (Inédito). Transcrição em francês disponível na internet na página do psicanalista Patrick Valas: <<http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-Les-non-dupes-errent-1973-1974,249>>.

LACAN, J. Conferência proferida na Faculdade Universitária de Saint-Louis, em Bruxelas, em 10 mar. 1960. Disponível em francês na página "Pas-tout Lacan". Disponível para consulta pela internet em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/bibliotheque.php?id=10>>.

LACAN, J. *Le séminaire, livre II: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse* (1953-1954). Paris: Le Seuil, 1978. Em português: Lacan, J. *O seminário, livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. *Le séminaire, livre XXII: RSI* (1974-1975). (Seminário inédito, transcrição em francês disponível na internet na página do psicanalista Patrick Valas: <<http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-RSI-1974-1975,288>>.

LACAN, J. *Le séminaire, livre XXIII: Le sinthome* (1975-1976). Paris: Seuil, 2003. Em português: LACAN, J. *O seminário, livro XXIII: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LEGAUFEY, G. *Le pas-tout de Lacan*. Paris: EPEL, 2006.

MILNER, J. C. *Œuvre Claire*. Paris: Le Seuil, 1995, p. 92 et 94-95.

PORGE, E. *Jacques Lacan, un psychanalyste*. Toulouse: Érès, 2000. Em português: Porge E., *Jacques Lacan um psicanalista: percurso de um ensino*. Tradução de Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, Nina Virginia de Araújo Leite e Viviane Veras. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

PORGE, E. Du déplacement au symptôme phobique. *Littoral*, n. 1, juin. 1981.

RECEBIDO: 15/03/2013
 APROVADO: 15/04/2013

SOBRE O AUTOR

Vincent Clavurier

Psicanalista em Paris.

Atua no CMPP de Montreuil e no CMP de Saint-Denis, na região parisiense.

Membro da Association de Psychanalyse Encore e autor de vários artigos, entre eles, *La consistance du nœud borroméen: un problème psychanalytique?*, que seria a continuidade do presente trabalho (*La consistance du nœud borroméen: un problème psychanalytique?*, em *Essaim*, Revue de psychanalyse, n. 28, Toulouse, Erès.

Endereço para correspondência:

94 Rue La Fayette

75010 - Paris - França

E-mail: vincent.clavurier@wanadoo.fr

Humor em Chaplin

Humor in Chaplin

Virgínia Britto

Resumo

Freud retrata o humor como mecanismo de defesa nobre, uma possibilidade para enfrentar o sofrimento e transformá-lo em prazer. A partir de recortes da autobiografia de Chaplin, reflito sobre a importância do seu trabalho criativo com o humor como ponte para a elaboração de conflitos e reconstrução pessoal.

Palavras-chave: Humor, Criação, Mecanismo de defesa, Cinema.

O meu primeiro contato com a obra de Chaplin foi com o filme *Tempos modernos*. Impressionou-me sua capacidade de penetrar, com sensibilidade ímpar, a alma humana, extraindo material para seus filmes. Tanto nesse quanto nos demais filmes desse artista, o conteúdo trágico é transformado em cômico e, assim, podemos acolher seu peso e pensar em suas verdades.

Gênio do humor, ele nos impressiona não só pela profundidade da obra que constrói mas também pela sua humanidade, sua ética e sua generosidade. A leitura da autobiografia de Chaplin me fez pensar a respeito da relação entre sua vida e sua obra. Tomo, assim, algumas passagens para uma reflexão.

Filho de artistas de teatro, passa a meninice em estado extremo de pobreza, tendo de ir para uma escola de crianças órfãs e indigentes, porque sua mãe não tinha condições de sustentar os filhos e a si mesma. Além disso, sofre com o adoecimento mental materno; no seu primeiro internamento, Chaplin tinha apenas sete anos. Aos doze, vivencia o segundo período de internação da mãe e, com a ausência do irmão, que estava na marinha viajando, fica completamente só. Após retorno do irmão, procura e consegue papel como ator em uma peça teatral. Sobre esse momento, escreve Chaplin (1965, p. 71):

Fui para casa de ônibus, tonto de felicidade, e só então compreendi realmente o que me sucedera. Subitamente deixava para trás a vida de miséria e realizava um sonho tão desejado — um sonho de que minha mãe falara tanto, pelo qual anelara tanto. Eu ia ser um ator!... compreendi que transpusera um limiar importantíssimo. Já não era mais um vagabundo dos bairros miseráveis; agora era um personagem do teatro. Tinha vontade de chorar.

Ao lado dessas experiências, Chaplin recorda o carinho e os mimos que recebera da mãe enquanto estava bem de saúde. Mesmo nos momentos difíceis, agia de forma bem humorada e, às vezes, fazia piadas com as pessoas que passavam na rua, divertindo-se com os filhos. Apesar da pobreza, cuidava para que mantivessem um linguajar correto, sem os erros comuns nas classes mais baixas.

No teatro, atuando em papel cômico de variedades, ele fracassa; percebendo que não tinha aptidão para esse tipo de atuação, se consola como ator característico. Em seguida, ingressa na companhia Karno, atinge sucesso contracenando como ator cômico aos 19 anos. Após regresso a Londres, conhece Hetty Kelly e se apaixona tendo com ela apenas cinco encontros, que lhe deixam uma marca profunda. Não sendo correspondido, se afasta da garota, mas não a esquece.

Chaplin viaja para os Estados Unidos por duas vezes com essa companhia e, desde a primeira estada, percebeu que seu futuro estava naquele novo mundo onde o progresso acenava por todos os lados. Na segunda temporada recebe convite para atuar no cinema, na companhia Keystone. Naquela época, não havia história escrita, o diretor lançava mão de uma ideia, e depois a equipe seguia uma sequência natural, favorecendo o espírito criativo, contrapondo-se à experiência de Chaplin no teatro com texto já preestabelecido, que era repetido em sucessivas apresentações.

A criação de Carlitos

A pedido do diretor Mack Sennett, Chaplin procura uma caracterização cômica, mas não tinha a menor ideia do que iria usar. Diz Chaplin (1965, p. 141-142):

Contudo, a caminho do guarda-roupa, pensei em usar umas calças bem largas, estilo balão, sapatos enormes, um casaquinho bem apertado e um chapéu-coco pequenino, além de uma bengalinha. Queria que tudo estivesse em contradição: as calças fofas com o casaco justo, os sapatões com o chapeuzinho. Estava indeciso sobre se devia parecer velho ou moço, mas lembrei-me de que Sennett esperava que eu fosse mais idoso e, por isso, adicionei ao tipo um pequeno bigode, que, pensei, aumentaria a idade sem prejudicar a mobilidade da minha expressão fisionômica.

Não tinha nenhuma ideia sobre a psicologia do personagem. Mas, no momento que assim me vesti, as roupas e a caracterização me fizeram compreender a espécie de pessoa que ele era. Comecei a conhecê-lo e, no momento em que entrei no palco de filmagem, ele já havia nascido. Estava totalmente definido. Quando cheguei à frente de Mack, entrei no personagem, andando em passos rápidos, girando a bengalinha diante dele. Incidentes e ideias cômicas vinham em tropel à minha mente.

Chaplin percebeu que seu personagem era diferente daqueles que os norte-americanos conheciam, e observa: “Eu próprio não o conhecia... Mas, dentro daquelas roupas, ele se tornava uma realidade, uma pessoa viva. Na verdade, ele me inspirava toda a espécie de ideias malucas, com as quais nunca sonhava senão quando assim vestido, entrava na personalidade do Vagabundo” (CHAPLIN, 1965, p. 144).

Com a leitura desse trecho, fiquei a pensar sobre a construção do personagem como uma formação do inconsciente, como os sonhos, que trazem, através dos seus personagens, as verdades censuradas do sonhador (FREUD, 1900).

No seu trabalho sobre o personagem da escrita, observa Carlos Pinto Corrêa (2008, p. 49):

Podemos pensar também que o personagem é a encarnação de alguém recortado da realidade do escritor, que se torna uma espécie de espelho da realidade com a qual o leitor se defronta. Ele está entre o escritor e o leitor. Mesmo tendo sido inventado pelo autor, o personagem aparece como figura independente do seu criador e tem vida própria entre seus pares.

A criação do personagem acontece no campo do imaginário do autor, trazendo a marca dos seus significantes inconscientes (CORRÊA, 2008). Como diz Chaplin a respeito de Carlitos: eu próprio não o conhecia — torna-se uma realidade. O personagem traz o vagabundo da sua pré-adolescência a perambular pelas ruas de Londres solitário, tentando sobreviver. Em suas películas, coloca Carlitos em uma série de dificuldades, com as quais luta sempre para encontrar saídas.

Confiando nas suas ideias e aspirando mais liberdade para criar, Chaplin se empenha para dirigir seus próprios filmes, o que acontece em 1914 com a película *Apanhando na chuva*.

Em 1919 se casa com Mildred Harris. Após o casamento grava *Idílio campestre*, com muitas dificuldades, tendo o enlace péssimo efeito sobre suas faculdades criadoras. Chaplin relata tratar-se de uma relação que carecia de base vital, percebendo que havia sido colhido por uma série de tolas circunstâncias.

Em 1920, durante a separação de Mildred, filma *O garoto*. Nesse filme, Chaplin faz uma inovação: a mistura de farsa grossa e emoção é uma transição para o sentimento; mistura até então inexistente, alcança grande sucesso, e o filme é considerado um clássico do cinema.

Após filmar *A classe ociosa* (1920), resolve ir a Londres, desejando se encontrar com Hetty Kelly. Havia recebido uma carta dela, dez anos após o primeiro encontro. Ela estava casada e o convidava para jantar com eles. Chegando à Europa, soube que Hetty havia falecido e sente-se chocado. Ela era a única amiga do passado que queria encontrar. Nessa viagem, revê lugares onde morou em Londres e recebe várias homenagens durante sua estada na Europa. Retorna aos Estados Unidos, retomando as filmagens com *Casamento ou luxo* em 1923. Em 1925, quando filmava *Em busca do ouro*, se casa pela segunda vez. Com dois filhos, separaram-se após dois anos, apesar das tentativas para continuar.

Chaplin observa que o seu personagem vai se tornando mais complexo. Escreve sobre os tempos da Keystone:

Seu cérebro raramente funcionava nesses dias — apenas funcionavam seus instintos, que se voltavam para as necessidades essenciais: comida, aquecimento, abrigo. À medida que as comédias se sucediam, o vagabundo ia se tornando mais complexo. O sentimento começava a se infiltrar em seu caráter. Isso se tornou um problema, porque limitava seus movimentos e iniciativas no terreno da farsa grossa (CHAPLIN, 1965, p. 208).

Escreve que a solução aparece quando começa a pensar no vagabundo como uma

espécie de pierrô, podendo embelezar as comédias com um toque de sentimento. Diz que um dos problemas dos seus filmes era fazer uma moça se interessar por um vagabundo. Na película *Em busca do ouro* (1925) filme de 1925, inicialmente o interesse da moça era se divertir à custa dele, mas depois esse interesse se transformou em piedade. A seguir, em *Luzes da cidade* (1931), a moça é cega, ele é romântico e maravilhoso até que ela recupera a visão. Chaplin filma *Luzes da cidade* após a sincronização do som em filmes. Sentia-se deprimido pelo medo de estar desatualizado, mas, ao mesmo tempo, acreditava que a primeira palavra pronunciada pelo seu personagem o transformaria em outra pessoa (CHAPLIN, 1965, p. 367). O filme se torna um sucesso, e Chaplin resolve ir a Londres para o lançamento dez anos depois da última viagem.

Após oito meses de férias, retorna a Beverly Hills. Sente-se só e isolado. A esperança de encontrar alguém na Europa que pudesse trazer estímulo a sua vida não se concretizou e, com a separação do amigo Douglas Fairbanks de Mary, se sentia num deserto.

Um mês depois da sua chegada, conhece Paulette Goddard, que vem a ser sua terceira mulher. Escreve Chaplin (1965, p. 283): “O laço que nos prendeu a Paulette e a mim, foi a solidão”. Cinco anos após a produção de *Luzes da cidade*, filma *Tempos modernos* (1936) com Paulette. Nesse filme, o vagabundo se enamora e é correspondido. Pela primeira vez, Carlitos termina a película com uma companheira, deixando a solidão para trás. Esse é o prenúncio do encontro de Chaplin com seu grande amor, Oona O’Neill. O relacionamento com Paulette termina oito anos depois, na conclusão de *O grande ditador* (1940). Com planos para um novo filme, *Shadows and Substance*, Chaplin conhece Oona com quem irá conviver o resto da vida.

Com esse relato, podemos ver que a produção fílmica e a vida de Chaplin estão intimamente relacionadas. Através do seu processo criativo, observamos uma relação

entre as transformações do vagabundo e as do seu autor. O vagabundo voltado apenas para a sobrevivência evolui, mostra seus sentimentos, consegue ultrapassar a solidão e construir uma relação amorosa com uma mulher também sofrida e desamparada. O autor consegue atravessar os sofrimentos da sua infância e adolescência, tomar consciência dos seus sentimentos, das suas necessidades de cada período de vida e construir caminhos em meio a essas dificuldades.

Pergunto: aliado ao processo criativo, como o humor operou na vida de Chaplin?

Chaplin diz que não precisou ir aos livros para saber que o tema da vida é conflito e dor: “Instintivamente todas as minhas bufonadas eram baseadas nisso. Meus meios de engendrar um enredo de comédia eram simples. Bastava-me o processo de colocar as criaturas em dificuldades e fazê-las sair dessas dificuldades” (CHAPLIN, 1965, p. 210). Observa que o humorismo é coisa diferente e muito mais sutil. Cita a análise de Max Eastman no seu livro *Senso de humor* e escreve:

Ele acha que consiste em brincar com a dor. Sustenta que o *Homo sapiens* é masoquista, gozando a dor sob várias formas, e que as plateias gostam de sofrer vicariamente — como fazem as crianças quando brincam de índio, quando gostam de receber tiros e de morrer estrebuchando aos golpes inimigos. Com tal teoria eu concordo. Mas isso é mais uma análise do drama do que do próprio humorismo, embora um e outro sejam quase a mesma coisa. Em outras palavras: no humorismo vemos o irracional nas coisas que parecem racionais e o que não é importante nas coisas que parecem importantes. Isso também acentua o nosso sentido de sobrevivência e preserva a nossa sanidade. Porque o humorismo nos alivia das vicissitudes da vida, ativando o nosso senso de proporção e nos revelando que a seriedade exagerada tende ao absurdo (CHAPLIN, 1965, p. 210).

Lendo Chaplin, observei a semelhança entre o que escreve e o que Freud traz sobre o humor, colocando-o como um mecanismo de defesa nobre, um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos. Diante de uma situação aflitiva, o afeto penoso é suspenso em sua base, a energia de liberação do desprazer é retirada, transformando-o em uma descarga de prazer. O indivíduo se poupa do afeto doloroso que uma situação daria origem, afastando-o com uma pilhéria.

No humor, vence o narcisismo, o princípio do prazer prevalece em detrimento de agruras das circunstâncias reais. Diz Freud ([1927]1976, p. 191): “O humor não é resignado, mas rebelde ...”.

Na atitude humorística, o indivíduo se torna indulgente para consigo mesmo. Vemos aí uma relação benevolente do superego para com esse ego intimidado. É uma atitude de recusa a sofrer, possível apenas em algumas constituições psíquicas agraciadas por esse dom, para aqueles a quem foi possível manter a criança viva em si.

Recordo um gesto frequente no personagem Carlitos: diante de alguma dificuldade, ele levanta os ombros como quem não tem jeito a dar e segue em frente, buscando novos caminhos. O silêncio do gesto expressa o que a palavra não alcança: o inapreensível do inconsciente sentido na carne. Através do processo de criação com o humor, Chaplin consegue transpor várias dificuldades e recriar a própria vida, construindo uma ponte para a sua reconstrução interna.

Para concluir, trago um pensamento de Chaplin (1965, p. 403):

Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

Abstract

This article is a reflection about the value of Chaplin's work with humor and creativity to elaborate his personal conflicts and promote a life reconstruction, using Freud's conception about humor as a noble defense mechanism.

Keywords: Humor, Creation, Defense mechanism, Cinema.

Referências

CHAPLIN, C. *História da minha vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

CORRÊA, C. P. A arte do encontro: leitor e personagem. *Cógito*, Salvador, Círculo Psicanalítico da Bahia, v. 9, p. 48-51, 2008.

FREUD, S. *A interpretação de sonhos* (1900). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 1-360. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4 e 5).

FREUD, S. O humor (1927). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 188-194. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905). In: _____. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-268. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 8).

RECEBIDO: 15/03/2013

APROVADO: 27/03/2013

SOBRE A AUTORA

Virginia Britto

Psicanalista. Membro do Círculo Psicanalítico da Bahia. Mestre em História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora de Técnicas Projetivas da Faculdade Social da Bahia.

Endereço para correspondência:

Rua Cláudio Manoel da Costa, 220 - Canela 40110-180 - Salvador/BA

E-mail: virginia.lucia.britto@gmail.com
virginalb@oi.com.br